



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAROLINA NUNES MIRANDA CARASEK DA ROCHA**

**MULHER MIGRANTE OCIDENTAL: UMA LEITURA DO SEU PAPEL E  
IMPORTÂNCIA DENTRO DO GRUPO ESTADO ISLÂMICO**

Florianópolis

2016

**CAROLINA NUNES MIRANDA CARASEK DA ROCHA**

**MULHER MIGRANTE OCIDENTAL: UMA LEITURA DO SEU PAPEL E  
IMPORTÂNCIA DENTRO DO GRUPO ESTADO ISLÂMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Relações Internacionais, da Universidade  
Federal de Santa Catarina, como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel  
em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Graciela De Conti Pagliari, Dra.

Florianópolis

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota **10 (dez)** à aluna Carolina Nunes Miranda Carasek da Rocha na disciplina CNM 7280 – Monografia, pela apresentação do trabalho intitulado “Mulher migrante ocidental: uma leitura do seu papel e importância dentro do grupo Estado Islâmico”.

Banca examinadora:

---

Prof. Graciela De Conti Pagliari, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Márcio Roberto Voigt, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Yasmin Azucena Calmet Ipince, Ms.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a minha família, por todo amor e apoio incondicional a cada nova etapa de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por minha vida e família.

Aos meus pais, Eduardo e Marjorie, por todo o amor, apoio, presença e incentivo em todos os momentos de minha vida. Muito obrigada por me darem a melhor educação possível.

A minha irmã, Mariana, por ser meu maior exemplo.

À Sophy, por alegrar todos os meus dias.

Aos meus amigos, pelo companheirismo e por tornarem esses quatro anos de graduação repletos de boas memórias. Um agradecimento especial à Anna Luiza, pela amizade e pelas conversas e cafés sobre este trabalho, que foram muito proveitosas.

Ao Thomas, pelo apoio e carinho constantes. Obrigada por me achar um mito.

À Professora Graciela De Conti Pagliari, pela oportunidade e orientação na elaboração deste trabalho.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao curso de graduação em Relações Internacionais pelo aprendizado adquirido.

“We are all so desperate to be understood, we forget to be understanding”  
(Beau Taplin).

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar como o papel das mulheres migrantes ocidentais contribui e é importante para a consolidação do Califado, objetivo-maior do Estado Islâmico. Para isso relata o marco teórico do terrorismo e apresenta a organização do grupo terrorista Estado Islâmico e do Califado, um pseudo-Estado islâmico. Analisa os papéis que as mulheres migrantes ocidentais exercem dentro do grupo e sua importância na consolidação do Califado a partir de uma amostra dessas mulheres, utilizando suas postagens em redes sociais. Destaca-se que mesmo utilizando casos particulares, as descobertas relatadas podem ser interpretadas por analogia como premissas para mulheres migrantes em geral, considerando os dados que foram coletados até o presente momento. Dessa forma, a metodologia empregada é a literatura formal e método de abordagem dedutivo, que partirá de uma premissa geral, o terrorismo fundamentalista islâmico, para uma premissa específica, a função e importância das mulheres no terrorismo fundamentalista islâmico do ISIS. Ademais, o trabalho utiliza como técnica de pesquisa bibliografias e documentações indiretas, em especial os relatórios “Till Martyrdom Do Us Part: Gender and the ISIS Phenomenon” de Saltman e Smith (2015) e “Becoming Mulan” de Hoyle, Bradford e Frenett (2015), únicas fontes existentes até o presente momento sobre as mulheres migrantes do Estado Islâmico. Como resultado e conclusão, apresenta-se os papéis de esposas e mães, papéis femininos e recrutadoras como importantes para a manutenção e expansão do Califado do grupo terrorista.

Palavras-chave: Terrorismo. Estado Islâmico. Mulheres.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze how the role of western migrating women contributes and it is important for the consolidation of the Caliphate, main objective of the Islamic State. To do so, narrates the theoretical framework and introduces the organization of the terrorist group Islamic State and the Caliphate, a pseudo-State. Analyzes the roles western migrating women take inside the group and their importance in the consolidation of the Caliphate from a sample of these women, using their publications on social networks. Highlights that even using particular cases, the findings narrated can be interpreted by analogy as premises for the migrating women in general, considering the data collected until the present moment. Therefore, the methodology employed is formal literature and deductive method of approach, which departs from a general premise, Islamic fundamentalist terrorism, to a specific premise, the function and importance of women in the Islamic fundamentalist terrorism of ISIS. Furthermore, the work uses as research technique bibliographies and indirect documentation, especially the reports "Till Martyrdom Do Us Part: Gender and the ISIS Phenomenon" by Saltman and Smith (2015) and "Becoming Mulan" by Hoyle, Bradford and Frenett (2015), only available sources so far about the migrating women of the Islamic State. As result and conclusion, presents the roles of wives and mothers, feminine roles and recruiters as important for the maintenance and expansion of the Caliphate of the terrorist group.

Key words: Terrorism. Islamic State. Women.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa 1 - O mapa da guerra na Síria .....	46
Figura 2: Infográfico 1 – A situação na Síria.....	47
Figura 3: Gráfico 1 – Fontes de renda do Estado Islâmico em 2014 .....	54
Figura 4: Mapa 2 – Refinarias de petróleo sob o domínio do ISIS.....	55
Figura 5: Mapa 3 – Ganhos e perdas territoriais do Estado Islâmico entre 01 jan. 2015 e 14 mar. 2016.....	56
Figura 6: Imagem 1 - Capa das duas primeiras edições da Dabiq .....	60
Figura 7: Imagem 2 - Propaganda do ISIS para atrair mulheres .....	69
Figura 8: Imagem 3 - Propagandas do ISIS mostram utopia e vitimização.....	69
Figura 9: Imagem 4 - Última mensagem de uma criança síria de 3 anos .....	73
Figura 10: Imagem 5 - <i>Tweet</i> sobre a morte de muçulmanos inocentes .....	74
Figura 11: Imagem 6 - Minha irmã e eu.....	75
Figura 12: Imagem 7 - Propaganda de casamento .....	77
Figura 13: Imagem 8 - <i>Tweet</i> de Zahra sobre a morte de seu marido .....	82
Figura 14: Imagem 9 - Perguntas respondidas pelas recrutadoras .....	86

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: motivações de mulheres se unirem ao ISIS.....	70
---	----

## LISTA DE SIGLAS

al-Nusra	AlQaeda na Síria
al-Sham/EII/ISIL	Estado Islâmico do Iraque e do Levante
AQI	AlQaeda no Iraque
ASALA	Armenian Secret Army for the Liberation of Armenia
CIJ	Corte Internacional de Justiça
DIG	Diretório de Inteligência Geral
EI/ISIS/EIIS	Estado Islâmico
EII	Estado Islâmico do Iraque
ETA	Pátria Basca e Liberdade
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
HAMAS	Movimento de Resistência Islâmica
IRA	Exército Republicano Irlandês
NACCJSG	National Advisory Committee on Criminal Justice Standards and Goals
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
SOFA	Acordo de Status de Forças

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>TERRORISMO</b>	<b>15</b>
2.1	BREVE HISTÓRIA DO TERRORISMO	16
2.2	DEFINIÇÃO DE TERRORISMO	19
<b>2.2.1</b>	<b>Terrorismo Nacional</b>	<b>26</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Terrorismo Internacional</b>	<b>27</b>
2.3	CARACTERÍSTICAS DO TERRORISMO INTERNACIONAL	30
2.4	TIPOLOGIAS DO TERRORISMO	33
<b>2.4.1</b>	<b>Terrorismo Fundamentalista Islâmico</b>	<b>34</b>
<b>3</b>	<b>ESTADO ISLÂMICO</b>	<b>38</b>
3.1	TERMINOLOGIA	39
3.2	HISTÓRIA DO ESTADO ISLÂMICO	40
3.3	OBJETIVO	50
3.4	ECONOMIA	52
3.5	TERRITÓRIO	55
3.6	GOVERNO	57
3.7	POPULAÇÃO	58
<b>4</b>	<b>MULHER MIGRANTE OCIDENTAL: UMA LEITURA DO SEU PAPEL E IMPORTÂNCIA DENTRO DO GRUPO ESTADO ISLÂMICO</b>	<b>64</b>
4.1	PERFIS DAS <i>MUHAJIREEN</i>	65
4.2	PROPAGANDAS DE RECRUTAMENTO DE MULHERES OCIDENTAIS	67
4.3	MOTIVAÇÕES	70
<b>4.3.1</b>	<b>Push Factors</b>	<b>70</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Pull Factors</b>	<b>74</b>
4.4	A FUNÇÃO DAS MULHERES NO CONCRETIZAÇÃO DO OBJETIVO DO ESTADO ISLÂMICO	78
<b>4.4.1</b>	<b>Esposas e mães</b>	<b>78</b>
<b>4.4.2</b>	<b>Papéis femininos</b>	<b>83</b>
<b>4.4.3</b>	<b>Recrutadoras</b>	<b>84</b>
4.5	A IMPORTÂNCIA DAS <i>MUHAJIREEN</i> PARA O GRUPO TERRORISTA ESTADO ISLÂMICO	88
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>90</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 29 de julho de 2014 o grupo terrorista mais proeminente dos últimos anos, Estado Islâmico, declarou a construção do Califado e convocou todos os muçulmanos a se unirem a causa. O Califado é visto como o Estado islâmico ideal e utópico, uma sociedade justa e organizada, regrada pela interpretação do grupo a respeito do Islã. Assim, o objetivo-maior do ISIS é a construção e expansão de um verdadeiro Estado islâmico. Contudo, carece de elementos essenciais para obter esse status político.

Um Estado é constituído de três elementos basilares: território, governo e população. Em relação ao primeiro, atualmente o ISIS controla uma área de cerca de 80 km<sup>2</sup> na região entre Síria e Iraque. O grupo possui uma complexa organização hierárquica, a qual pode ser comparada a um quadro de governo, mas que não encontra respaldo da maior parte da população e nem é representativo. Por fim, conta com combatentes, população da área dominada e migrantes adeptos ao objetivo do grupo, compondo um conjunto que a organização terrorista vê como cidadãos. Assim, o ISIS alega ter todos os requisitos para o Califado.

Contudo, a tentativa do grupo em formar um Estado também falha por não haver reconhecimento internacional, uma componente chave que dá legitimidade aos Estados. Nos moldes atuais o ISIS constitui um pseudo-Estado ou Estado-fantasma, isto é, uma organização armada com infraestrutura socioeconômica de um Estado, mas sem estrutura política de fato. De fato, o ISIS é um grupo terrorista, e esta é sua única aceção pela comunidade internacional. Pratica atos de terror e violência para instigar medo em um público maior que as vítimas imediatas e com um objetivo político, possuindo assim todos os componentes de um grupo terrorista.

Para atingir sua grande meta o Estado Islâmico tem investido na radicalização e recrutamento de jovens ao redor do mundo. O fenômeno da radicalização para o terrorismo mobiliza pessoas de ambos os gêneros, porém, tem-se notado um aumento significativo do número de mulheres convertidas para o extremismo violento do ISIS, principalmente oriundas de países ocidentais. Com efeito, dos estimados vinte mil combatentes estrangeiros ocidentais no território do grupo, cerca de quinhentos e cinquenta são mulheres. O número elevado de mulheres migrantes aponta que o ISIS realiza uma forte campanha de recrutamento e radicalização do gênero feminino. A participação de mulheres em grupos terroristas não é algo novo, porém o ISIS se diferencia pelo valor que dá às *muhajireen*, isto é, as mulheres migrantes ocidentais.

O elevado número de meninas em boas condições econômicas que voluntariamente deixam suas vidas confortáveis no Ocidente para se juntarem a um grupo terrorista com ideologia islâmica radical, popularmente misógino e conhecido por impor um modo de vida secundário e retrógrado à mulher tem sido objeto de debate e preocupação na comunidade internacional.

Deste modo, uma vez reconhecida a importância de estudar o fenômeno da migração feminina ocidental ao grupo terrorista Estado Islâmico, adota-se como tema deste trabalho o papel e a importância das mulheres migrantes ocidentais dentro do grupo Estado Islâmico. Por esse norte, o presente trabalho busca responder a seguinte pergunta de pesquisa: como o papel da mulher migrante ocidental contribui e é importante para a consolidação do objetivo-maior do Estado Islâmico?

Para responder à pergunta de pesquisa, foram traçados três objetivos específicos e um geral. O objetivo geral é analisar como o papel das mulheres migrantes ocidentais contribui e é importante para a consolidação do Califado, objetivo-maior do Estado Islâmico. Para cumprir com este objetivo geral cada capítulo do trabalho possui um objetivo específico que juntos se articulam para responder à pergunta de pesquisa. São eles: 1) relatar a fundamentação teórica do terrorismo; 2) apresentar a organização do grupo terrorista Estado Islâmico e seu objetivo maior; 3) analisar a contribuição e importância do papel das mulheres migrantes ocidentais na consolidação do objetivo-maior do Estado Islâmico.

A metodologia adotada consiste principalmente na utilização de literatura formal. Será utilizado o método de abordagem dedutivo que partirá de uma premissa geral, o terrorismo fundamentalista islâmico, para uma premissa específica, a função e importância das mulheres migrantes ocidentais dentro do grupo terrorista fundamentalista islâmico ISIS. Ademais, o trabalho utiliza como técnica de pesquisa bibliografias e documentações indiretas. Destas as mais significativas são os relatórios “Till Martyrdom Do Us Part: Gender and the ISIS Phenomenon” de Saltman e Smith (2015) e “Becoming Mulan” de Hoyle, Bradford e Frenett (2015), únicos relatórios disponíveis elaborados até o presente momento sobre as mulheres migrantes do Estado Islâmico. De forma subsidiária serão utilizadas reportagens *online* que auxiliam a responder o problema de pesquisa. Ademais, são empregadas postagens e textos de redes sociais de um grupo dessas mulheres.

Assim, ressalta-se que para responder ao problema de pesquisa, o presente trabalho analisou uma amostra de *muhajireen* descritas no item 4.1. Portanto, este

trabalho almeja analisar o papel e a importância da mulher migrante ocidental dentro do grupo Estado Islâmico de acordo com os resultados obtidos da amostra disponível. Portanto, este trabalho não tem dados que demonstrem a motivação da totalidade das mulheres, mas apenas de um grupo delas mapeado até agora. Feita essa ressalta, destaca-se que mesmo utilizando casos particulares, as descobertas relatadas podem ser interpretadas por analogia como premissas para mulheres migrantes ocidentais em geral, considerando os dados disponíveis coletados até o presente momento.

Outrossim, em conformidade com a metodologia do trabalho, são desenvolvidas hipóteses a serem comprovadas ao longo do trabalho. Desta forma, argumenta-se que as mulheres migrantes ocidentais são importantes para o Estado Islâmico devido aos três papéis que desempenham: esposas e mães, papéis femininos e recrutadoras. São importantes como esposas e mães para dar continuidade às gerações de jihadistas, expandindo a população do pseudo-Estado; como papéis femininos a manutenção do grupo; e como recrutadoras para a propagação e atração de pessoas à causa, expandindo o grupo.

O trabalho está organizado em três capítulos, além de introdução e conclusão. O primeiro capítulo apresenta o marco teórico do terrorismo, descrevendo sua origem histórica, definições, características e tipologias, dando ênfase ao terrorismo fundamentalista islâmico.

O segundo capítulo apresenta a organização do grupo terrorista Estado Islâmico. Assim, explica-se seu objetivo maior, qual seja, a construção e expansão do Califado. Relata-se a tipologia empregada, as origens históricas do grupo e o funcionamento de sua economia. Ademais, descreve-se os elementos constitutivos de um Estado sob a ótica do ISIS, isto é, território, governo e população. Em seguida apresenta-se os métodos de recrutamento do ISIS e sua propaganda *online*.

Por fim, o terceiro capítulo traz a problemática do trabalho, qual seja, a contribuição e importância do papel das mulheres migrantes ocidentais para a consolidação do objetivo do Estado Islâmico. Faz-se um resumo dos perfis analisados e uma recapitulação das propagandas utilizadas para o recrutamento do gênero feminino. Em seguida, apresenta-se um resumo dos motivos que levam diversas meninas ocidentais a se unirem ao ISIS, e as funções que desempenham na construção do Califado como mães e esposas, papéis femininos e recrutadoras. Em derradeiro, expõe a importância das mulheres migrantes ocidentais para o grupo terrorista Estado Islâmico.

## 2 TERRORISMO

Terrorismo é um dos temas mais em voga em termos de segurança internacional. Durante a Guerra Fria, a ameaça à estabilidade internacional era muito nítida e consistia na disputa ideológica entre determinados países, em que se sabia quem era o inimigo, onde ele estava e como atuava. Após o término desse conflito as ameaças ao sistema internacional não eram tão explícitas. No decorrer dos anos novos temas foram inseridos no debate sobre segurança internacional, tais como meio ambiente, doença e terrorismo, aumentando cada vez mais os assuntos securitizados (RUDZIT, 2005).

O terrorismo é um fenômeno complexo, multifacetado e com diversas origens e motivações (DEGAUT, 2014). Apesar de existir há milênios, o terrorismo só ingressa na agenda de segurança internacional como tema prioritário após os atentados de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos da América (EUA). Neste dia, o grupo terrorista islâmico Al-Qaeda, liderado pelo milionário muçumano Osama Bin Laden, sequestrou quatro aviões de companhias aéreas estadunidenses e os lançou em alvos estratégicos pelo país. O ataque mais televisionado e com maior número de mortes foi às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, assassinando 2.819 pessoas de 78 países (DEGAUT, 2014).

Este atentado, desencadeou a chamada “Guerra ao Terror” de George W. Bush. O terrorismo, e em especial, o terrorismo fundamentalista islâmico, passou a ser o inimigo existencial<sup>1</sup> dos EUA e o primeiro ponto em sua política de segurança externa. O tema foi securitizado e internacionalizado para a agenda de segurança global, também em decorrência dos ataques em Madrid e Londres, sendo considerado uma ameaça transnacional que afeta todos os países. Os EUA adotaram a postura de que sendo o terrorismo uma ameaça global, é legítimo e justificável o uso de uma série de medidas políticas excepcionais, entre elas a ação unilateral realizada pelo mesmo.

Para compreender melhor esse intrincado fenômeno será apresentado primeiramente um resumo do terrorismo, para em seguida expor a discussão sobre

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Carl Schmitt na obra “O conceito de político” (2002), em que o inimigo existencial é aquele que ameaça a existência de certo grupo, e, portanto, deve ser combatido.



sua definição e o que esse fenômeno abarca. Após, são indicadas as características do terrorismo e suas tipologias, dando ênfase ao terrorismo fundamentalista islâmico.

## 2.1 BREVE HISTÓRIA DO TERRORISMO

Pode-se pensar que o terrorismo é um fato contemporâneo, quando na realidade há evidências de sua existência desde a Antiguidade. Nesta época o terrorismo estava em sua forma mais primitiva, não possuindo unidade ideológica. De acordo com Rapport (1984, *apud* Diniz, 2002) na Judéia do século I D. C., os povos sicários e zelotas realizavam atentados em eventos públicos como meio de aterrorizar a população. Os sicários eram uma seita judia que atuava na Palestina entre o período de 37 A.C. e 73 D.C. Degaut (2014) ensina que receberam este nome pois utilizavam uma faca denominada “sica” para assassinar seus inimigos. Este ato era considerado como uma demonstração de fé, e acreditavam que Deus apareceria para libertar o povo da Palestina da administração romana e da crença politeísta. Considera-se os sicários como terroristas no sentido de empregarem práticas violentas e formarem uma resistência contra um invasor estrangeiro. Contudo, quando foram exitosos em seu objetivo e alcançaram a posição de líder da região continuaram a empregar métodos de terror contra os povos vizinhos, para roubar armas e mantimentos.

Outro grupo antigo praticante do terrorismo foram os “Assassinos”, também chamados de Ismailis, outra seita religiosa empenhada em erradicar infiéis sunitas. Seu líder, Hassan Ibn Al-Sabbah, era xiita e seguia os ensinamentos do Alcorão, assim empregava o terror em seus inimigos, que eram os turcos seldjúcidas (ortodoxia sunita) e demais muçulmanos sunitas. Possuía uma estrutura hierárquica rígida, em que o grupo se organizava em células de três a quatro pessoas para empregar atos sistematizados de terror. O mais utilizado era o assassinato seletivo com o uso de uma adaga. Era importante que após o assassinato o agente fosse preso, para reafirmar sua fé e a força do grupo, ou morto, para tornar-se um mártir e atrair adeptos. Atuaram de 1090 até 1256, quando foram aniquilados pelos mongóis.

Ainda nesta forma primitiva de terrorismo consta o grupo Thugs ou Phansigars que atuaram na Índia dos séculos XIX e XX. Eram chamados de estranguladores pois utilizavam um laço amarelo chamado “rumaal” para estrangular suas vítimas, como um sacrifício à deusa Kali.

Estes grupos compartilhavam o uso da violência indiscriminada por motivações religiosas. Ao passar dos anos os agentes seguintes introduziram o fundamento político em suas ações. Houve uma grande transição no terrorismo, que passou do terror (forma primitiva do terrorismo) para o terrorismo clássico.

Hobsbawn (1996) defende que esta é a origem do terrorismo, ou seja, final do século XV e principalmente a Revolução Francesa. Neste episódio, e em especial entre os anos 1793 e 1794, Robespierre foi uma figura ativa ao defender a revolução por meios violentos, isto é, o uso do terror pelo Estado, culminando na nomenclatura desta fase como Terror. Algumas medidas postas em vigor foram a suspensão de garantias civis e a perseguição dos inimigos do Estado, os quais eram na melhor das hipóteses presos. Contudo, geralmente os insurgentes eram mortos, como foi o caso das 16.694 pessoas mortas pela guilhotina após processos sumaríssimos, como relatado por Degaut (2014).

A peculiaridade do terrorismo nesta época consistia no entendimento do terror como instrumento legal de governação, isto é, o terrorismo sendo utilizado pelo Estado. Métodos violentos e de intimidação eram aceitos e empregados contra qualquer tentativa de contrarrevolução ao regime. De acordo com Faria (2008, *apud* DEGAUT, 2014, p. 1010)

O termo [terrorismo] designava, curiosamente, não a forma de luta de uma minoria contra um Estado, mas um regime de terror também chamado genericamente de terrorismo de Estado, de um Estado Revolucionário. Naquela época, a expressão era tida como positiva, pois simbolizava o esforço para consolidar o poder do novo Governo Revolucionário. O regime do terror foi aplicado como um meio para restabelecer a ordem, num período de anarquia e confusão que se seguiu à revolução de 1789.

Durante a Era do Terror estima-se que entre 30 e 40 mil indivíduos morreram em conflitos no país. Pode-se dizer que foi um período em que a violência extrema era um meio totalmente justificável para o fim almejado (CHALIAND; BLIN, 2007).

Degaut (2014) acrescenta o processo da Independência dos EUA (1755-1783), em que ambas as partes utilizaram tribos indígenas para amedrontar o outro lado como outro produto da transição do terrorismo. Contudo, para o autor a origem do terrorismo moderno está na Rússia czarista do século XIX. Expõe que somente neste momento visualiza-se o terrorismo com os contornos atuais de movimento organizado, global, ideológico e político. A grande desigualdade social entre a aristocracia e as demais camadas sociais fez com que surgissem movimentos revolucionários de reformas democráticas, socialistas, econômicas e sociais. O principal deles foi o grupo

Narodnaya Volya, que posteriormente se transformou em um partido político, e dividido em duas vertentes, uma pacífica e outra que empregava e justificava o terrorismo como método de atuação. Argumentavam que o terrorismo só era usado como *ultima ratio* e uma vez que alcançassem seu objetivo cessariam o uso do terror. Contudo, na prática o grupo fazia uso da violência rotineiramente e de forma paradoxal, pois seus ataques consistiam em bombardear locais públicos frequentados pelas baixas classes sociais e não pelos governantes.

Quando o alvo se tornou a aristocracia russa, esta revidou os ataques por meio da violência, o que só alienou sua base de suporte e ocasionou o fim da aristocracia russa. O partido que se posicionou no poder continuou a usar o terrorismo e demais táticas da revolução para não só manter o novo *status quo*, mas também expandir seu governo em âmbito regional, e depois global. Contudo, tais planos falharam devido ao esgotamento econômico e social interno (DEGAUT, 2014).

Os acontecimentos seguintes fazem parte da quarta onda do terrorismo, na acepção de Rapoport (2004, *apud* DEGAUT, 2014). Teve início na Revolução Iraniana de 1979, a qual depôs uma dinastia complacente com os interesses ocidentais e colocou em seu lugar um regime fundamentalista xiita. Este acontecimento fomentou vários conflitos armados islâmicos no Oriente Médio e na África (HOUGH, 2008). Este modelo configura o terrorismo com fortíssimo cunho religioso, em que a crença do grupo toma posição primordial como justificativa para os atos perpetrados, mas ainda permanecendo objetivos políticos. Esse terrorismo é associado principalmente ao fundamentalismo islâmico, cuja maior manifestação foram os atentados de 11 de setembro de 2001.

Em 11 de setembro de 2001 membros da organização terrorista islâmica Al-Qaeda, liderada pelo milionário muçumano Osama Bin Laden, sequestraram quatro aviões de companhias áreas estadunidenses e os lançaram em alvos estratégicos pelo país. Um avião foi lançado no Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, localizado em Virgínia, próximo à capital do país Washington, matando 189 pessoas. Outro, ao que tudo indica, também rumava para o Pentágono, porém caiu em uma pequena cidade da Pensilvânia. Os outros dois aviões atingiram as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, centro financeiro dos EUA (DEGAUT, 2014). O maior atentado da história dos EUA foi televisionado ao vivo mundialmente e matou 2.819 pessoas de 78 diferentes nacionalidades (DEGAUT, 2014; LAPSKY 2015).

Como bem aponta Morales (2012, p. 75, tradução nossa<sup>2</sup>) “os atentados de 11 de setembro não foram os primeiros atos terroristas conhecidos pelo mundo, mas sim os primeiros em mudá-lo”. Em 11 de março de 2004 a Espanha sofreu seu mais grave ataque terrorista. Um grupo de cerca de sete pessoas explodiu dez bombas em quatro trens lotados às 7h40 da manhã, matando 191 pessoas e ferindo 1.900 indivíduos (GLOBO, 2014). A detonação das bombas ocorreu por meio de telefones celulares, e foi divulgado um vídeo afirmando que o ataque era um aviso da AlQaeda, que logo após confirmou e reivindicou o atentado. Sete membros do grupo se suicidaram antes da polícia os prender, e acredita-se que o restante fugiu para Iraque para se tornarem homens-bombas (CRENSHAW, 2007). No ano seguinte, em 7 de julho, quatro jovens britânicos auto radicalizados implantaram quatro bombas caseiras em linhas de metrô e ônibus na cidade de Londres, matando 52 pessoas e ferindo outras 700 (CRENSHAW, 2007).

Os atentados de 11 de setembro juntamente com esses outros ataques deram início a uma forte e agressiva política externa estadunidense na forma da “Guerra ao Terror” de George W. Bush, em conjunto com a comunidade internacional. O terrorismo passa a ser o tema central da agenda de segurança e a cooperação internacional fica determinada pela adesão à guerra ao terrorismo. Suarez (2013) afirma que este é o conflito do século XXI, marcado pela dicotomia Liberdade e Democracia versus Terrorismo e Opressão.

A Guerra ao Terror traz, além dos elementos já citados, justificativa para intervenções militares no cenário internacional. O risco de existirem grupos terroristas ou financiadores desta prática torna praticamente inexistente a necessidade de uma intervenção legítima e coletiva em um país. Ao invés disso, o que se notou foram atos militares e políticos unilaterais dos EUA, com aquiescência e aderência de outras potências mundiais.

## 2.2 DEFINIÇÃO DE TERRORISMO

Terrorismo é um fenômeno muito debatido, porém difícil de conceituar. Isto porque não há uma definição única e consensual. De fato, Schmidt e Jongman (1988)

---

<sup>2</sup> Texto original: Los atentados del 11 de septiembre no fueron los primeros actos terroristas conocidos por el mundo, pero sí los primeros em cambiarlo.

tentaram encontrar uma única designação de terrorismo. Os pesquisadores consultaram 200 especialistas na área e obtiveram 109 conceitos com 22 características diferenciadoras, demonstrando a amplitude de eventos que o terrorismo pode abarcar.

Esta dificuldade também é compartilhada por Suarez (2013), o qual declara que o terrorismo é problemático de conceituar por não existir uma definição universalmente aceita que engloba suficientemente as peculiaridades desse fenômeno. Ao tratar do tema geralmente depara-se com dois caminhos possíveis, uma definição geral ou uma definição condicionada pelo contexto político de cada ator.

A definição geral é um marco mínimo do significado de terrorismo. Tem-se como exemplo o conceito da National Advisory Committee on Criminal Justice Standards and Goals (NACCJSG) (1976 *apud* WILLIANS, 2008, p. 173) do terrorismo como “a ameaça de violência e uso do medo para coagir, persuadir e ganhar atenção pública”. Outra possibilidade é terrorismo como atos designados para induzir terror, na acepção objetiva do National Research Council (2002). Ambas são explicações sucintas, porém demasiadamente amplas. As definições gerais costumam abranger aspectos consensuais sobre o tema, como o emprego de violência e a irregularidade com as normas internacionais de guerra.

Percebe-se que estes fatores são demasiadamente simplórios e não alcançam a totalidade deste fenômeno. De fato, conceitos assim abrem espaço para diferentes interpretações, além de incluírem condutas indesejáveis, porém que não fazem parte do terrorismo. Diniz (2002) alerta também para o risco de agrupar sobre um mesmo espectro situações distintas, prejudicando possíveis soluções ao dar tratamento igual para objetos peculiares. Neste mesmo raciocínio, uma acepção ampla abre espaço para abuso, na forma de ilegitimação, estigmatização e securitização de outras práticas, como guerrilha ou movimentos de resistência. Alguns Estados utilizam o rótulo de terrorismo em movimentos indesejáveis para, falsamente, dar legitimidade à erradicação destes movimentos (TRANSNATIONAL..., 2008).

Igualmente, o National Research Council (2002) aponta dois perigos nas definições gerais de terrorismo. Primeiramente, um conceito abrangente provoca um tipo amplo de resposta, que será fraca e implicará em desperdício de recursos, os quais poderiam ser usados de forma mais eficiente. Some-se a isto o fato de que uma definição vasta pode incluir pessoas que não estão engajadas propriamente no

terrorismo, correndo o risco de violar direitos constitucionais e convenções internacionais ao não delimitar o que constitui ato terrorista.

Por outro lado, uma definição complexa tende a ser mais condizente com a realidade, todavia implica em uma visão particular do que é terrorismo para cada ator. Definições condicionadas pelo contexto político dão margem de atuação para executar intervenções na comunidade internacional, com a justificativa de estar respondendo a um ato terrorista. Então, várias ações poderiam ser interpretadas como terrorismo, pois é um tema fácil de instrumentalizar para coincidir com os interesses políticos de cada ator. Gibbs (1989, *apud* DINIZ, 2002) elucida que “uma das dificuldades do ‘terrorismo’ é que seu uso é marcado por tentativas de desqualificar politicamente adversários; ‘terrorismo’ é, ao mesmo tempo que um fenômeno político, um termo depreciativo”. Dessa forma, definições condicionadas pelo contexto político também são perigosas.

Outro perigo em adotar um conceito mais particularizado é o risco de restringir demasiadamente o que é terrorismo de forma a excluir atos preparatórios ou fascínio por essa prática, de modo a acarretar ausência de legitimidade para ações contra radicalização ou ataques inesperados.

Nesse diapasão, Gallie (1956, *apud* NATIONAL RESEARCH COUNCIL, 2002) ensina que o empecilho em conceituar terrorismo ocorre por ser um conceito essencialmente contestado. Este termo designa algumas palavras que são inerentemente incompletas, sem que sejam totalmente incoerentes. As lacunas faltantes em sua explicação são preenchidas por grupos e indivíduos através dos aspectos culturais, crenças e convicções políticas de cada sociedade. É muito comum quando um assunto é objeto de estudos de diversas áreas, tais como política, legal e social (TRANSNATIONAL..., 2008). Desta maneira, infere-se que terrorismo se trata de um conceito com grande poder retórico, mas limitado de precisão científica.

Outros dilemas são apresentados por Schmid (2004, *apud* TRANSNATIONAL..., 2008). Primeiramente, acepções de terrorismo são relacionadas com (i) legitimidade e criminalidade, pois é um termo altamente instrumental. Terrorismo é um ato violento e socialmente deplorável, contrário aos padrões morais. Como bem explica Horgan (2006, p. 25) quaisquer definições de atos assim serão controversas, de forte carga emotiva, imprecisas e confusas. Ademais, traz o apontamento de Richardson de que “a única certeza sobre terrorismo é que se trata de um termo de conotação pejorativa”. Dessa forma, é possível usá-lo para etiquetar

grupos ou atitudes inconvenientes, aplicando respostas condizentes com tal rótulo, em um jogo fortemente político e sem (muitos) questionamentos.

Conjuntamente, existem diferentes tipos de terrorismo, com várias formas e manifestações. Como bem aponta Laqueur (2000) não há um terrorismo, e sim vários terrorismos. Deveras, qualquer definição desse ato é algo genericamente construído a partir dos conceitos de moral, direito e direito de Guerra, enquanto que terroristas em si são formados por aspectos culturais, ideológicos e políticos, fatores incipientes que se exteriorizam em algum momento e motivam a prática do terrorismo (JENKINS, 2006).

Por fim, o autor também aponta a mudança de significado conforme o contexto histórico. Algumas práticas antes vistas como terrorismo atualmente têm denominação própria, como a guerrilha e grupos separatistas. Outra diferença que chama atenção é o fato de que, ao contrário do terrorismo clássico, os grupos terroristas modernos não aceitam tal rótulo para suas atividades. Alguns grupos se identificam como movimentos de liberdade e independência, apesar de estarem inseridos em listas internacionais ou nacionais de organizações terroristas<sup>3</sup>, o que só demonstra a conotação negativa do termo.

Dificuldades semelhantes também são encontradas no campo legal, quando se tenta tipificar atos terroristas como crimes. A busca por uma resposta perpassa necessariamente por perguntas delicadas, tal como se os Estados podem ser autores de ações terroristas. Em geral, as legislações domésticas restringem o autor do crime de terrorismo como um agente sub-nacional ou de fora, enquanto que algumas normas internacionais preveem esta possibilidade.

O mesmo pessimismo de conceito é encontrado no âmbito do direito internacional, como depreende-se da fala de um juiz da Corte Internacional de Justiça (CIJ), relatado por Higgins (1997, p. 28, tradução nossa<sup>4</sup>) “Terrorismo é um termo sem significado legal. É meramente um jeito conveniente de aludir a atividades, de Estados ou individuais, amplamente reprovadas e nas quais o método utilizado é ilegal ou o

---

<sup>3</sup> Para mais informações vide lista de organizações terroristas estrangeiras de acordo com o Departamento de Estado dos EUA inserida no Country Reports on Terrorism 2014 (EUA, 2014) e lista consolidada de sanções do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNITED NATIONS, 2016).

<sup>4</sup> Texto original: Terrorism is a term without any legal significance. It is merely a convenient way of alluding to activities, whether of States or of individuals, widely disapproved of and in which either the methods used are unlawful, or the target protected, or both.

alvo é protegido, ou ambos”. Apesar disso, de modo geral as legislações internacionais têm alguns pontos em comuns nas definições de terrorismo, como o autor do crime e atos violentos contra pessoas e propriedades com objetivo de intimidar um público ou coagir um governo ou organização internacional de fazer ou não fazer um ato (TRANSNATIONAL..., 2008).

Nessa continuidade, a Assembleia Geral das Nações Unidas reúne alguns desses elementos em sua definição de terrorismo presente na Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional, repudiando tal prática (1995, p. 4)

Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos são injustificáveis em qualquer circunstância, independentemente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los.

A respeito disso, Morales (2012) é enfática em afirmar que a ONU, como organização mundial da paz, deve ter sua definição como universal, a fim de ser o modelo padrão utilizado pela mesma e pelos Estados-membros. Tal medida colocaria fim as ambiguidades de conceitos que abrem espaço para a atuação terrorista. De igual modo, resolveria as imprecisões de definições já existentes, as quais comportam em alguns grupos terroristas não serem vistos como tal e até receberem proteção do Estado.

Além disso, há uma multiplicidade de definições de terrorismo por um único país, como é o caso dos EUA, em que cada agência utiliza sua própria acepção, e não uma definição-modelo. O Departamento de Estado dos EUA, por exemplo, define terrorismo como uma “violência premeditada e motivada por questões políticas, praticada em alvos não-combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos” (EUA, 2014, p. 388, tradução nossa<sup>5</sup>). Tal concepção está tipificada como crime de terrorismo no Título 22 do Código dos Estados Unidos, seção 2656f (d). Já o Departamento de Estado dos EUA (EUA, 2010, p. 241, tradução nossa<sup>6</sup>) conceitua terrorismo como o “uso ilegal da violência ou ameaça de violência,

---

<sup>5</sup> Texto original: premeditated, politically motivated violence perpetrated against non-combatant targets by subnational groups or clandestine agents.

<sup>6</sup> Texto original: The unlawful use of violence or threat of violence, often motivated by religious, political, or other ideological beliefs, to instill fear and coerce governments or societies in pursuit of goals that are usually political.



geralmente motivado por crença religiosa, política ou ideológica, para instilar medo e coagir governos ou sociedades na busca de atingir objetivos que são usualmente políticos”.

Morales (2012) reflete que a multiplicidade de conceitos dentro de um único país acontece porque cada agência governamental define terrorismo conforme sua competência e o que prioriza na gama de assuntos de sua responsabilidade. Assim, alguns conceitos dão maior ênfase ao autor, outros às vítimas e à conduta.

Não obstante essa dificuldade, é imprescindível ter uma definição do objeto estudado por diversas razões. Primeiramente, é importante para que as resposta a estes atos sejam legítimas e não discricionárias ou arbitrarias (NATIONAL RESEARCH COUNCIL, 2002). Outrossim, é crucial para analisar as consequências nas relações internacionais e interestatais, além de ser um pressuposto para ações conjuntas no combate ao terrorismo, nos níveis doméstico e internacional (TRANSNATIONAL..., 2008). Igualmente, é fundamental para preencher as debilidades e lacunas jurídicas, de inteligência e de segurança. Isso é latente quando se conclui que a ausência de uma definição una constitui obstáculo para uma maior cooperação entre os sistemas judiciais nacionais e internacionais, que teriam a mesma tipificação e sanção para o crime de terrorismo, erradicando possíveis lacunas que possibilitem atos terroristas.

Neste empenho algumas diretrizes servem de norte na tentativa de formular um conceito universal a respeito do terrorismo. Qualquer que seja a aceção, deve necessariamente levar em consideração o contexto teórico, político e o processo histórico em que está inserido (SUAREZ, 2012). Igualmente, deve ser definido de forma suficiente e eficiente (NATIONAL RESEARCH COUNCIL, 2002).

Nesse diapasão, Degaut (2014) utiliza um critério mais objetivo para identificar terrorismo: o método empregado. Explica que o elemento mais utilizado na definição de terrorismo é “estratégia para impactar um público”, contudo, isso por si só não significa terrorismo. Ações que causam choque na população podem ser adotadas por guerrilhas, agentes criminosos, ativistas políticos radicais, e não exclusivamente por grupos terroristas. Ou seja, os objetivos políticos declarados pelos agentes não são suficientes para identificar aquela ação como terrorismo.

Com efeito, um método mais adequado para tal fim é a análise do modo como os grupos agem para alcançar o objetivo político. Grupos terroristas empregam métodos que despertam aversão e ódio na sociedade. Alguns exemplos são a tomada

de reféns, ataques de homem bomba em escolas, transportes públicos, mercados, e assassinatos indiscriminados. Em suma, lugares e vítimas que causaram grande revolta e atenção social. Este é o elemento que identifica o terrorismo.

Degaut (2014) vai mais além e acrescenta que qualquer movimento, por mais bela a causa defendida, que utiliza o terrorismo passa a ser visto como uma causa condenável. Neste sentido ensina que “quando um grupo ou organização escolhe o terrorismo como um meio, o objetivo de sua luta não pode ser usado para justificar suas ações” (DEGAUT, 2014, p. 639).

Morales (2012, p. 87, tradução nossa<sup>7</sup>) assimila isso em sua definição de terrorismo

Conduta realizada para causar terror na sociedade e fragilizar suas instituições, utilizando para isso métodos degradantes e desumanos que atentam contra a vida, a integridade física e dignidade da pessoa humana e a estabilidade do Estado. Dirigidas por aqueles escondidos na sombra do terror e que buscam criar o caos social, e, ao mesmo tempo, infligir aos associados em sua condição de indefinição a ameaça de que a segurança já não é uma condição pré-estabelecida, pois aqueles que se ocupavam dela já foram violados.

Assim, o terrorismo viola os direitos humanos e as políticas de confiança mútua e paz relativa, além de desrespeitar integralmente as normas de direito de guerra. Fica fora do espectro do direito internacional, pois não o reconhece, e, portanto, não usufrui das garantias do direito internacional.

Igualmente, outra acepção é fornecida por Wardlaw, para quem

Terrorismo político é o uso, ou ameaça de uso, de violência por um indivíduo ou um grupo, atuando para ou em oposição à uma autoridade, quando tal ação é realizada para criar ansiedade extrema ou efeitos de indução de medo em um grupo alvo maior que as vítimas imediatas, com o propósito de coagir esse grupo a ceder às demandas políticas dos terroristas (WARDLAW, 1982, *apud* WILLIANS, 2008, p. 173, tradução nossa<sup>8</sup>)

---

<sup>7</sup> Texto original: Conducta encaminada a causar terror en la sociedad y debilidad en sus instituciones, utilizando para el desarrollo del mismo, métodos degradantes e inhumanos que atentan contra la vida, la integridad física y la dignidad de la persona y la estabilidad del Estado. Dirigida por quienes bajo la sombra del terror buscan crear el caos social, y al mismo tiempo infligir a los asociados en su condición de indefinición la amenaza de que la seguridad ya no es una condición preestablecida, pues quienes tienen a su cargo el cuidado de la misma han sido vulnerados.

<sup>8</sup> Texto original: Political terrorism is the use, or threat of use, of violence by an individual or a group, whether acting for or in opposition to established authority, when such action is designed to create extreme anxiety and/or fear-inducing effects in a target group larger than the immediate victims with the purpose of coercing that group into acceding to the political demands of the perpetrators.

O traço marcante desta declaração é a possibilidade de um Estado fazer uso do terrorismo. O terrorismo de Estado pode ser realizado por forças próprias do governo ou mediante acordos com grupos terroristas. Contudo, são poucas as definições que incluem países como participantes ativos do terrorismo. A maioria é de cunho acadêmico, sendo raras as legislações nacionais e internacionais que abarcam este subtipo de ação.

Ressalta-se que a maior parte das acepções de terrorismo identifica as vítimas como sendo civis. Entretanto, Morales (2012) atenta que em alguns casos os alvos são militares, pois os criminosos planejam enfraquecer o moral das forças armadas em proteger a população e o território atacado.

Como visto há várias definições de terrorismo. Apesar de não existir uma definição restrita universalmente do tema, as várias definições existentes possuem elementos comuns, como ameaça ou emprego de métodos de terror para causar pânico na sociedade, pretendendo alcançar um objetivo político. Conclui-se então que há um consenso geral do que é terrorismo, o que falta é uma definição única.

### **2.2.1 Terrorismo Nacional**

De modo geral, é possível distinguir as definições de terrorismo em terrorismo nacional e internacional de acordo com o escopo geográfico de sua atuação.

Para Jenkins (1999) terrorismo nacional é o conflito territorialmente localizado, com propósitos regionais, vítimas específicas da violência e com o objetivo de atingir um único ator alvo do efeito psicológico do terror. Semelhantemente, Degaut (2014, p. 478) cita esse fenômeno como o “emprego da intimidação coercitiva por movimentos revolucionários, regimes ou indivíduos, com motivação política”.

Morales (2012) usa a denominação “terrorismo tradicional” para se referir ao terrorismo nacional. Consiste em ataques com motivações políticas em lugar e em inimigo específicos, de modo que suas ações são dirigidas só a população de um espaço geográfico pré-determinado. É mister destacar a dimensão política para diferenciar o terrorismo das atividades criminais comuns que empregam o terror, como a perseguição.

Ainda, a autora explica que os objetivos são negociáveis e o ataque causa impacto somente local. Isto significa que as metas perseguidas pelo grupo são específicas e limitadas no espaço, porém também são adaptadas conforme as

necessidades sociopolíticas do momento. Isto está atrelado a possibilidade de negociação com estes grupos. No terrorismo nacional o agente pode mudar sua tática ou desistir do ataque se lhe for ofertado um método melhor de obter o que quer, como uma negociação de ganhos mútuos.

Ademais, em termos de organização a dimensão do grupo terrorista nacional é menor, porém não menos complexa. Isto significa que o grupo terrorista nacional, via de regra, tem uma estrutura organizacional multiforme, porém todas suas partes estão restritas a um território e sob o mesmo comando geral. Por fim, o alvo é um público específico, podendo ser mais extenso ou não.

Percebe-se que os elementos essenciais no terrorismo nacional são ataque a um público específico, num espaço geográfico restrito, mediante o uso do terror e com finalidade política.

Um exemplo clássico de terrorismo nacional é as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)<sup>9</sup>. Está organizada em frentes e colunas que atuam no território colombiano, por meio de práticas violentas como sequestro, assassinatos e combate armado, para chamar atenção dos líderes nacionais na tentativa de mudar o sistema de governo do país.

Outros exemplos são o Sendero Luminoso no Peru, o Movimento de Resistência Islâmica (HAMAS) na Palestina e o Pátria Basca e Liberdade (ETA) na Espanha. Também são citados o grupo Hizb-ut-Tahrir na Ásia Central e Jemaah Islamiyah nas Filipinas, pois apesar de defenderem a propagação do islamismo pelo mundo, na prática seus objetivos são limitados e políticos (TRANSNATIONAL..., 2008).

### **2.2.2 Terrorismo Internacional**

Com o passar dos anos o terrorismo adquiriu novas características e novos modos de atuação, sendo chamado de terrorismo internacional (CRENSHAW, 2007;

---

<sup>9</sup> Este trabalho não entrará no mérito da natureza política das FARC. Está sendo utilizada como organização terrorista devido ao uso da violência em suas ações e por esta ser a denominação utilizada pelos autores Morales (2012) e Transnational... (2008), além de constar na lista de organizações terroristas estrangeiras de acordo com o Departamento de Estado dos EUA inserida no Country Reports on Terrorism 2014 (EUA, 2014). Porém, ressalta-se que essa aceção não é compartilhada por todos os atores internacionais. O Brasil, por exemplo, não considera as FARC como grupo terrorista.

KEGLEY, 2003; LAQUEUR, 1999). Ressalva-se, contudo, que ainda permanecem grupos de terrorismo nacional.

O processo de internacionalização do terrorismo ocorreu a partir da década de 1960, em que os grupos terroristas passaram a praticar atos de terror de forma globalizada. De acordo com Amorim (2008, p. 45), “pela primeira vez de forma sistemática, organizações terroristas atuavam contra alvos de outros países e realizavam ações que ultrapassavam seus limites fronteiriços”. Ademais, o caráter internacional do terrorismo também se manifestou pelas relações entre grupos terroristas, como o intercâmbio de agentes, armas e treinamentos.

Alguns atentados terroristas de cunho internacional se destacaram. Um deles foi o sequestro de atletas israelenses durante os Jogos Olímpicos de Munique, Alemanha, em 1972, pelo grupo Setembro Negro. O grupo era vinculado à Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e conseqüentemente, realizava atos terroristas de natureza nacionalista, em prol da causa palestina. Na ocasião, após o sequestro foram feitas longas negociações até obterem um acordo que estipulava a troca dos reféns por 236 presos palestinos em Israel. Porém, tal acordo não foi cumprido, pois em uma tentativa mal-sucedida de resgate das autoridades alemãs todos os reféns e cinco terroristas foram mortos (AMORIM, 2008).

Tal acontecimento resultou em uma enorme publicidade à causa Palestina, algo que não tinha sido obtido em décadas de diplomacia. Vários grupos se inspiraram na atenção que a causa palestina obteve pelo massacre de Munique e passaram a realizar ataques terroristas com vistas a obter publicidade para suas próprias causas.

Em 1983 membros da Armenian Secret Army for the Liberation of Armenia (ASALA) bombardearam o guichê das linhas aéreas turcas no aeroporto Orly de Paris, França, matando sete pessoas e ferindo outras cinquenta e seis, em razão do genocídio de 1.5 milhão de armênios em 1915 (HOFFMAN, 2006). Alguns anos depois, em 1988 um ataque terrorista ao voo 103 da Pam Am causou a morte de cerca de 103 pessoas (HOFFMAN, 2006). A explosão do avião foi atribuída a agentes líbios, sob o comando do então presidente da Líbia Muamar Kadafi e ficou conhecida como Atentado de Lockerbie, cidade da Escócia onde o avião explodiu. Estes são somente alguns dos eventos em que o terrorismo foi empregado de modo sistemático e globalizado.

A característica principal do terrorismo internacional é a transnacionalidade. Isso significa que o escopo geográfico de atuação do grupo terrorista não mais se

limita ao Estado em que está inserido, podendo atingir qualquer pessoa em qualquer lugar. Esta transformação foi denominada por alguns autores como terrorismo de alcance global (SUAREZ, 2013) ou terrorismo catastrófico (RUDZIT, 2005), porém o termo mais comum é terrorismo internacional.

Na acepção de National Research Council o terrorismo internacional consiste cumulativamente em

(a) uso ilegal ou ameaça de uso de força ou violência (b) com a intenção de coagir sociedades ou governos, ao causar medo em suas populações (c) tipicamente com motivos e justificativas políticas e/ou ideológicas e (d) um elemento “extrasocietal”, [...] “estrangeiro” no caso de terrorismo internacional (NATIONAL RESEARCH COUNCIL, 2002, p. 1, tradução nossa<sup>10</sup>)

Milbank (1976, *apud* SCHMID; JONGMAN, 2005, p. 41, tradução nossa<sup>11</sup>), por sua vez, dá a seguinte definição

[A ameaça ou uso da violência para objetivos políticos onde...] sua ramificações ultrapassam as fronteiras nacionais (como resultado, por exemplo, da nacionalidade ou laços estrangeiros com os autores, sua localidade, identidade de sua instituição ou vítimas humanos, seus objetivos declarados, ou os mecanismos de sua resolução).

Denota-se que o aspecto internacional é bastante amplo, pois pode estar relacionado às vítimas, o local do ataque ou a identidade do grupo. Reinares (2005) delimita mais a definição de terrorismo internacional ao afirmar que só pode ser classificado assim quando presentes dois elementos: objetivo e extensão efetiva da estrutura organizacional ou rede do grupo terrorista. O primeiro significa que o objetivo do grupo terrorista ao realizar um ataque é afetar a estrutura e a distribuição de poder em várias áreas do mundo e até na sociedade em nível global. O segundo implica na extensão das atividades do grupo por diversos países e regiões da Terra, em conformidade com os objetivos declarados. Dessa forma, um grupo com metas de impor sua mentalidade por todos os países, mas que atua em um território restrito com escassos laços externos não faz terrorismo internacional.

---

<sup>10</sup> Texto original: (a) illegal use or threatened use of force or violence (b) with an intent to coerce societies or governments by inducing fear in their populations (c) typically with political and/or ideological motives and justifications and (d) an “extrasocietal” element, either “outside” society in the case of domestic terrorism or “foreign” in the case of international terrorism.

<sup>11</sup> Texto original: [The threat or use of violence for political purposes where...] its ramifications transcend national boundaries (as a result, for example, of the nationality or foreign ties of its perpetrators, its locale, the identity of its institutional or human victims, its declared objectives, or the mechanisms of its resolution).

Ademais, o terrorismo nesta modalidade é descentralizado e difuso (CRENSHAW, 2007). Há micro células terroristas espalhadas em diversos países, além dos casos de indivíduos que se auto-radicalizaram e criaram suas próprias células. Outrossim, mais elementos marcantes são o emprego de tecnologia e o uso desmedido de violência<sup>12</sup>.

### 2.3 CARACTERÍSTICAS DO TERRORISMO INTERNACIONAL

A partir da aceção de terrorismo internacional é possível traçar algumas características que se mostram presentes na maior parte dos atos deste fenômeno. A primeira delas é que, em regra, o terrorismo é não-estatal. Esta será uma premissa do trabalho, e, portanto, as características analisadas serão sob a ótica de organizações terroristas paraestatais (SMELSER; MITCHELL, 2002).

Feita essa ressalva, Suarez (2013) indica como características do terrorismo

a) não há definição de território específico para o conflito; b) conflito sem a identificação dos inimigos (contraposição ao modelo regular de conflito armado entre forças militares), o que implica que seus alvos podem ser aleatórios; c) não há armistício na forma clássica, isto é, uma dinâmica identificável de tempo que permita dizer que o conflito terminou; d) o ataque se dirige ao sistema e não apenas a um Estado; e) os conflitos são de natureza assimétrica e irregular; (SUAREZ, 2013, p. 18)

Diferente de uma guerra, o terrorismo não tem território delimitado. Degaut (2014) faz referência a imprevisibilidade e arbitrariedade do terrorismo, pois, via de regra não é possível saber o lugar e o tempo em que um ataque ocorrerá. Como aponta Morales (2012) esse fenômeno almeja causar pânico e insegurança na população onde quer que ela esteja, assim, qualquer espaço geográfico está vulnerável a um ataque. As dimensões do ataque terrorista ultrapassam as fronteiras nacionais e, em sua maioria, são ataques em grande escala e com sentidos simbólicos.

Correlaciona-se a isso o fato de o ataque ser dirigido a um público global maior do que o alvo em si. As vítimas são as pessoas que sofrem diretamente a violência, mas o ataque é feito para causar terror e medo em uma coletividade muito maior. A respeito disso Guimarães (2007, p. 23) cita o ensinamento de Saint-Pierre

---

<sup>12</sup> Estes elementos são mais explicados no tópico seguinte, 2.3 CARACTERÍSTICAS DO TERRORISMO.

[...] o terrorismo é uma forma de luta cujo âmbito de realização se dá no nível psicológico do indivíduo [...] o objetivo visado não é a vítima direta, a que morre no atentado, mas aqueles que, embora ausentes no atentado, podem se identificar de qualquer maneira com a vítima, ou seja, as vítimas indiretas, que se sentirão cada vez mais expostas e vulneráveis ao próximo atentado. Dessa maneira, quanto menos forem identificáveis as vítimas diretas e mais gerais forem suas características, maior será o número de vítimas indiretas e vulneráveis ao próximo atentado.

Para Suarez (2013) o público maior seria o sistema, enquanto que para Morales (2012) a estratégia pode ser dirigida ao mundo islâmico, e simultaneamente, ao mundo ocidental. Independentemente de quem é o público alvo, o ataque terrorista busca explorar a vulnerabilidade das populações e a cobertura midiática do atentado.

Ainda, o alvo do ataque é aleatório, isto é, as partes, e, portanto, as vítimas, não podem ser previamente identificadas, e conseqüentemente, é extremamente difícil prevenir um ataque. Em outras palavras, uma característica do terrorismo é a natureza indiscriminada quanto às vítimas humanas. Todos são alvos em potencial de um ataque terrorista, dado que, de modo geral, não está pactuado quem sofrerá um ataque a partir de critérios objetivos, como sexo, idade ou papel na sociedade. A natureza indiscriminada causa temor generalizado e dá força ao movimento (DEGAUT, 2014).

Suarez (2013) ainda aponta como elemento do terrorismo a ausência de armistício de forma clássica, o que significa uma constante incerteza se haverá um ataque. Uma vez que os grupos terroristas não respeitam as regras de guerra, é uma dúvida constante se respeitarão um armistício, e assim, inexistente um sentimento de estar em segurança e paz. Outra característica apontada pelo autor é o caráter assimétrico e irregular do conflito, novamente por não estar determinado quem é o inimigo e pelo mesmo não respeitar as normas internacionais de guerra. Dessa forma, o lado oponente está sempre em desvantagem.

Alguns grupos terroristas mais modernos como o ISIS e a AlQaeda tem também como característica o uso das novas tecnologias, em especial a informática e a internet. Segundo Morales (2012) estes mecanismos são de grande valor para as organizações terroristas, principalmente as de atuação internacional, pois permitem a expansão de suas atividades ao redor do mundo. Atualmente, muitos grupos utilizam redes sociais e páginas da internet para enviar mensagens e vídeos sobre suas organizações terroristas e para recrutar novos integrantes. Associa-se a isso o caráter racional e adaptativo, de avaliar a realidade, ter capacidade instrumental e inovação para executar os ataques (SMELSER; MITCHELL, 2002).



Outro traço indicado pela autora é que no terrorismo internacional o objetivo almejado pelo grupo é não-negociável. Isso significa que a meta só será atingida se causar impacto global. Visto que o impacto não é dirigido somente ao alvo, mas a um público maior, as chances de um acordo são mínimas. Outra explicação consiste na mentalidade e cultura absolutista do terrorismo, em que só existem duas opções: o bem e o mal. Por essa perspectiva negociar seria se acomodar e fazer concessões mútuas, algo que afronta a mentalidade terrorista. Isso é muito comum nos casos de terrorismo religioso, com a justificativa de que Deus não negocia. Igualmente, a organização terrorista opera por redes em territórios de modo fluído, inalcançável política e diplomaticamente (SMELSER; MITCHELL, 2002).

Adicionalmente, as organizações terroristas possuem organização e dinâmica complexas, com ramificações em outros países, mesmo que os objetivos sejam de natureza diversa. Na maior parte dos casos a elaboração, o planejamento e a resolução das atividades do grupo estão centralizadas nos líderes. Porém, a execução dos atos ocorre de forma descentralizada à cúpula dirigente da organização terrorista. Esses são os que realmente praticam o atentado, sendo comumente chamados de “mártires”, pois perdem suas vidas na realização do ato terrorista, o que demonstra sua natureza descartável nos olhos dos líderes do grupo. Igualmente, esta serventia funciona para garantir a segurança do movimento e dos líderes caso os autores do atentado sejam pegos.

Degaut (2014) acrescenta como característica do terrorismo a brutalidade e ferocidade dos atos e a extrema gravidade de suas consequências. Os atos terroristas costumam empregar métodos extremamente violentos e cruéis para chocar e chamar a atenção para o grupo. Alguns desses métodos incluem ataques a instituições financeiras, assassinato em massa e homens-bombas. Recorrem a violência de forma impiedosa, tanto que é utilizada em qualquer alvo, em qualquer lugar, a qualquer tempo e por qualquer meio. Isso tudo concorre para o aumento do medo e insegurança da população. O governo, então, na lógica terrorista, estaria mais disposto a ceder as demandas dos criminosos.

Todavia, para o autor a característica principal do terrorismo é o caráter amoral e de anomia. Isso significa que o terrorismo não tem apreço pelos valores sociais, religiosos, humanitários, morais compartilhados por qualquer bom cidadão. Ao contrário, acredita que estes são valores manipulados pelo ator dominante para satisfazer seus interesses. De fato, “o terrorista age arbitrariamente e norteia seu

comportamento com base em um código pessoal idiossincrático de normas e valores, atribuindo a suas iniciativas hostis, dessa forma, pressupostos de legalidade” (DEGAUT, 2014, p. 810).

O uso da violência é visto como uma forma de participação política, independentemente do custo de vidas humanas. “O terrorista é treinado em técnicas de desengajamento moral, em que a vítima se torna desumanizada, não mais um semelhante, mas mero empecilho que deve ser eliminado, um inimigo a ser vencido ou humilhado” (DEGAUT, 2014, p. 830). Em alguns cenários, alegam que recorrer as técnicas terroristas é o único modo de atingir o objetivo de instituir uma nova ordem política.

## 2.4 TIPOLOGIAS DO TERRORISMO

O terrorismo moderno se divide doutrinariamente em diferentes tipologias. De modo geral (DEGAUT, 2014; EUROPOL, 2015; HOUGH, 2008; MORALES, 2012; TRANSNATIONAL..., 2008;) utilizam-se as seguintes: terrorismo revolucionário, sub-revolucionário, étnico-nacionalista, internacional, religioso, separatista, criminal.

O terrorismo revolucionário refere-se à ameaça ou uso de violência política de forma sistemática para flagrar uma revolução que mude completamente o sistema político vigente. Já o sub-revolucionário consiste na ameaça ou uso de violência política de forma sistematizada para mudar somente alguns aspectos do sistema político ou pressionar o governo a fazer concessões ou diminuir o controle sobre determinado âmbito estatal. Tem como exemplos a Facção do Exército Vermelho na Alemanha e os grupos xenófobos neonazistas da França e Alemanha, respectivamente.

O terrorismo separatista rejeita inteiramente o sistema político em que está inserido, assim, objetiva uma secessão territorial para constituir um novo Estado com o qual se identifique mais, por motivos religiosos, linguísticos, culturais, etc. O étnico-nacionalista, por sua vez, equivale a exclusão de outras nacionalidades e grupos étnicos de todas as esferas da vida civil do Estado. Seus exemplos são o Exército Republicano Irlandês (IRA) e a limpeza étnica ocorrida nos Balcãs, respectivamente.

O terrorismo criminal diz respeito ao uso do terror para obter lucro por meio da eliminação de rivais comerciais para interesse próprio. A principal atividade relacionada a isso é o narcotráfico. A renda obtida pela venda de substâncias

entorpecentes é utilizada para financiar e armar terroristas e gangues, os quais protegem o grupo e intimidam as autoridades. Este tipo de terrorismo é o mais atuante na América do Sul, por meio de organizações terroristas como o Sendero Luminoso no Peru e as FARC na Colômbia.

O terrorismo internacional concerne a uma gama de cenários, ilustrados desta maneira por Degaut (2014, p. 1971)

Assim, tanto pode dizer respeito à exportação da violência terrorista para fora dos limites do Estado de origem, ao ataque a alvos estrangeiros dentro de um país ou à morte ou ferimento de cidadãos nacionais de outros países, como também pode designar a conexão de alianças internacionais de organizações terroristas, as quais se suportam mutuamente e coordenam operações terroristas em âmbito regional ou global.

É nítido que em plena globalização o terrorismo internacional é empregado por outros tipos de terrorismo, sendo raros os casos que não fazem uso desta tipologia.

Contudo, o terrorismo mais perigoso nos tempos atuais é o de cunho religioso. Refere-se aos atos de violência e terror empregados na supressão de outras religiões e reconhecimento de um papel de liderança da própria religião. Este tipo de terrorismo já foi praticado por várias religiões, porém, o que se sobressai é o terrorismo fundamentalista islâmico (TRANSNATIONAL..., 2008).

#### **2.4.1 Terrorismo Fundamentalista Islâmico**

Primeiramente cabe mencionar que alguns doutrinadores rejeitam o termo “fundamentalismo” ao tratar do terrorismo islâmico (DEGAUT, 2014; KAMEL, 2007). Argumentam que a palavra “fundamentalismo” foi historicamente usada para reiterar a interpretação de um grupo sobre uma doutrina religiosa, tendo sentido de algo monolítico e imutável, uma verdade básica incontestável. Todavia, muitos grupos se distanciaram dos significados reais dos textos que veneram, atribuindo interpretações de acordo com seus interesses para justificar suas ações. “Os grupos fundamentalistas não são, na realidade, restauradores da pureza da fé, dos fundamentos de sua religião. São meramente intérpretes radicais, equivocados em suas verdades, propósitos e meios” (DEGAUT, 2014, p. 2386).

Kamel (2007, p. 177) segue o mesmo raciocínio,

Chamá-los de fundamentalistas, portanto, é um equívoco grave, porque os enobrece [...] Os radicais não são perigosos porque são fanáticos, porque são “fundamentalistas”; eles são perigosos porque são totalitários. O que os

define não é a religiosidade ou o fanatismo, mas a intenção de novo de impor uma verdade que não é a nossa [...]. Devem ser chamados pelo nome certo: os totalitários do Islã.

Assim, defendem que um termo muito mais adequado seria “extremismo islâmico” ou “totalitarismo islâmico”. Porém, este trabalho adota a designação “terrorismo fundamentalista islâmico” por ser o termo mais utilizado no meio acadêmico (BUENO, 2009; PAPE, 2005; SCHMIDT; JONGMAN 2005; TRANSNATIONAL..., 2008).

Os islâmicos seguem a lei de *shariah*<sup>13</sup> e os ensinamentos do Alcorão<sup>14</sup>, que prega como primeiro dever de um fiel a luta para a construção de uma sociedade justa e igualitária,

Oh fiéis, sede firmes em observardes a justiça, atuando de testemunhas, por amor a Deus, ainda que o testemunho seja contra vós mesmos, contra os vossos pais ou contra os vossos parentes, seja o acusado rico ou pobre, porque a Deus incube protege-los. Portanto, não sigais os vossos caprichosos, para não serdes injustos; e se falseardes o vosso testemunho ou vos recusardes a prestá-lo, sabeis que Deus está bem inteirado de tudo quanto fazeis. (CAPÍTULO 4 VERSÍCULO 35)

Para alcançar este objetivo devem realizar a *jihad*<sup>15</sup> em todas as esferas da vida do indivíduo (econômica, social, militar, espiritual). “Só com a absoluta submissão existencial (*islam*) do indivíduo ao plano divino, é que o *muslim* (o que se submete) pode viver em comunidade como um autêntico ser humano” (DEGAUT, 2014, p. 2317). A *jihad* é irrestrita e é usada pelos grupos terroristas como justificativa principal para seus atos.

Os terroristas islâmicos apresentam aversão aos valores ocidentais, a exemplo de pluralismo político, democracia e estado laico. Sucintamente, é como se houvesse uma incompatibilidade entre o mundo Ocidental e Oriental, que explicasse o terrorismo islâmico (DEGAUT, 2014; HUNTINGTON, 1997). Assim sendo, as

---

<sup>13</sup> Também traduzido como *Xariá*. Significa em árabe “caminho da fonte”. É a lei mais pura e sagrada dos muçulmanos, nos termos de um código moral e legal, estipulada por Deus e derivada do Alcorão, imutável e divinamente inspirada. Seus mandamentos regem todos os aspectos da vida do muçulmano: relação do homem com Deus, relação dos seres humanos entre si e a relação dos indivíduos com a criação (KAREN, 2001; HANINI, 2007).

<sup>14</sup> Também chamado de Corão, é a escritura sagrada do Islã (NAPOLEONI, 2015).

<sup>15</sup> Termo usualmente traduzido como “guerra santa”. Porém, etimologicamente significa “empenho”, “luta”, “esforço”, ou em uma tradução mais completa “lutando ou empenhando-se pela causa de Deus”. Em seu aspecto micro significa a luta interior do muçulmano em superar seus desejos carnis e as más inclinações. No aspecto macro, a luta armada contra os agressores do Islã (DEGAUT, 2014; NAPOLEONI, 2015).

organizações terroristas levaram sua luta além das fronteiras, atingindo o Ocidente, por intervirem em assuntos dos Estados islâmicos, apoiarem Israel e terem um modo de vida contrário à *shariah*.

Neste diapasão, o caráter internacional está fortemente ligado ao dever religioso. Já que atentados terroristas são tidos como uma demonstração de fé e dever ao islamismo, uma tática cada vez mais popular é o terrorismo suicida. Por este *modus operandi* o agente sacrifica sua vida ao perpetrar a violência e o terror. Como recompensa terão o paraíso, onde virgens celestiais os esperam, e assegurarão um milênio de paz sobre a Terra<sup>16</sup> (DEGAUT, 2014).

Outra manifestação do caráter internacional do terrorismo está no crescente número de adeptos islâmicos autóctones, isto é, que se auto-radicalizaram. Kaldor (2003) justifica este fenômeno em sua tese de “globalização regressiva”, em que o comportamento terrorista decorre do hiato entre tradição e globalização. Cada vez mais indivíduos se sentem excluídos por não terem condições de usufruir das vantagens da Era moderna. Assim, são facilmente atraídos por discursos utópicos de igualdade e justiça propagados por organizações terroristas, onde são incentivados a despejarem sua raiva em atos cruéis contra pessoas inocentes e comuns.

A respeito disso Morales (2012) afirma que a maioria dos terroristas islâmicos se converteram em países ocidentais. Há um crescente movimento desde a década de 1970 de re-islamização, isto é, de doutrinar o mundo pela crença islã. Contudo, houve um desvio dessa mobilização em virtude da migração muçulmana para países ocidentais. Esse caminho não deteve o objetivo geral, ao contrário, propiciou mais adeptos ao islamismo. Algumas comunidades, principalmente em países da Europa, vivem e pregam os preceitos do islã, e rejeitam qualquer assimilação da cultura ocidental. Khader (2010) adiciona que a nova geração de terroristas é composta por homens de melhor instrução e de classe média, cuja família ao longo dos anos havia rompido laços com o mundo muçulmano. Esses indivíduos sentem que traíram suas raízes, com um sentimento de terem culposamente escapado das desgraças vividas pelas populações de países islâmicos, tidas como humilhadas.

Em síntese, terrorismo é um fenômeno que não possui uma definição única e universalmente aceita. É algo complexo, multifacetado e com diversas origens e

---

<sup>16</sup> Esta visão se aplica a agentes terroristas homens. As motivações para participação feminina em grupos terrorista será explana no capítulo 3.

motivações, o que resulta em inúmeros conceitos, porém com elementos partilhados. Via de regra, é a ameaça ou emprego de métodos de terror para causar medo na sociedade com vistas a alcançar um objetivo político. Assim, há um senso geral sobre o que significa terrorismo. Tem como algumas características imprevisibilidade e arbitrariedade dos ataques, brutalidade e ferocidade dos atos e extrema gravidade de suas consequências, e caráter amoral e de anomia dos atentados.

Apesar de ser um fenômeno muito antigo, somente no século XXI foi elevado como ponto principal da agenda de segurança internacional, como parte da “Guerra ao Terror”. Apesar de existirem várias tipologias do terrorismo, o mais ameaçador na atualidade é o terrorismo fundamentalista islâmico. Nesta modalidade os agentes almejam a disseminação do islamismo ao redor do mundo, por ser seu dever religioso realizar a *jihad*, uma luta armada contra aqueles que não compartilham a crença islã.

Este capítulo apresentou o marco teórico do terrorismo. Descreveu a origem histórica do uso do terror como método empregado por grupos não estatais com fins políticos, bem como a problemática da definição de terrorismo e o que configura esse fenômeno. Após, identificou as características do terrorismo, abrangência e emprego, e tipologias, com ênfase no terrorismo fundamentalista islâmico.

O capítulo seguinte trata especificamente do terrorismo realizado pelo Estado Islâmico. Apresentar-se-á a tipologia empregada, uma breve referência histórica do grupo e a explicação de seu objetivo-maior, a construção e expansão do Califado. Em seguida, descreve-se o funcionamento de sua economia e os elementos constitutivos de um Estado sob a ótica do ISIS, isto é, território, governo e população. Após, apresentar-se-á os métodos de recrutamento, propaganda e proselitismo.

### 3 ESTADO ISLÂMICO

Em junho de 2014 a organização terrorista mais proeminente dos últimos anos adotou oficialmente o nome de Estado Islâmico. Este grupo, que antes era pouco conhecido, ultrapassou rapidamente sua antiga líder AlQaeda como maior ameaça terrorista mundial (CRONIN, 2015). Conhecido por realizar atos terroristas de extrema crueldade como justificativa de sua missão religiosa, o Estado Islâmico tem como objetivo primordial estabelecer um novo Califado na forma de um verdadeiro Estado e expandir o islamismo para todos os cantos do mundo.

A ação do grupo tem avançado bastante na concretização desse objetivo. Conforme expõe Napoleoni (2015), a guerra de conquista do grupo está reconfigurando as fronteiras dos países do Oriente Médio, algo inédito desde a Primeira Guerra Mundial. Ademais, onde chegam causam dor e sofrimento, matando os que consideram infiéis ou aqueles que não se juntam ao grupo. Assim, o Estado Islâmico tem sido parcialmente responsável pelo êxodo de milhares de sírios, que buscam escapar do conflito indo geralmente para a Turquia, país que mais recebe refugiados sírios.<sup>17</sup>

Porém, há aqueles que fazem o caminho inverso. O Estado Islâmico possui uma grande capacidade de recrutamento, com propagandas que têm sido muito atrativas para jovens estrangeiros, os quais largam seu país natal para lutar em prol da causa jihadista. De fato, estima-se que até início de 2015 havia vinte mil combatentes estrangeiros em seu corpo armado, sendo quatro mil nacionais de países europeus (NEUMANN, 2015).

Ademais, tem se tornado cada vez mais conhecido pelo uso da tecnologia e da internet como forma de divulgação de suas atividades terroristas. Vários vídeos disponibilizados *online* mostram sequestros, decapitações, tortura e assassinato de inimigos do grupo, como pessoas de religião e etnia diferente, jornalistas e soldados do lado rival.

Diante do exposto, no presente capítulo busca-se apresentar o Estado Islâmico a partir de seus objetivos, características, formas de recrutamento, e o que esse novo ator representa para o atual contexto das relações internacionais. Primeiramente, faz-

---

<sup>17</sup> Segundo dados da BBC (2015) cerca de 1,9 milhão de solicitações de refúgio entre abril de 2011 e junho de 2015.

se uma explicação sobre a terminologia utilizada para se dirigir ao grupo. Após, relata-se as origens históricas do grupo até sua configuração atual, seu modo de organização, objetivos e recrutamento.

### 3.1 TERMINOLOGIA

Preliminarmente, há várias formas de se dirigir ao grupo terrorista em questão, parcialmente devido as mudanças de nomenclatura que o próprio grupo adotou no transcorrer de sua existência. Em sua origem era chamado de *al-Tawhid wal-Jihad*, na época em que seu líder era Abu Musab al-Zarqawi. Em seguida, passa a participar da AlQaeda como AlQaeda no Iraque (AQI). Com a morte de al-Zarqawi, Abu Bakr al-Baghdadi tomou o poder e o grupo passa a se chamar Estado Islâmico do Iraque (EII). A próxima mudança foi em 2013, quando juntou-se ao grupo terrorista sírio *Frente Jabhat al-Nusra* e transformou-se em Estado Islâmico do Iraque e do Levante (al-Sham). Este último nome foi simplificado para EIII, e em inglês para ISIL e ISIS. Em junho de 2014, quando se rompeu formalmente com AlQaeda, se autoproclamou como Estado Islâmico (EI), apesar de que desde sua origem seus membros já o chamavam de Estado (*al-Dawlat*).

Não há uma forma correta de se referir a este grupo terrorista. Por isso, há muita cautela na escolha da designação por parte de estudiosos, mídia e políticos. O principal medo é que o uso da palavra “Estado” por parte de governos e organizações internacionais seja entendido pelas pessoas como fator legitimador das ambições do grupo. Por essa lógica o grupo não seria visto como uma organização terrorista, e sim como um verdadeiro Estado criado por meio de guerra de conquista. Devido a isso os políticos em sentido geral evitam essa nomenclatura, preferindo acrônimos como ISIL (EIII em português) utilizado pelos EUA e Reino Unido. Outro muito comum é ISIS (EIS em português), empregado pelos meios de comunicação americanos e que se tornou padrão internacional para os demais.

Contudo, para Napoleoni (2015) deve-se utilizar o termo Estado Islâmico, pois transmite uma mensagem mais realista que os acrônimos. Estes ofuscam a missão do grupo de desenvolver um novo Califado, algo que deve ser lembrado ao elaborar estratégias de combate a esse agente terrorista. Dessa forma, o perigo de não admitir a ambição de natureza do Estado Islâmico pode custar caro a longo prazo.



Logo, este trabalho adota o termo Estado Islâmico ao se referir ao grupo terrorista, pois é como se autodenomina o grupo e é um termo que precisa o objetivo maior do grupo. Também é empregado o acrônimo ISIS somente pelo motivo de ser o termo mais utilizado internacionalmente. De forma inequívoca, ressalta-se que o Estado Islâmico é um grupo terrorista, sendo essa sua natureza.

### 3.2 HISTÓRIA DO ESTADO ISLÂMICO

A origem e história do Estado Islâmico pode ser traçada por pedaços da trajetória de seus líderes. O pai fundador do que o grupo é atualmente foi o jordaniano Abu Musab al-Zarqawi. Nasceu no vilarejo de Zarqa, também chamado de Zarpa, onde seu pai era um *mukhtar*<sup>18</sup>. Abandonou os estudos em 1984, quando seu pai morreu, e entrou para o mundo do crime. Foi encarcerado por posse de drogas e ataque sexual. Quando foi libertado, sua mãe, numa tentativa de colocar o filho no caminho certo o matriculou em cursos religiosos na mesquita Al-Husayn Bem Ali, onde se tornou adepto do salafismo<sup>19</sup> e iniciou seu pensamento radical islâmico.

Viajou para o Afeganistão em 1989 para participar dos *mujahedin*<sup>20</sup> em favor do Exército Vermelho, mas chegou tarde demais. Permaneceu no país fazendo contatos que seriam úteis posteriormente, e trabalhou como correspondente de revista jihadista *Al-Bunyan Al-Marsus* (A fortaleza impenetrável). Contudo, al-Zarqawi queria mais do que escrever sobre outras pessoas, então largou a revista para participar de uma série de campos de treinamento, doutrinando e treinamento jihadistas.

Quando voltou à Jordânia em 1992 foi posto sob vigilância pelo Diretório de Inteligência Geral (DIG). Em 1993 iniciou seu próprio grupo jihadista em conjunto com Abu Muhammad al-Maqdisi, um salafista jordaniano-palestino escritor. Este era o erudito da dupla, enquanto aquele era o carismático. Realizavam manifestos públicos

---

<sup>18</sup> Em árabe significa sábio do vilarejo. Designa o cargo dentro do vilarejo de líder, responsável por resolver conflitos locais (WEISS; HASSAN, 2015).

<sup>19</sup> Doutrina religiosa que prega o retorno à ideologia e tradição do Profeta Maomé. Rejeitam completamente os valores e a influência do Ocidente, sendo este visto como poluidor da civilização árabe e irreconciliável com o Islã. Em sua versão mais radical defende a jihad (WEISS; HASSAN, 2015; NAPOLEONI, 2015).

<sup>20</sup> Significa em árabe “aquele que faz jihad”. Sua tradução mais usual é “guerreiros santos”, referindo-se aos combatentes islâmicos radicais, mas foi primeiramente empregado para designar os muçulmanos que lutavam contra os soviéticos no Afeganistão (1979-89), de acordo com Napoleoni (2015).

de doutrinação e compras de armas para ataques terroristas. Entretanto, foram pegos pelo DIG e sentenciados em 1994 a quinze anos de prisão por porte de armamento.

Foram enviados para a prisão Swaqa, onde, na visão de Weiss e Hassan (2015, p. 25) “a prisão foi sua universidade”. Encarcerado em Swaqa, al-Zarqawi dedicou seu tempo estudando o islamismo radical e aprimorando sua ideologia. Começou também a disseminar seu pensamento para os demais presos, conquistando uma posição de poder entre eles dentro da dinâmica interna da prisão. Sua popularidade foi tanto que eclipsou al-Maqdisi como pregador e assumiu o título de emir dentro de seu grupo no cárcere. Ademais, quando conseguia corromper os guardas ganhava mais poder para sua facção e quando não era bem-sucedido aguentava os castigos impostos, impressionando seus homens. Por uma sucessão da dinastia do governo foi libertado em 1999, quando o vigente rei concedeu anistia geral para cerca de três mil presos.

Viajou para Kandahar, Afeganistão, em 2000, onde teve o primeiro encontro com Osama Bin Laden. Na época a AlQaeda estava empenhada em ataques contra os EUA, o invasor infiel e inimigo distante. Al-Zarqawi, no entanto, via como mais urgente o inimigo próximo, isto é, o governo Jordânico (NAPOLEONI, 2015) e os *kuffar*<sup>21</sup>, que em sua visão eram todos os xiitas e os sunitas não-salafistas (WEISS; HASSAN, 2015). Bin Laden convocou Al-Zarqawi para realizar *bayat*<sup>22</sup>, porém este recusou reiteradamente. Diante disso, foi firmado somente um acordo de conveniência entre os dois.

Al-Zarqawi passou a administrar um campo de treinamento de terroristas suicidas no Afeganistão, custeado pela AlQaeda, denominado Tawhid wal-Jihad (Monoteísmo e Jihad). Este foi ano dos ataques de 11 de setembro, seguidos pela Guerra ao Terror. Assim, quando tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) invadiram o campo de treinamento, Al-Zarqawi fugiu para o Iraque.

O grande acontecimento seguinte foi a queda do ditador baathista<sup>23</sup> Saddam Hussein em 2003, por uma coalizão de países liderados pelo EUA e Reino Unido. Esta invasão teve como justificativa a acusação estadunidense do Iraque possuir armas de destruição em massa e manter ligação com o terrorismo da AlQaeda. Adicionalmente,

---

<sup>21</sup> Em árabe significa descrentes.

<sup>22</sup> Ato solene de jurar lealdade, requisito para ingressar na AlQaeda.

<sup>23</sup> Mescla de partido político socialista e visão religiosa que dominava no governo de Saddam Hussein. Seu objetivo era a unificação do mundo árabe em um só Estado.

foi acusado de realizar limpeza étnica contra os movimentos xiitas e curdos. Após sua queda, as forças internacionais intervieram no país sob a alegação de auxiliar o surgimento de um governo democrático. Contudo, o novo governo não levou em consideração nem a composição demográfica e nem o entendimento local sobre um sistema almejado de governo. Conforme relata Weiss e Hassan (2015, p. 37)

Árabes sunitas constituem, no máximo, 20 por cento da população iraquiana, enquanto os árabes xiitas constituem até 65 por cento. Uma pluralidade de curdos sunitas (17 por cento), mais uma demografia menor de cristãos, assírios, yazidis e turcomanos sunitas e xiitas compõem o restante do tecido social do país [Iraque]. Mas Saddam havia presidido sobre décadas de um sistema de amparo sectário que favorecia amplamente a minoria à custa de uma maioria insatisfeita e muito empobrecida.

O novo sistema de governo reverteu essas posições, com treze xiitas e alguns sunitas no Conselho de Governo. O resultado desastroso da segregação foi o revanchismo sunita. Assim, ex políticos sunitas e tribos do Iraque formaram uma união informal com membros da AlQaeda visando expulsar os norte-americanos e restabelecer a antiga ordem de poder.

Entre eles estava o grupo de Al-Zarqawi. Seu grupo iniciou uma série de ataques suicidas terroristas no país, dentre eles o atentado à sede local das Nações Unidas que matou Sérgio Vieira de Mello, representante especial das Nações Unidas no Iraque e a explosão à mesquita do imã Ali, assassinando 125 xiitas (NAPOLEONI, 2015).

Em outubro de 2014 Al-Zarqawi aceitou realizar a *bayat* para Bin Laden, resultando na mudança de nome do seu grupo para Tanzim Qaedat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn<sup>24</sup>, que foi internacionalmente traduzido para AlQaeda no Iraque (AQI). Para levar adiante suas ambições a AQI precisava ganhar mais apelo popular, e o grande obstáculo nesse sentido era a percepção de que se tratava de um exército jihadista estrangeiro. Como leciona Weiss e Hassan (2015) a AQI precisou “iraquizar” seus combatentes, criando em 2006 o Majlis Shura al-Mujahidin fi al-Iraq (Conselho Consultivo Mujahidin no Iraque). Os autores explicam que “Inicialmente, este consórcio consistia de seis grupos salafistas diferentes, cinco dos quais eram iraquianos em sua composição, deixando a AQI como único participante de fora, embora com controle central sobre as operações do conselho” (WEISS; HASSAN

---

<sup>24</sup> Em árabe significa AlQaeda na Terra dos Dois Rios (WEISS; HASSAN, 2015).

2015, p. 57). Com maior apoio popular, o grupo continuou com ataques massivos à grupos xiitas e demais inimigos.

Bem-sucedida, em 2006 a AQI havia ultrapassado a AlQaeda em termos de riqueza. Possuía entre US\$ 70 e US\$ 200 milhões de dólares em decorrência de suas atividades criminais (WEISS; HASSAN, 2015). Estas abarcavam roubo e venda de armas militares estadunidenses, sequestro e cobrança de resgate para reféns e contrabando de petróleo. Esse cenário não agradou a AlQaeda, que emitiu a ordem de parar de assassinar xiitas iraquianos. O grupo líder argumentava que todos os esforços deveriam ser canalizados para ataques às forças norte-americanas, deixando de lado os ataques a iraquianos. Essa ordem foi depois lembrada pelo grupo islâmico como um favor que a AlQaeda fez para o Irã.

Al-Zarqawi não acatou a ordem. Continuou com a limpeza étnica até que em 7 de junho de 2006 foi morto por um ataque aéreo norte-americano em seu esconderijo. Após sua morte, o Conselho Consultivo Mujahidin apontou como novo líder Abu Ayyub al-Masri. Conforme Weiss e Hassan (2015), al-Masri aprofundou o programa de Iraquinização quando declarou que sua franquia fazia parte de um movimento maior do islamismo, que chamou de Estado Islâmico do Iraque, liderado por Abu Omar al-Baghdadi. Na prática, os líderes atuavam em conjunto e de forma complementar. Al-Masri era o estrategista e al-Baghdadi o executor. A ideologia do grupo tomou um rumo diferente,

Al-Zarqawi, [...] via a si mesmo em termos messiânicos, como defensor de todos os sunitas contra os xiitas; al-Masri via a si mesmo como uma caçatentos e exportador de terror, para quem o Iraque não passava de um palco na luta contra a "ideologia ocidental no mundo todo (WEISS; HASSAN, 2015, p. 68).

Por esse norte, o grupo passou a assassinar jihadistas que não aderiam à sua organização. Ao mesmo tempo houve acontecimento controverso. Al-Masri fez *bayat* para Al-Baghdadi, posicionando a AQI como facção do Estado Islâmico do Iraque. Assim, realizando um jogo duplo, de aliança com a AlQaeda, mas com preparativos para secessão com a mesma.

Ainda em 2006 houve um movimento denominado Sawha (Despertar Sunita), em que as tribos se rebelaram contra os jihadistas, e se juntaram aos norte-americanos. O grande fator para isso foi o repúdio ao modo de governo imposto pela AQI e seus direitos autoconcedidos, que incluíam sequestro, assassinato e *droit du*

*seigneur*<sup>25</sup> (WEISS; HASSAN, 2015). Combinado a esse movimento houve a *surge*<sup>26</sup> das tropas americanas no Iraque em 2007, a qual tinha como objetivo enfraquecer os grupos jihaditas no país. Por conta disso, indivíduos sunitas foram convocados e treinados para auxiliar na expulsão do jihadismo, em um programa chamado Filhos do Iraque.

Sofrendo múltiplos ataques, a AQI foi perdendo membros e poder. Os combatentes que não morreram foram enviados para centros de detenção. Foi lá que o grupo islâmico concentrou seus esforços, doutrinando e recrutando mais membros. De fato, Weiss e Hassan (2015) escrevem que alguns indivíduos deixam-se ser pegos e quando entravam na prisão pediam para serem colocados no bloco da AQI. Os autores trazem o relato de um ex membro do Estado Islâmico sobre essa situação

Nós jamais conseguiríamos nos reunir desse jeito em Bagdá, ou em qualquer outra parte [...] teria sido proibitivamente perigoso. Aqui nós não estávamos somente seguros, como estávamos a apenas algumas centenas de metros de toda a liderança da AlQaeda (WEISS; HASSAN, 2015, p. 88)

Em 2009 foi assinado o Acordo de Status de Forças (SOFA) entre Washington e Bagdá, regulando a retirada das tropas norte-americanas do país e a transferência de responsabilidade sobre os presos para o governo iraquiano. Assim, muitos presídios foram fechados e os detentos postos em liberdade, com uma série de contatos jihadistas.

Também em decorrência do início da saída estadunidense do Iraque, o primeiro-ministro Al-Malik, não deu procedência aos programas idealizados pelos EUA, como os Filhos do Iraque e o Despertar. Com a libertação de jihadistas, os Filhos do Iraque foram perseguidos pelos radicais islamistas e até pelo próprio governo ao qual eles haviam servido, que não via mais utilidade no programa. Semelhantemente, o governo de Al-Malik parou de pagar os salários dos membros do Despertar, fazendo com que muitos abandonassem o emprego e voltassem para a insurgência.

Agravando esse cenário, o governo de Al-Malik, xiita, perseguia política e violentamente os sunitas, levando-os a se armarem para uma revolução. A AQI

---

<sup>25</sup> Termo francês que significa “direito do senhor”. Era um costume legal da época da Idade Média em que a primeira noite do casamento de uma mulher em um feudo deveria ser com o senhor do feudo. No caso em questão, era utilizado pelos os jihadistas como um direito deles para estuprarem mulheres iraquianas (WEIS; HASSAN, 2015).

<sup>26</sup> Termo utilizado por Weiss e Hassan (2015) para se referir ao esforço norte-americano de dominar a insurgência iraquiana.

aproveitou esta conjuntura para atacar xiitas, aumentando o conflito. Diante desse cenário surgiram vários grupos terroristas e de insurgência insatisfeito com o governo, levando o Iraque à instabilidade.

Em 2010 um ataque de tropas norte americanas assassinou Abu Ayyub al-Masri e Abu Omar al-Baghdadi, deixando o Estado Islâmico do Iraque e a AQI sem líderes por um breve momento. Porém, logo em seguida, o conselho apontou como novo líder das duas organizações terroristas Ibrahim Awwad al-Badari, que assumiu o nome de guerra Abu Bakr al-Baghdadi. O segundo al-Baghdadi vinha de uma família rural pobre, mas estudou islamismo em mesquitas e universidades e participou de outros grupos terroristas. Foi preso em 2014 no campo Bucca e solto no mesmo ano, com uma orientação muito mais extremista.

Ao mesmo tempo de sua ascensão à líder, foram surgindo várias evidências de que o presidente da Síria, Bashar al-Assad, orquestrava atividades terroristas no Iraque, como o envio de jihadistas para a AQI. Juntamente a isso, a Síria entrou em uma profunda guerra civil.

Al-Baghdadi viu o conflito na Síria como uma oportunidade de aumentar o poder de seu grupo. Assim, instalou-se no país e ganhar mais riquezas e conquistou o controle de vastos setores do mercado de armas no país. O conflito da Síria também despertou o interesse da AlQaeda, na figura de Al-Zawahiri, que enviou uma mensagem a todos os muçulmanos para apoiar a luta na Síria contra al-Assad.

Além das forças de Assad, atuavam no país os rebeldes, forças internacionais e grupos terroristas patrocinados, como a AlQaeda, o al-Nusra (AlQaeda na Síria) e o Estado Islâmico do Iraque. Esses últimos grupos formaram uma aliança chamada Estado Islâmico do Iraque e do Levante (al-Sham). Diante desse cenário, a guerra civil na Síria tomou um caminho muito violento. De fato, o Norte da Síria era a região mais desolada do país. A realidade era que o Estado e a sociedade deixaram de existir. Nesse sentido, Napoleoni (2015, p. 52) relata que a sucumbência do Estado criou “um vácuo político que organizações armadas sectaristas preenchem com atos de violência. Nesse ambiente anárquico, a sociedade deixou de existir, substituída que fora por guerras perenes e de ações medievais”. A preocupante situação na Síria pode ser vista no mapa 1 abaixo.

Figura 1: Mapa 1 - O mapa da guerra na Síria



Fonte: Folha de S. Paulo (2015).

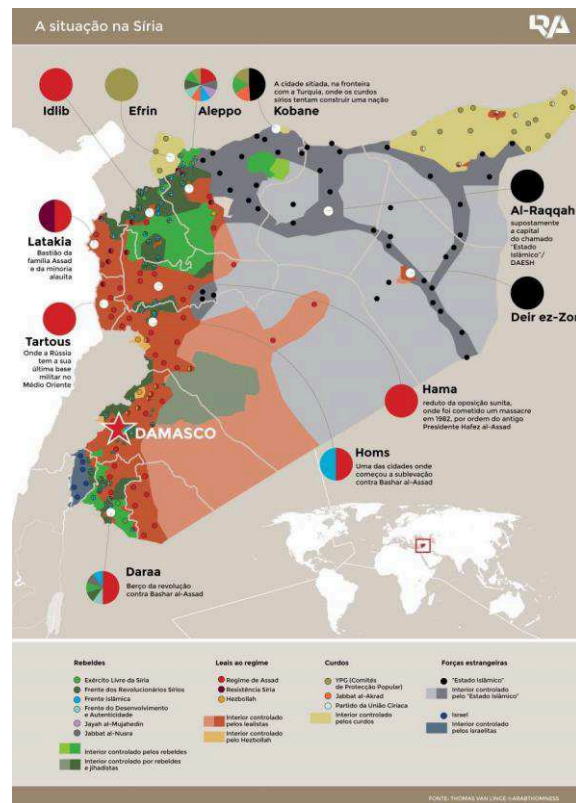
O grupo de Al-Baghdadi tinha diversos patrocinadores árabes que o incumbiram de depor o presidente Al-Assad. Contudo, o emir tinha planos maiores, e foi nesse cenário de anarquia que al-Baghdadi iniciou os preparativos para a instalação de um Califado.

No início de 2014 o grupo rompeu laços com o al-Nusra, pois este se recusou em fundir-se com Al-Baghdadi, e como essa estratégia não havia sido acordada com o comando central da AlQaeda, esta terminou formalmente sua associação com o Estado Islâmico do Iraque. Essa separação já era prevista devido às divergências ideológicas dos grupos.

Sucintamente, a Al-Qaeda era guiada pelas ideias de Sayyid al-Qutb (1906-1966). Este líder islâmico queria estabelecer a lei de Sharia, extinguindo as influências ocidentais no mundo islâmico, bem como os apóstatas. Seu objetivo de estabelecer um Califado teve como grande obstáculo o fato de que em sua visão um islâmico não poderia governar sob outro. Este ponto consistia na divergência principal na interpretação do islamismo pelas duas organizações. Al-Zarqawi, o pai do Estado Islâmico, defendia que quando dois islâmicos estão juntos, um será o emir, isto é, o líder, e seu pensamento foi seguido pelos demais líderes.

Diante do divórcio, o grupo de Al-Baghdadi investiu mais ainda em seu objetivo de erguer o Califado. Conquistando vastos territórios na Síria e Iraque, recrutando novos membros por onde passava e também do exterior, o grupo conquistou cidades importantes, como Al-Raqa e Mosul, e ficou forte o bastante para divulgar seu plano ao mundo. O infográfico 1 aponta o território controlado pelo ISIS.

Figura 2: Infográfico 1 – A situação na Síria



Em 29 de julho de 2014, Al-Baghdadi declara o Califado e a nova nomenclatura do grupo, Estado Islâmico. Em seu discurso afirma que

O sol da *jihad* surgiu. As boas novas estão brilhando. Triunfo aparece no horizonte. Os sinais de vitória apareceram. Aqui está a bandeira do Estado Islâmico, a bandeira do tawhīd (monoteísmo), é erguida e agitada. Sua sombra cobre a terra de Aleppo à Diyala. Os muçulmanos são honrados. Os kuffār (infiéis) são desonrados (THIS IS..., 2014, p. 4, tradução nossa<sup>27</sup>)

<sup>27</sup> Texto original: The sun of jihad has risen. The glad tidings of good are shining. Triumph looms on the horizon. The signs of victory have appeared. Here the flag of the Islamic State, the flag of tawhīd (monotheism), rises and flutters. Its shade covers land from Aleppo to Diyala. The Muslims are honored. The kuffār (infidels) are disgraced.



Assim nasce a organização terrorista mais ameaçadora da atualidade. O Estado Islâmico constitui a nova principal face do terrorismo fundamentalista islâmico, em uma vertente extremamente radical e violenta.

A ideologia islâmica do grupo é um importante elemento para entender seu funcionamento e meta. Nesse sentido, Demant (2013) ensina que o fundamentalismo é simultaneamente uma ideologia política e um movimento social, pois prega um modelo de sociedade anti-ocidental. Contudo, a rejeição ao modo de vida do Ocidente é apenas um lado do islamismo. De fato, esse movimento possui um programa político e social regrado por uma base principiológica consensual, a qual inclui a constituição de um Estado Islâmico. A partir deste ponto Demant (2013, p. 280) afirma que “o fundamentalismo significa a politização da região”.

Além da religião, o islamismo é escolhido por grupos terroristas por outros fatores, como a ideologia forte e por poder ser uma resposta à crise da desclassificação, em que jovens não conseguem usufruir da modernidade. Assim, o fundamentalismo muçulmano é uma reação contra a modernidade. Seu objetivo é, portanto, reconstruir o islã de uma forma mais pura. Demant (2013) afirma que houve três ideologias alternativas para isso: nacionalismo pan-árabe, patriotismo regional e o islã político. Porém, a única que teve êxito foi o islã político.

Com a globalização, as desigualdades foram mais acentuadas, culminando numa alienação cultural cada vez maior. Assim, as crise socioeconômica e cultural deram espaço para o surgimento do fundamentalismo. A partir disso, alguns indivíduos se voltam para a religião islâmica como refúgio, e em alguns grupos mais radicais o islã acompanha o terrorismo. Desta origem o fundamentalismo se expande por três fatores

a) eles são “cópias” que se inspiram no original médio-oriental; b) eles surgem em sociedades muçulmanas atingidas econômica e culturalmente pelas mesmas forças globalizantes, só que mais tarde do que no Oriente Médio, e que reproduzem os mesmos efeitos; ou c) os fundamentalismos “periféricos” são reações a condições locais idiossincráticas (DEMANT, 2013, p. 305).

Além destes, contribui para o fundamentalismo a ineficiência do Estado em prover serviços básicos a população e alguns fatores psicológicos, como a espera por uma nova era de prosperidade para o Islã. Ademais, o fundamentalismo islâmico constitui um movimento atraente devido ao histórico de conflitos com o Ocidente cristão, a forte utopia social islâmica e o universalismo do islã (DEMANT, 2013).

A respeito do ISIS, Sivan (1985) leciona que a formação de um Estado islâmico perpassa por três fases. A primeira é a isolacionista, em que o indivíduo sai da comunidade corrupta e cria uma nova sociedade pura. Em seguida é a fase educacional, em que atraem outras pessoas para a causa. Por fim, há a fase política-revolucionária, em que usam táticas como o terrorismo para enfraquecer a comunidade corrupta e trazer adeptos.

O grupo de ideologia salafista emprega diversos métodos terroristas para atingir seu grande objetivo, o Califado. Tais métodos incluem a privatização do terrorismo, a utilização de homens-bombas, tortura, execução em massa, decapitações públicas e etc.

Em conformidade com as definições apresentadas neste trabalho, o terrorismo do Estado Islâmico tem objetivo político por trás de suas ações e é dirigido para um público maior do que suas vítimas imediatas. Com efeito, o alvo pretendido é a comunidade islâmica, no sentido de convocar seus membros a se unirem ao ISIS, e a sociedade global, na lógica de demonstrar seu poder e pretensões políticas.

Ademais, o grupo possui as características próprias de organizações terroristas, como imprevisibilidade e arbitrariedade dos ataques, ausência de armistício, assimetria do conflito, objetivo não negociável, brutalidade dos atos, e caráter amoral, para citar algumas.

Contudo, há certos aspectos atribuídos a grupos terroristas que não se aplicam perfeitamente ao Estado Islâmico, devido a já iniciada tentativa de construção do Califado. Um exemplo disso é que, em geral, no terrorismo não há território definido, porém, o ISIS controla uma vasta área no Iraque e na Síria relativamente identificável, podendo ser considerado uma exceção a essa característica.

Igualmente, há certos aspectos do terrorismo que são mais utilizados pelo Estado Islâmico, como o uso de novas tecnologias, como a internet. Apesar de não ser uma característica de atribuição exclusiva ao ISIS, constitui um elemento essencial do modo de funcionamento do grupo. Como será esclarecido adiante, o Estado Islâmico utiliza a internet para disseminar o terror, divulgar suas atividades e recrutar novos membros ao redor do mundo.

Em síntese, a violência utilizada em seus inimigos, o grande poder de mobilização e recrutamento mundial, os ataques internacionais de seus membros e simpatizantes, fazem do Estado Islâmico a nova ameaça terrorista à paz mundial.

### 3.3 OBJETIVO

Em 29 de junho de 2014, primeiro dia do Ramadã<sup>28</sup>, o Estado Islâmico anunciou através de um áudio na internet a criação do Califado para a população islâmica mundial. Nesse áudio, com título traduzido para “a promessa de Allah” Abu Muhammad al-Adnani, representante oficial do ISIS, traz várias passagens do Alcorão, e afirma que sucessão, estabelecimento e segurança são promessas de Alá para os muçulmanos, mas com a condição de venerarem somente à Ele. Ao cumprir essa condição, os fiéis terão a habilidade de eliminar a opressão e disseminar a justiça. Em seguida, al-Adnani recapitula a história de Alá e do povo árabe, como era um povo negligenciado até sua vinda e que Alá os unificou através do islamismo.

Logo após, anuncia que o grupo agora controla o território da Síria e do Iraque, de Aleppo até Diyala. Também lista as conquistas do Estado Islâmico e como tem ajudado os povos dos territórios conquistados. Porém, al-Adnani afirma que há algo que falta, uma obrigação já esquecida, o Califado. Esclarece que este seria um Estado dos muçulmanos, daqueles que foram oprimidos e demais minorias islâmicas. Assim, o grupo anuncia o estabelecimento do Califado, que cresce a cada dia e alerta que aqueles que não auxiliarem nessa tarefa estarão em pecado. Declara que al-Bahgadi é o imã e o califa para todos, e que a partir daquele momento o grupo passa a se chamar Estado Islâmico.

Por fim, a mensagem convida todos os muçulmanos a se unirem à causa, “apressem-se, ó muçulmanos, e reúnam-se ao redor de seu califa, para que você retorne como você era por anos, reis da terra e cavaleiros da guerra. Venham para que vocês possam ser honrados e estimados, vivendo como mestres com dignidade” (THIS IS..., 2014, p. 6, tradução nossa<sup>29</sup>). Convida também aqueles que não acreditam na democracia, nacionalismo e outras ideias ocidentais a se unirem ao ISIS.

Assim, o grande objetivo do Estado Islâmico é a criação e expansão do Califado, com inspiração no de Bagdá, mas em uma versão moderna. O antigo Califado tinha um vasto território, que se estendia da capital do Iraque até a região

---

<sup>28</sup> Significa em árabe “ser ardente” e é o nono mês do calendário islã no qual os islâmicos devem jejuar do nascer ao pôr- do-sol e se unir em oração para renovar sua fé.

<sup>29</sup> Texto original: So rush O Muslims and gather around your khalīfah, so that you may return as you once were for ages, kings of the earth and knights of war. Come so that you may be honored and esteemed, living as masters with dignity

que atualmente se encontra Israel, e perdurou até 1258, quando foi destruído pelos mongóis (NAPOLEONI, 2015). O Califado é visto como um Estado ideal, aguardado desde 1950, quando houve a primeira tentativa de seu erguimento pela organização Hizb ut-Tahrir. Conforme leciona Napoleoni (2015, p. 66)

[...] o Califado representa para os muçulmanos o Estado ideal, a nação perfeita, por meio da qual conseguirão sua libertação após séculos de humilhação, opressão racista e derrotas nas mãos dos infiéis, ou seja, das potências estrangeiras e seus aliados muçulmanos.

Seria, portanto, um país islâmico moderno associado ao período de glória do Islã, quando aumentou seu território e desenvolveu-se culturalmente. Porém, há certos requisitos que devem ser preenchidos para que uma entidade ganhe status de Estado.

Segundo Weber (2004) os elementos constitutivos do Estado são território, governo e população. Indica também como elemento intrínseco ao Estado o monopólio da violência legítima. Ademais, é necessário que a comunidade internacional reconheça aquela comunidade política como um Estado. Nesse sentido,

[...] o Estado moderno é uma associação de dominação institucional, que dentro de determinado território pretendeu com êxito monopolizar a coação física legítima como meio da dominação e reuniu para este fim, nas mãos de seus dirigentes, os meios materiais de organização (WEBER, 2004, p. 529)

O Estado Islâmico atualmente controla uma área de mais de oitenta mil quilômetros quadrados na região entre Síria e Iraque, configurando o primeiro elemento. O segundo atributo, governo, é visto pelos terroristas como obtido, pois há delegação de soberania nacional e hierarquia organizacional. O terceiro elemento consiste na população, isto é, a congregação de pessoas de várias origens que se estabelecem em um território, com a vontade de ali permanecerem e se organizarem politicamente. O ISIS entende como cidadãos seus combatentes, a população da área dominada e os migrantes que se juntam ao grupo para formar o Califado.

Por meio da *shariah*, o Estado Islâmico impõe uma conduta moral e legal a ser seguida em seu território, com a imposição de penas e sanções aos transgressores. Um exemplo disso é o tratamento dado a traidores ou desertores do movimento, que tem sua cabeça dividida por balas, não importa quem seja (THIS IS..., 2014). O último ponto é o reconhecimento internacional. Com convicção, não há um país no mundo que reconheça o Estado Islâmico como algo além de um grupo terrorista. Assim, o ISIS carece de elementos básicos para se autodenominar um Estado.

Nos atuais moldes em que se encontra o Estado Islâmico pode ser entendido como um Estado-fantasma. Napoleoni (2015, p. 136) assim o define “Resultado do processo pelo qual uma organização armada monta a infraestrutura socioeconômica (sistema tributário, agências de emprego estatal, etc.) de um Estado sem que tenha nenhuma estrutura política de fato, ou seja, território, autodeterminação”. Estados-fantasmas podem ter diferentes tamanhos, mas um elemento comum é a simplicidade da sua criação e administração, devido exatamente a falta de estrutura política. Ademais, a localização ideal é um território assolado por guerras, em que não mais existe a figura do Estado e, portanto, da autoridade política.

A atribuição do caráter de Estado-fantasma à tentativa de Califado do ISIS decorre do fato de que “embora tivesse uma infraestrutura nacional, carecia da autodeterminação que constitui a essência da condição de nação soberana” (NAPOLEONI, 2015, p. 46). A formação de um Estado, via de regra, tem como primeiro acontecimento o processo de autodeterminação, que resulta na integração política, seguido da formação da economia e da infraestrutura do Estado. Essa ordem não é seguida nos casos de Estados-fantasmas, como o ISIS, o qual formou primeiramente sua economia e infraestrutura, e no presente tenta conseguir reconhecimento político.

### 3.4 ECONOMIA

A economia do Estado Islâmico, e uma parcela significativa de sua ascensão, ocorreu em decorrência das conquistas militares e dos empreendimentos financeiros.

As conquistas militares são essencialmente as guerras por procuração, em que países árabes financiaram os terroristas para lutarem na guerra da Síria com vistas a depor o presidente Assad do poder. As guerras por procuração aumentaram após o fim da Guerra Fria, pois com um sistema internacional multipolar o número de potenciais patrocinadores multiplica. Em 2010, o ISIS estava sendo financiado pelos kwaitianos, catarianos e os sauditas (NAPOLEONI, 2015). Além do ganho financeiro, a guerra por procuração forneceu ao grupo, ainda que indiretamente, acesso a armas e demais equipamentos militares de países ocidentais. Outra consequência foi a ampliação da organização terrorista. A conjuntura caótica do conflito na Síria fez emergir diversos outros grupos jihadistas, os quais o ISIS realiza alianças ou captura e converte os soldados dos grupos vencidos.

Ademais, a guerra por procuração é complementar ao status de Estado-fantasma do ISIS. Uma vantagem do Estado-fantasma sobre os Estados reais é o uso de pouco recurso financeiro para ser administrado, uma vez que o principal destino desse dinheiro é a área militar, que coincidentemente é de onde o recurso financeiro provém. Nesse modelo, a guerra é a principal fonte de renda. Porém o Estado Islâmico configura-se como uma exceção à regra. A economia de guerra lhe fornece renda, que é destinada às áreas militares e também à população, mas sua economia não depende exclusivamente da guerra.

Um outro fator é a privatização do terrorismo. Napoleoni (2015) afirma que a rapidez com que o ISIS se tornou independente de seus patrocinadores é uma das razões do sucesso do grupo. A autora afirma que “o EI conseguiu independência financeira de seus patrocinadores com uma rapidez impressionante, já que não teve que enfrentar quase nenhuma oposição quando empreendeu seu processo de transição econômica” (NAPOLEONI, 2015, p. 54). Essa quase ausência de oposição decorre do medo dos patrocinadores de se rebelarem contra o grupo e também porque há poucos grupos jihaditas fortes o suficiente para combaterem o ISIS.

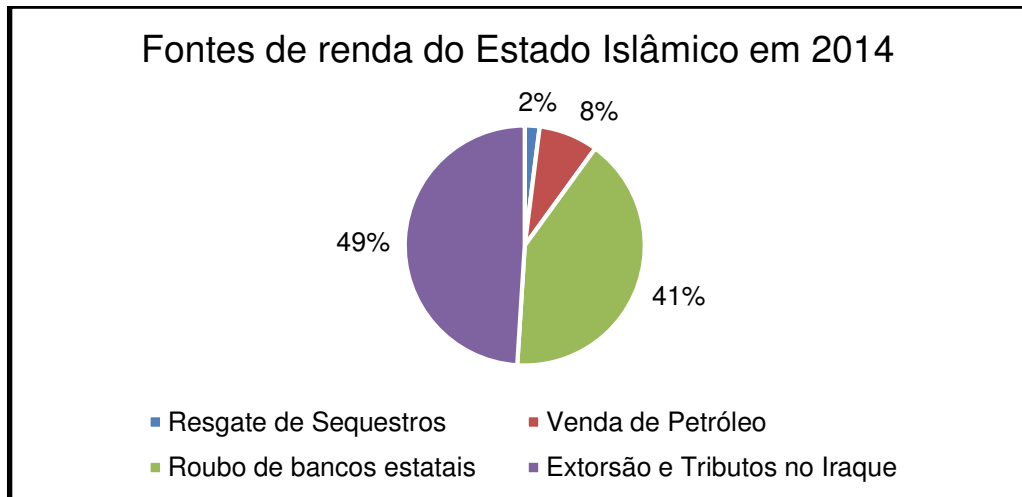
Em relação aos empreendimentos financeiros, o grupo realizou alianças bem-sucedidas com tribos sunitas locais, contribuindo para o sucesso da organização terrorista. Diferente de outras tentativas de Estado-fantasmas, o grupo de Al-Baghdadi formou parcerias igualitárias com essas tribos para explorar seus recursos naturais. O principal deles é o petróleo, extraído e contrabandeado por membros dos dois lados da aliança. Esse comportamento de parceria fez com que a população local, em geral, não se opusesse a presença do grupo, ao contrário, formou uma imagem do Estado Islâmico como um poder mais honesto e justo do que o governo sírio, que os havia discriminado e oprimido. Com efeito,

Politicamente, sua habilidade em cooperar com os líderes locais, em incorporá-los ao Califado como parceiros, e não na condição de integrantes de uma população conquistada, mas como cidadãos de um Estado moderno, permitiu que o Estado Islâmico tivesse um crescimento estupendo no conceito de militantes e prestigiasse sua promessa política de recriar o Califado (NAPOLEONI, 2015, p.55).

Essa estratégia tinha como meta menor agilizar a independência financeira do grupo frente aos patrocinadores, e assim privatizar o terrorismo. Como meta maior, a parceria resultou em acesso a recursos naturais valiosos, que foram explorados e vendidos, aumentando a economia do grupo.

Para custear o território o grupo terrorista possui quatro fontes de renda. De acordo com o gráfico 1 a receita do ISIS consiste em 2% de resgate de sequestros, 8% da venda de petróleo, 41% de dinheiro roubado de bancos estatais no Iraque e 49% de extorsão e tributos no Iraque (ALMUKHTAR, 2015).

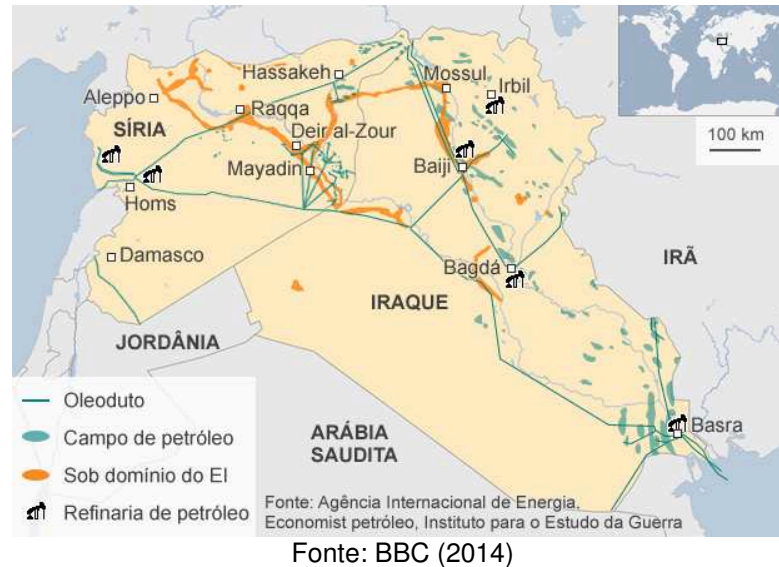
Figura 3: Gráfico 1 – Fontes de renda do Estado Islâmico em 2014



Fonte: adaptado pela Autora (2016) a partir de  
<[http://www.nytimes.com/interactive/2015/05/19/world/middleeast/isis-finances.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/interactive/2015/05/19/world/middleeast/isis-finances.html?_r=0)>

Denota-se que os empreendimentos financeiros realizados pelo ISIS descritos no Gráfico 1 estão ligados a atividades criminosas. O Estado Islâmico captura jornalistas, soldados e pessoas em geral para fazerem de reféns. Eles são tratados como mercadoria de alto valor, tanto pelo preço do resgate cobrado quanto para demonstrar o poder do grupo, na forma da divulgação de seu cruel assassinato na internet. Além disso, o ISIS exerce controle de importantes refinarias e oleodutos de petróleo, conforme o Mapa 2,

Figura 4: Mapa 2 – Refinarias de petróleo sob o domínio do ISIS



Apesar desses oleodutos e refinarias à sua disposição, a venda de petróleo constitui um ganho de somente 8% de toda a receita do grupo. De acordo com Almkhtar (2015) essa porcentagem decorre do consumo próprio dessa matéria-prima e de ataques de forças internacionais em refinarias controladas pelo grupo, como os ataques às refinarias Mayadin em setembro de 2014 e Baiji em abril de 2015.

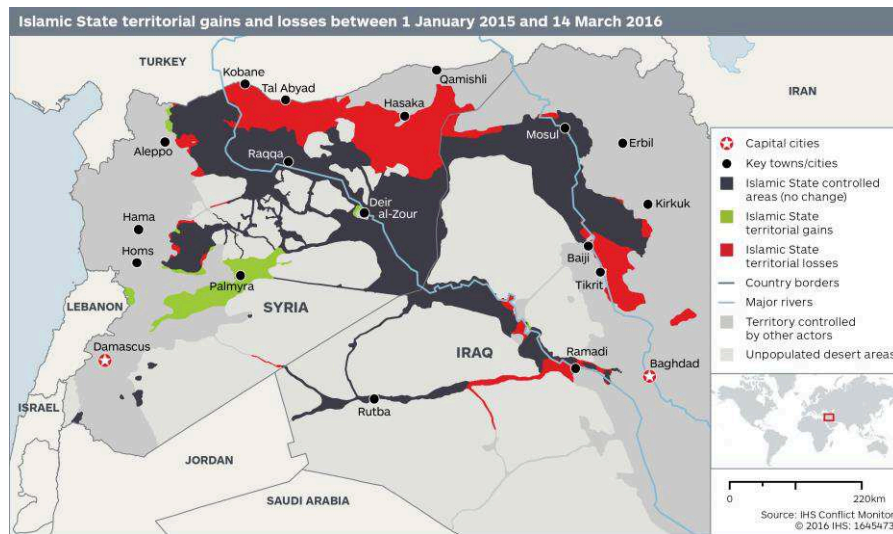
Ainda, quando o grupo passa a exercer controle sobre uma nova área realiza roubos em massa de bancos estatais. Ao tomar posse de Mosul o Estado Islâmico roubou cerca de US\$ 500 bilhões de dólares do banco central da cidade (TAIT, 2014). Já a extorsão e o pagamento de tributos praticados pelo ISIS alcançam mais de US\$ 1 milhão por dia (ALMUKHTAR, 2015). Esse montante provém dos altíssimos tributos cobrados de funcionários do governo e de empresas do Iraque. Os funcionários têm seus salários taxados em 50%, enquanto é cobrado 20% da renda das empresas.

### 3.5 TERRITÓRIO

Quando o Califado foi declarado, em meados de 2015, o Estado Islâmico controlava uma área de mais de oitenta mil quilômetros quadrados na região entre Síria e Iraque (ISIS..., [2015]). Porém, ao passar do tempo tem perdido parcelas de seu território, conforme demonstrado no Mapa 3.



Figura 5: Mapa 3 – Ganhos e perdas territoriais do Estado Islâmico entre 01 jan. 2015 e 14 mar. 2016



Fonte: IHS Conflict Monitor (2016).

Denota-se do Mapa 3 que o ISIS perdeu áreas chaves para o Califado, como cidades que conectam Raqqa à Mosul e a cidade Tal Abyad, que liga a Síria com a Turquia, um lugar importante para os migrantes ao Estado Islâmico. Não obstante, conquistou áreas ao sul da Síria, como a cidade de Palmyra. Atualmente, o pentágono, em declaração do dia 17 de maio de 2016 afirma que o Estado Islâmico perdeu 45% do território no Iraque e 20% na Síria (JORNAL DE NOTÍCIAS, 2016). Esses dados indicam que a preferência do grupo em manter controle sobre territórios sagrados aos sunitas, onde expulsam e executam grupos étnicos diferentes do seu, como os xiitas.

Quando os soldados islâmicos chegam a um novo território realizam uma limpeza étnica na população, aqueles considerados rivais, como os xiitas e yazidis, são mortos ou escravizados. No discurso do estabelecimento do Califado, al-Adnani alerta que “[...] a legalidade de todos os emirados, grupos, estados e organizações, se tornam nulas pela expansão da autoridade do califa e a chegada de suas tropas a essas áreas [...]” (THIS IS..., 2014, p. 5, tradução nossa<sup>30</sup>). Os que permanecem em seus lares são submetidos à lei do Estado Islâmico, mas muitos optam por fugir, levando a uma emigração em massa da Síria<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> Texto original: [...] The legality of all emirates, groups, states, and organizations, becomes null by the expansion of the khilāfah’s authority and arrival of its troops to their areas [...].

<sup>31</sup> De acordo com Human Rights Watch (2016), cerca de 7.6 milhões de sírios estão deslocados internamente e 4.2 milhões são refugiados em países vizinhos.

Outrossim, o Estado Islâmico se organiza nesse território de forma condizente com um verdadeiro Estado. O quartel-general do grupo é a cidade capital do Califado, Al-Raqqa, na Síria. Lá residem os líderes do movimento, ao contrário de outras organizações terroristas, como a AlQaeda, cujos líderes se escondem em casas do subúrbio de cidades. Ademais, o grupo controla e faz a manutenção de estradas e sistema de transporte nas áreas dominadas, além de outras ações sociais.

### 3.6 GOVERNO

O Estado Islâmico conta com uma dinâmica de governo bastante peculiar frente a outros grupos terroristas. Devido à grande meta de erguer o Califado, o ISIS possui uma estrutura governamental e administrativa sofisticada e complexa. Cronin (2015, p. 3, tradução nossa<sup>32</sup>) assim a descreve

No topo do comando militar está o emirado, que consiste em Baghdadi e dois substitutos, ambos os quais serviram como generais no exército iraquiano da era de Saddam: Abu Ali al-Anbari, que controla as operações do ISIS na Síria, e Abu Muslim al-Turkmani, que controla as operações no Iraque. A burocracia civil do ISIS é supervisionada por 12 administradores que governam territórios no Iraque e na Síria, supervisionando conselhos que controlam assuntos como finanças, mídia e casos religiosos.

Denota-se, assim, que o Estado Islâmico possui uma estrutura militar, hierárquica e administrativa, condizente com o objetivo de criar um verdadeiro Estado. Ademais, como supracitado os líderes do Estado Islâmico residem na capital al-Raqqa, ou seja, estão integrados na vida civil do pseudo-Estado, habitando área urbanas, os protegendo de ataques internacionais na cidade, pois invariavelmente qualquer ataque nessa área causaria muitas mortes de civis.

Apesar dessa proximidade geográfica e da importância dos líderes para a manutenção e progresso do grupo, na prática eles estão distanciados das operações militares cotidianas dos combatentes. Como relatado por Napoleoni (2015), os soldados do ISIS juram sua lealdade aos seus comandantes, e não aos líderes do grupo terrorista. No Estado Islâmico a figura de al-Baghdadi ultrapassa o posto de

---

<sup>32</sup> Texto original: At the top of the military command is the emirate, which consists of Baghdadi and two deputies, both of whom formerly served as generals in the Saddam-era Iraqi army: Abu Ali al-Anbari, who controls ISIS' operations in Syria, and Abu Muslim al-Turkmani, who controls operations in Iraq. ISIS' civilian bureaucracy is supervised by 12 administrators who govern territories in Iraq and Syria, overseeing councils that handle matters such as finances, media, and religious affairs.

líder político do movimento, deveras, o emir é visto também como um líder religioso supremo, o califa, mandando por Alá.

Outrossim, o ISIS conta com um sistema judiciário próprio baseado na *shariah*. Devido a isso, os habitantes das áreas controladas são coagidos a comportarem de acordo com a lei moral e legal do grupo. Transgressores têm sua sentença e execução feita em público, pela força policial itinerante, de modo a desestimular práticas semelhantes pela população.

### 3.7 POPULAÇÃO

Um elemento crucial do Estado-fantasma é o apoio da população. Com isso em vista, aqueles que residem no território controlado pelo Estado islâmico estão empenhados na meta de construção do Califado. Eles se veem como autênticos cidadãos desse pseudo-Estado, mesmo aqueles que têm um papel secundário nessa sociedade devido ao sectarismo religioso, como as mulheres. Essa sociedade está constituída, genericamente, pelos líderes e demais membros da administração do Estado Islâmico, a população civil, os militares combatentes e os militantes civis.

Para obter e manter o apoio da população o Estado Islâmico investiu no que Napoleoni (2015) chama de programas de ajuda humanitária. Essa inclui a administração de padarias e a distribuição de frutas e verduras para as famílias, cozinha comunitária e agência de adoção de órfãos, responsável por encontrar as famílias das crianças órfãos ou alocá-las em um novo lar. Ademais, consertam buracos em estradas, restauram canteiros e mantém uma represa para a população ribeirinha. Há também programas de saúde e bem-estar, como a campanha de vacinação contra poliomielite, um serviço de correios, uma *zaka*<sup>33</sup> e serviço de transporte entre territórios do ISIS. Ainda, “administra uma empresa de fornecimento de energia que monitora os níveis de uso de eletricidade, instala linhas de transmissão e organiza oficinas para ensinar a consertar as antigas” (NAPOLEONI, 2015, p. 62).

Assim, é evidente que o Estado Islâmico possui uma administração e distribuição de renda mais sofisticada que outros Estados-fantasmas. Os recursos financeiros são integrados às áreas sociais, da saúde, infraestrutura, e não somente ao campo militar, condizentes com a estratégia de construir o Califado.

---

<sup>33</sup> Agência de caridade mantida com tributo religioso (NAPOLEONI, 2015).

Porém, para manter e aumentar o Califado o ISIS necessita da manutenção dos elementos constitutivos do Estado, em especial o território e a população. Para isso, o Estado Islâmico precisa de mais adeptos, e assim desenvolveu uma ação de recrutamento que combina a doutrinação do islã com o uso das novas tecnologias.

A principal delas é a internet, que revolucionou o modo de comunicação do século XXI. Constitui um ambiente cativante para grupos criminosos devido a suas vantagens, como menor custo de comunicação, acesso ilimitado ao conhecimento *online* e facilidade de encontro entre indivíduos que pensam similarmente.

A internet tornou mais fácil entrar e integrar organizações terroristas formais ou simplesmente ser inspirado por elas. Napoleoni (2015) cita o exemplo de um grupo de australianos que tentaram sequestrar uma pessoa aleatória para decapitá-la e postar o vídeo na internet. Tem aumentado cada vez mais o número de ações de “lobos solitários”<sup>34</sup>, como o atentado à maratona de Boston em 2013 e, mais recentemente, o assassinato de dois policiais por um jihadista na França, que transmitiu o crime ao vivo no facebook, por inspiração ao ISIS (R7, 2016).

Nesse diapasão, a internet é meio central do Estado Islâmico recrutar novos membros. Por meio do conteúdo propagandístico e de contato via redes sociais, jovens de diferentes países tem se convertido ao salafismo radical e deixado suas casas para se tornarem combatentes do ISIS na Síria e Iraque.

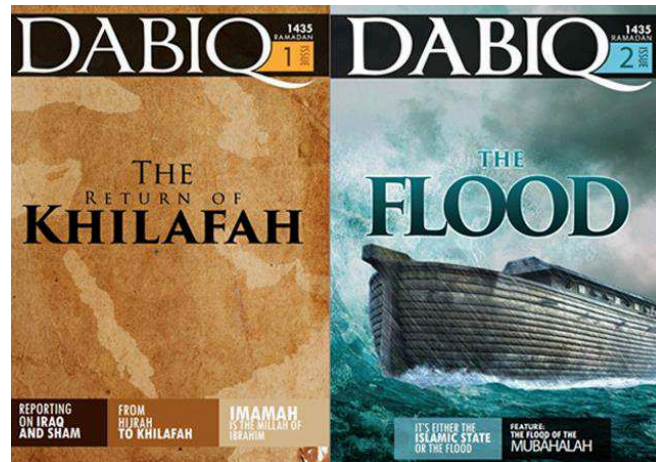
O Estado Islâmico faz proselitismo por meio de conteúdo propagandístico, como revistas, mensagens, relatórios e vídeos. Por esses meios, o ISIS e algumas outras organizações terroristas utilizam a internet para mostrar e reforçar a mensagem ideológica do grupo, em uma verdadeira doutrinação.

A revista oficial do ISIS é a Dabiq, apresentada na Imagem 1, que até o mês de abril de 2016 estava em sua décima quarta edição. O nome é inspirado em um mito islâmico sobre o local de uma das batalhas do apocalipse.

---

<sup>34</sup> Indivíduos que agem em nome do jihadismo global, mas que aparentemente não possuem ligação com grupos terroristas (Duarte, [2013]).

Figura 6: Imagem 1 - Capa das duas primeiras edições da Dabiq



Fonte: The Clarion Project (2014).

Com um design gráfico elegante, a revista é disponibilizada periodicamente em várias línguas. Seu conteúdo inclui mensagens sobre *tawhid* (“unidade”), *manhaj* (“verdade”), *hijrah* (“migração”), *jihad* e *jama'ah* (“comunidade”). Ademais, contém fotos, reportagens, eventos e artigos sobre o Estado Islâmico (THE CLARION PROJECT, 2014).

Em termos de relatórios, anualmente o ISIS lança *al Naba* (“A notícia”), um relatório da contabilidade do grupo. Como relatado por Napoleoni (2015, p. 70)

[...] a organização alega que realizou em 2013 ‘quase 10.000 operações no Iraque: 1.000 assassinatos, com a instalação de 4.000 artefatos explosivos improvisados e centenas de prisioneiros radicais libertados’ [...] em 2014, centenas de apóstatas foram convertidos [...].

Frisa-se, contudo, que esses números podem ter sido manipulados pela organização, para mostrar mais poder e mais pessoas se unindo ao ISIS. Essa não seria uma estratégia nova, uma vez que o grupo, em seu início, utilizou das redes sociais para se auto propagar como uma força maior do que realmente era, com a finalidade de ganhar patrocínio, adeptos e poder (NAPOLEONI, 2015).

As redes sociais têm sido outra ferramenta importante no recrutamento e divulgação do grupo. De fato, em 2014 o Estado Islâmico lançou seu próprio aplicativo na rede social Twitter, chamado *The Dawn of Glad Tidings* (“o amanhecer de boas novas”). O aplicativo tem como propósito deixar os usuários a par das novidades do

grupo, ao mesmo tempo que dissemina mensagens e aumenta o alcance *online* do ISIS. De acordo com Berger (2014, tradução nossa<sup>35</sup>),

[...] uma vez que você se inscreve, o aplicativo postará *tweets* em sua conta – conteúdo escolhido por alguém da operação de mídias sociais do ISIS. Os *tweets* incluem sites, hashtags, imagens e o mesmo conteúdo é tuítado pelas contas de todos que se inscreveram no aplicativo, o que evita os algoritmos de detenção e spam do Twitter”.

Berger (2014) também descreve outro uso da rede social para campanhas organizadas de hashtag. Essas campanhas consistem em centenas de pessoas usando uma hashtag específica para que ela apareça na lista das hashtags mais usadas, e assim dê visibilidade ao grupo. Similarmente, Milmo (2014) relata que durante a Copa do Mundo de 2014, jihadistas do ISIS utilizaram hashtags como #Brazil2014 e #WC2014 para promover propaganda extremista no twitter. Usuários buscavam essa hashtag e entre as postagens estavam fotos e mensagens do Estado Islâmico.

Outro mecanismo de proselitismo utilizado são vídeos de doutrinação, avisos e violência contra os infiéis. Alguns dos mais famosos são *Kasr al-Hudud* (“Rompendo as fronteiras”) e “O fim do Sykes-Picot”. Ademais, várias execuções foram gravadas e disponibilizadas na internet, como a decapitação de James Foley (NAPOLEONI, 2015), e mais recentemente um compilado de execuções de supostos espões, por meio de colares explosivos, armamento e decapitação (O FIM DOS TEMPOS, 2016).

Dessa forma, além do recrutamento e proselitismo, a internet é utilizada para causar terror e medo em um público global. O Estado Islâmico utiliza métodos terroristas como vídeos de decapitações e assassinatos em massa para disseminar medo na população mundial. Contudo, Napoleoni (2015) afirma que o nível de violência utilizado pelo ISIS não é maior do que o empregado por outras organizações terroristas do passado recente. Algumas violências são inclusive cópias de ações já feitas por outros grupos terroristas. No Kosovo, por exemplo, crianças foram decapitadas e suas cabeças foram utilizadas para se jogar futebol na frente de seus

---

<sup>35</sup> Texto original: Once you sign up, the app will post tweets to your account—the content of which is decided by someone in ISIS’s social-media operation. The tweets include links, hashtags, and images, and the same content is also tweeted by the accounts of everyone else who has signed up for the app, spaced out to avoid triggering Twitter’s spam-detection algorithms.

país. Durante a Copa do Mundo de 2014, combatentes islâmicos postaram uma foto de um jogo de futebol utilizando cabeças dos opositores como bolas (IACCINO, 2014).

Para Napoleoni (2015, p. 69), “o que diferencia o Estado Islâmico das demais organizações é o uso que ele faz da tecnologia para divulgar barbaridades dessa espécie e promover a própria causa, associando suas produções midiáticas ao noticiário mundial”. O uso da tecnologia permite a organizações terroristas disseminarem o terror para um público muito maior e de uma forma mais rápida e eficaz.

Além disso, permite esconder a identidade dos usuários através do anonimato, o que lhes dá uma sensação de impunidade e liberdade irrestrita de conteúdo. Para eles, a rede constitui um espaço onde é permitido um certo tipo de comportamento ou visão que não seria aceito em qualquer outro local. Sites e mídias sociais podem até monitorar e excluir conteúdo indevido, mas ele simplesmente será disponibilizado em outro lugar.

Não obstante os vídeos terroristas, o recrutamento permanece como elemento diferenciador do ISIS. Contudo, na visão de Berger e Stratharn (2013) somente o contato virtual não basta para que haja a mudança de ideologia. Para que ocorra a radicalização a abordagem na rede é seguida de algum contato pessoal com um membro do grupo terrorista. Este é responsável por recrutar no mundo real os indivíduos que demonstram interesse *online* pelo islã para em seguida convertê-los e torná-los parte do grupo terrorista.

Na mesma diretriz, Napoleoni (2015) afirma que a estratégia de recrutamento do Estado Islâmico está baseada no tratamento dado aos membros. O ISIS, ao contrário de outras organizações terroristas, busca conquistar legitimidade da população atribuindo-lhes status de cidadãos. Por essa lógica os combatentes do Estado Islâmico não devem ser entendidos como mercenários, pois não é recurso financeiro o que lhes impulsiona a lutar. De fato, a autora aponta que um soldado de infantaria do ISIS ganha cerca de US\$ 41 mensais como salário base. Esse montante é inferior ao recebido por um operário comum, como um pedreiro, que ganhava 150 dólares de salário-mensal. O que faz com que milhares de pessoas se juntem ao ISIS é a promessa da construção do Califado, de um Estado islâmico ideal e utópico.

O chamado para a construção do califado tem mobilizado cerca de 20 mil estrangeiros a se unirem ao ISIS (NEUMANN, 2015). Destes, 4 mil são nacionais de países europeus, e dentro desse montante estima-se que 550 são mulheres

(SALTMAN; SMITH, 2015). O número elevado de mulheres migrantes aponta que o Estado Islâmico realiza uma forte campanha de recrutamento e radicalização do gênero feminino. A participação de mulheres em grupos terroristas não é algo novo, porém o ISIS se diferencia nesse ponto pelo valor que dá às mulheres migrantes. O recrutamento do gênero feminino parte do importante papel que as mulheres desempenham para a consolidação do objetivo do Estado Islâmico. Suas funções como esposas e mães são importantes para a continuidade da geração jihadista, enquanto os papéis socialmente femininos e de recrutadoras servem de manutenção do pseudo-Estado e para atrair pessoas para a causa. Maiores detalhes serão dados no capítulo a seguir.

Este capítulo apresentou o terrorismo praticado pelo Estado Islâmico, e seus aspectos particulares de acordo com as características gerais do terrorismo. Outrossim, abordou as diferentes terminologias do Estado Islâmico, sua formação histórica e objetivo principal. Igualmente, identificou os elementos que constituem um Estado e os relacionou aos componentes do Califado do ISIS, que constitui um Estado-fantasma ou um pseudo-Estado. Ademais, demonstrou o uso das novas tecnologias, como internet e redes sociais, para o recrutamento, doutrinação e disseminação do terror do Estado Islâmico.

O próximo capítulo discutirá o papel da mulher migrante na concretização do objetivo-maior do ISIS, como já brevemente apontado no presente capítulo. Será feita uma recapitulação dos meios de recrutamento do grupo terrorista, com ênfase nas mulheres ocidentais. Em seguida, um resumo dos motivos que levam meninas a se unirem ao ISIS e as importantes funções que desempenham na construção do Califado.



#### 4 MULHER MIGRANTE OCIDENTAL: UMA LEITURA DO SEU PAPEL E IMPORTÂNCIA DENTRO DO GRUPO ESTADO ISLÂMICO

Em junho de 2015, quando o Estado Islâmico declarou a construção do Califado fez também um chamado mundial para todos os muçulmanos se unirem à causa. Em conformidade com o conteúdo atrativo do grupo a mensagem pregava

Assim, se a fé se torna firme no coração, honra se torna firme também. É honra que não palpita, amolece ou se transforma em desgraça, independentemente de quanto grande a angústia e o tormento se tornam. É a honra que está presente nos melhores *ummah*<sup>36</sup> (THIS IS..., p. 6, 2014, tradução nossa<sup>37</sup>)

Palavras cativantes como essas fizeram com que cerca de 20 mil estrangeiros deixassem seus países para se tornarem combatentes do Estado Islâmico (NEUMANN, 2015). Deste montante, 4 mil são nacionais de países europeus, e dentro dessa amostra, estima-se que 550 são mulheres (SALTMAN; SMITH, 2015). Já para Zakaria (2015), dos 20 mil com combatentes estrangeiros, cerca de 10% representam mulheres da Europa, América do Norte e Austrália. Para a autora (2015), “acredita-se que setenta mulheres são provenientes da França, sessenta do Reino Unido, e as demais de países da Europa e do Canadá. Acredita-se que duas mulheres americanas de Denver e Minneapolis também se juntaram ao grupo”. Essas mulheres que viajaram para o Estado Islâmico são chamadas dentro do grupo e pela mídia internacional de *muhajireen* ou *mujahideen* e *muhajirah* no singular.

O número elevado de *muhajireen* que voluntariamente se juntam a um grupo terrorista com ideologia islâmica radical, onde sabem que terão um papel secundário e retrógrado naquela comunidade, acende uma curiosidade e preocupação em analisar mais profundamente esse fenômeno. Conjuntamente, o Estado Islâmico tem investido em propagandas específicas para o recrutamento do gênero feminino e em demonstrações públicas que demonstrem o valor da mulher para o grupo.

Conclui-se que tais ações são motivadas pela necessidade de aumentar o público feminino no território sob seu domínio para a continuação da construção do

---

<sup>36</sup> Comunidade mundial dos muçulmanos (NAPOLEONI, 2015).

<sup>37</sup> Texto original: Thus, if faith becomes firm in the heart, honor becomes firm along with it. It is honor that does not hunch, soften, or become disgraced regardless of how great the anguish and tribulation become. It is honor befitting the best ummah.

Califado. Em conformidade com os elementos constitutivos de um Estado, quais sejam, território, governo e população, o ISIS necessita de mulheres para a manutenção do terceiro elemento. Por se tratar de um grupo terrorista, que está em guerra com diversos grupos e atores internacionais, sua população de guerreiros sofre constantes baixas, diminuindo a população do pseudo-Estado. Dessa forma, as mulheres migrantes são importantes para garantir a futura geração de jihadistas, na condição de mães e esposas, mantendo ou aumentando a população do Estado-fantasma. Ademais, exercem significativas funções como recrutadoras e papéis femininos, tais como professoras e enfermeiras, também para garantir a população do grupo.

Diante do exposto, o presente capítulo busca analisar a contribuição e importância do papel das mulheres migrantes ocidentais na consolidação do objetivo maior do Estado Islâmico. Para isso faz-se uma recapitulação dos meios propagandísticos de recrutamento do grupo terrorista, com ênfase nas mulheres ocidentais. Em seguida, apresenta-se um resumo dos motivos que levam diversas meninas ocidentais a se unirem ao ISIS, relatando as importantes funções que desempenham na construção do Califado como mães e esposas, papéis femininos e recrutadoras.

#### 4.1 PERFIS DAS MUHAJIREEN

Ressalta-se que este assunto é extremamente novo e assim possui escassas fontes de pesquisa. Assim, será utilizado como bibliografia os relatórios “Till Martyrdom Do Us Part: Gender and the ISIS Phenomenon” de Saltman e Smith (2015) e “Becoming Mulan” de Hoyle, Bradford e Frenett (2015), únicos relatórios disponíveis elaborados até o presente momento sobre as mulheres migrantes do Estado Islâmico.

Como fonte subsidiária são utilizadas diversas reportagens *online* que descrevem aspectos da vida das *muhajireen*, suas funções no Estado Islâmico e informações pessoais, que fornecem pistas de suas identidades e motivações da ida ao ISIS. Além disso, como já explanado no Capítulo 2, as mulheres migrantes possuem uma vida *online* bastante ativa. Assim, as publicações em redes sociais constituem o principal meio de informação sobre essas mulheres. Por conta disso, *tweets* e demais postagens sociais são utilizadas como figuras e texto para

exemplificar e ilustrar os pontos abordados no capítulo. A maioria das contas possuem o prenome Umm, que designa “mulher” em árabe.

Contudo, devido aos recentes relatórios e matérias jornalísticas sobre essas mulheres, além do combate de redes sociais a conteúdo vinculado ao ISIS, somente algumas contas e publicações estão disponíveis para consulta. Dessa forma, as postagens incluídas no presente trabalho derivam de uma amostra das *muhajireen*. Este pequeno grupo é constituído de meninas jovens e europeias, em sua maioria britânicas. Portanto, a denominação “ocidentais” decorre da nacionalidade dessas meninas, apesar de não se identificarem com a cultura em que nasceram, como será descrito adiante.

Entre elas estão as chamadas “gêmeas do terror”, Salma e Zahra Halane. Britânicas da cidade de Charlton, uniram-se ao Estado Islâmico aos 16 anos em junho de 2014. Acredita-se que viajaram até a Turquia e depois para a Síria, rota comum aos imigrantes do ISIS. Sua família é de descendência sunita e o pai das meninas é um recitador do Alcorão em sua comunidade no Reino Unido. Apesar do pano de fundo religioso, as gêmeas tinham uma vida social padrão para uma menina ocidental, com boas relações sociais na escola e boas notas (SALTMAN; SMITH, 2015). Ganham o apelido de “gêmeas do terror” por postarem mensagens de violência e agressividade aos infiéis.

Igualmente de nacionalidade britânica está Aqsa Mahmood, atualmente identificando-se como Umm Layth, uma jovem de Glasgow de 20 anos. Acredita-se que viajou à Síria ano passado (PARASZCZUK, 2015). Demais informações são desconhecidas, exceto que teve uma boa educação e é uma radiologista (MICHAELSON, 2014). Umm Layth exerce majoritariamente as funções de esposa e recrutadora no ISIS.

Nesse diapasão está Umm Mathanna, francesa, mas criada na Inglaterra. Estudante de literatura inglesa em uma universidade, se juntou ao ISIS em 2014, aos 21 anos (COTTEE, 2016). Suas páginas em redes sociais incluem postagens sobre aversão e deboche ao Ocidente, incitação a *jihad* e relatos de sua vida no ISIS.

Outrossim, Umm Ubaydah é outra *muhajirah* popular na internet. Nacional de algum país do Norte da Europa, tem cerca de 20 anos. Já era muçulmana enquanto vivia no Ocidente, e usava *niqab* a despeito de sua família não concordar. Viajou para o território controlado pelo Estado Islâmico em março de 2014, e além de esposa é uma recrutadora do ISIS.

Porém, umas das *muhajireen* mais expressivas na internet é a autodenominada Shams. São poucas as informações acerca de sua identidade. Sabe-se, contudo, que tem descendência indiana e paquistanesa, nasceu na Malásia, mas viveu por um longo período no Reino Unido e tem cerca de 27 anos. Ainda tem contato com sua família e ingressou no ISIS em 2014 (SALTMAN; SMITH, 2015). Ela documenta sua vida no ISIS principalmente em seu blog Bird of Jannah. As postagens de Shams são bastantes utilizadas neste capítulo devido a sua função diferenciada no Estado Islâmico, como médica, e também por descrever em detalhes acontecimentos em sua vida que são semelhantes aos vivenciados pelas mulheres migrantes do ISIS em geral.

Um aspecto importante a ser considerado nesta análise é a faixa etária das mulheres. Segundo Saltman e Smith (2015), a maioria das mulheres migrantes do ISIS estão no final da adolescência e início da juventude. Igualmente, Zakaria (2015) aponta como faixa etária dessas mulheres um intervalo de 18 a 25 anos. Assim, pode-se referir às mulheres migrantes como meninas, por sua juventude.

Outrossim, destaca-se que apesar de números mais expressivos de algumas nações, ainda não é possível criar um perfil de mulheres em risco de radicalização, pois as migrantes de gênero feminino são bastante diversificadas em nacionalidade, etnia, relações familiares e religião (SALTMAN E SMITH, 2015). Assim, este trabalho trata somente da amostra de mulheres ocidentais migrantes descritas acima, utilizando suas postagens em redes sociais para demonstrar uma parcela dos papéis da mulher migrante na consolidação do objetivo do ISIS. Feito essa observação destaca-se que mesmo utilizando casos particulares, as descobertas relatadas podem ser interpretadas por analogia como premissas para mulheres migrantes em geral, considerando os dados que foram coletados até o presente momento.

#### 4.2 PROPAGANDAS DE RECRUTAMENTO DE MULHERES OCIDENTAIS

O Estado Islâmico realiza uma forte campanha *online* de recrutamento e radicalização de jovens, especialmente do gênero feminino. Além das mídias já citadas, como revistas e vídeos de recrutamento, o ISIS possui propagandas voltadas para mulheres. Essas incluem manifestos e textos dirigidos às mulheres muçulmanas, divulgados na internet ou em colunas especiais da Dabiq.

O manifesto mais popular para o público feminino foi o divulgado pela Brigada Al-Khanssaa<sup>38</sup>, chamado “Women of the Islamic State: Manifesto and Case study”. Suas 41 páginas contêm regras de conduta das mulheres no ISIS, por exemplo, usar somente vestes e sapatos pretos que cubram todo o corpo, inclusive as mãos (ALI, 2015). Declara que a mulher não é igual ao homem, por ter diferentes funções de acordo com o islamismo. Ademais, declara que a principal função da mulher é servir ao marido e aos filhos. Neste sentido, o manifesto expressa quais são as tarefas do gênero feminino de acordo com sua idade no tópico “Sugestões de currículo para uma mulher muçulmana”, tais como

Dos sete aos nove anos, haverá três lições: luta e religião, árabe do Alcorão (escrita e leitura) e ciências (finanças e ciências naturais). Dos dez aos doze anos, haverá mais estudos religiosos, especialmente sobre luta, focando mais na luta em relação à mulher e as regras de casamento e divórcio. Isso em adição às outras duas matérias. Habilidades como confecção de malhas e tricô, culinária básica também serão ensinados. Dos treze aos quinze anos haverá mais foco na *shariah*, assim como em habilidades manuais (especialmente as relacionadas com a educação dos filhos) e menos da ciência, a qual as bases já terão sido ensinadas. Em adição, elas serão ensinadas sobre a história do islamismo, a vida do Profeta e de seus seguidores. É considerado legítimo uma menina se casar aos nove anos de idade. A maioria das meninas puras casarão aos dezesseis ou dezessete anos enquanto ainda estão jovens e ativas (WINTER, 2015b, p. 24, tradução nossa<sup>39</sup>).

Além disso, a revista oficial do Estado Islâmico possui uma seção escrita por mulheres, chamada “sisters of the islamic state” em que relatam sua visão e modo de vida no território do ISIS (SALTMAN; SMITH, 2015).

Outrossim, para Saltman e Smith (2015) as propagandas de recrutamento de mulheres declaram que o grupo não vê essas mulheres como objetos sexuais, e sim como cidadãs valiosas para o Califado<sup>40</sup>. As autoras explicam que as mensagens divulgadas na internet mostram a mulher como mães e esposas das próximas gerações de jihadistas, e assim, guardiãs da ideologia do grupo. Tal concepção é vista

---

<sup>38</sup> Explicada no item 4.5 deste capítulo.

<sup>39</sup> Texto original: From ages seven to nine, there will be three lessons: fiqh and religion, Quranic Arabic (written and read) and science (accounting and natural sciences). From ten to twelve, there will be more religious studies, especially fiqh, focusing more on fiqh related to women and the rulings on marriage and divorce. This is in addition to the other two subjects. Skills like textiles and knitting, basic cooking will also be taught. From thirteen to fifteen, there will be more of a focus on Shariah, as well as more manual skills (especially those related to raising children) and less of the science, the basics of which will already have been taught. In addition, they will be taught about Islamic history, the life of the Prophet and his followers. It is considered legitimate for a girl to be married at the age of nine. Most pure girls will be married by sixteen or seventeen, while they are still young and active.

<sup>40</sup> Ali (2015) discorda dessa visão, e argumenta que o ISIS sexualiza as mulheres como objetos.

em vídeos divulgados pelo ISIS que mostram famílias felizes no território do grupo, crianças brincando e mães cuidando de seus filhos, como a Imagem 2.

Figura 7: Imagem 2 - Propaganda do ISIS para atrair mulheres



Fonte: Thacker (2015)

Outras propagandas utilizadas para atrair mulheres são as que demonstram a marginalização de muçulmanos e imagens de um Estado utópico, ilustradas na Imagem 3.

Figura 8: Imagem 3 - Propagandas do ISIS mostram utopia e vitimização



Fonte: Winter (2015a)

Ademais, o grupo realiza ações que demonstram a importância que dão para a mulher em sua organização. A principal expressão pública nesse sentido foi o pedido de libertação de Sajida al-Rishawi, uma prisioneira iraquiana da AlQaeda, na crise de reféns de janeiro de 2015 (SALTMAN; SMITH, 2015). Durante a negociação, que foi transmitida *online* pelo grupo, o representante do ISIS refere-se a al-Rishawi como “nossa irmã” e negocia sua soltura em detrimento de outras figuras, masculinas, importantes para a organização terrorista.

Igualmente, o ISIS negociou a libertação de uma outra mulher, Aafia Siddiqui, uma neurofísica paquistanesa (ZAKARIA, 2015). Capturada em 2008 em Ghazni, Afeganistão, Siddiqui foi sentenciada por tentativa de homicídio de agentes federais americanos, em 2010, Nova York, EUA. O ISIS negociou sua libertação, dirigindo-se a ela como uma heroína. De acordo com Zakaria (2015) essas mulheres foram presas por realizarem *jihad* e assim, são exemplos femininos de guerreiras islâmicas.

### 4.3 MOTIVAÇÕES

Para compreender a livre escolha de mulheres ocidentais de se unirem ao ISIS de forma ampla, deve-se analisar os fatores que levam estas mulheres ao terrorismo. Saltman e Smith (2015) categorizam esses fatores em “Push Factors” e “Pull Factors”. Estes aspectos estão sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1: motivações de mulheres se unirem ao ISIS

<b>Push Factors</b>	<b>Pull Factors</b>
Isolamento na cultura Ocidental	Dever religioso e Estado utópico
Comunidade islã é perseguida	Pertencimento e irmandade
Inércia internacional	Romanticização

Fonte: Adaptado pela Autora (2016) a partir de Saltman e Smith (2015).

O estudo das motivações das mulheres ocidentais migrarem para o ISIS é vital para que se possa compreender o quão poderosa é a mensagem utópica veiculada pelo grupo, mesmo que enganosa (ZAKARIA, 2015).

#### 4.3.1 Push Factors

Push Factors são os elementos extrínsecos ao Estado Islâmico, mas que impelem a mulher ao terrorismo da organização. Consistem no isolamento na cultura Ocidental, no sentimento de que a comunidade islã é perseguida e da raiva pela inércia internacional em resolver conflitos que causam a morte de muitos muçulmanos.

O primeiro elemento dentro desta categoria é o sentimento de isolamento na cultura ocidental. Muitos dos indivíduos que aderem ao ISIS são descendentes de

islâmicos ou de minorias étnicas que sofreram algum tipo de discriminação por essas razões. Mulheres em especial costumam ser vítimas mais frequentes dessas práticas, pois sua religião é mais exposta pelo uso do *jihab* e *niqab*. Meninas que nasceram em países ocidentais, vivem lá, falam a língua oficial do país e são, portanto, nacionais daquele país são vistas como estrangeiras e de fora devido a sua escolha religiosa. O antagonismo vivenciado rotineiramente por essas mulheres se transforma em curiosidade sobre uma cultura que a opinião pública já identifica como sendo delas. Assim, essas mulheres abandonam a cultura ocidental e passam a se identificar como muçulmanas natas, migrando para um ambiente que aceite suas escolhas pessoais.

Outras vezes as mulheres já são muçulmanas e a demonstração pública de sua crença não é permitida no país em que reside. A França é um claro exemplo disso. É o país ocidental de mais recrutadoras do ISIS (ZAKARIA, 2015) e também uma nação laica que impõe severas regras de proibição de demonstração pública religiosa. Essas normas, como dito, são particularmente difíceis de serem seguidas para as mulheres. Quando contestadas ocasionam exclusão social e isolamento. Zakaria (2015) traz como exemplos meninas escolares que vivem isoladas e excluídas da sociedade por preferirem ter suas cabeças cobertas. Igualmente, cita um caso em outubro de 2015 quando a Ópera de Paris se recusou a tocar por haver uma mulher com véu na plateia. De fato, a impossibilidade de manifestação da crença religiosa pode ocasionar sentimentos de aversão e ressentimento em relação às sociedades ocidentais.

Como supracitado, em geral a crença religiosa mais extrema costuma anteceder a ida ao Estado Islâmico. As postagens das *mahajirah* e os relatórios consultados indicam uma aversão a visões modernas e progressistas da sociedade ocidental, fator que propela a adesão ao ISIS. O feminismo é um dos maiores exemplos disso. A igualdade dos sexos é uma premissa básica da sociedade ocidental, ainda que demande uma luta constante para ser consolidada. Mas para essas meninas islâmicas o feminismo é um valor contrário à sua crença, pois implica em comportamentos contrários aos ditados pelo Alcorão em uma interpretação mais extremista. Questionamentos acerca da submissão da mulher aos homens são intoleráveis e constituem pecado por esse raciocínio.

Neste sentido, Umm Mathanna relata uma palestra sobre feminismo em sua universidade no Reino Unido, quando foi destratada ao explicar porque não era feminista.



[...] o Islamismo me deu todos meus direitos como mulher e eu me sinto livre, contente e igual na sociedade e em tudo. Eu expliquei para eles, como ambos homens e mulheres têm direitos no islamismo, nos fornecidos pelo Alcorão (a este ponto todos estavam xingando). Eu expliquei para eles que nem tudo que um homem pode fazer uma mulher pode competir e também tentar fazer. Isso tem a ver com biologia. Eu expliquei como a sociedade ocidental tem feito você pensar de uma certa maneira, coagido você a se sentir fraco e a sempre ter sede por dinheiro. Coagido você a competir com homens, quando na realidade você sabia de seu lugar como mulher, se houvesse a implementação da *shariah*, você não estaria reclamando como está agora. Eu falei isso e basicamente todos tentaram me refutar. Essas feministas estão enganadas! (COTTEE, 2016, tradução nossa<sup>41</sup>).

Pensamentos assim são rechaçados na cultura ocidental, e podem levar a atos de discriminação e preconceito, os quais alienam cada vez mais aquela pessoa da sociedade. Outros tópicos de discrepância são igualdade de gênero e sexo. Essas mulheres já possuem noções conservadoras acerca desses assuntos, e tal posicionamento é bem-vindo e celebrado no ISIS. As *muhajirah* condenam fotos que revelam até os olhos ou rosto de mulheres e convívio entre pessoas de sexos opostos. Em um *tweet* Umm Mathanna (COTTEE, 2016, tradução nossa<sup>42</sup>) escreve “por exemplo, minhas queridas irmãs o mínimo que vocês podem fazer é ser *fitnah online* remover todas suas fotos (incluindo olhos mostrados no *niqab*)”. Seus perfis em redes sociais contêm fotos extremamente modestas de si mesmas ou de figuras notórias da cultura islâmica ou do ISIS.

Dessa forma, essas mulheres são atraídas pelo ISIS porque ele prega perfeitamente a visão conservadora dessas meninas. Assim, leciona Cottee (2016, tradução nossa<sup>43</sup>) “elas apoiam o Estado Islâmico não apesar de, mas [exatamente] por causa de sua visão patriarcal agressiva”.

Além disso, a mídia contribui para o sentimento de isolamento. Imagens que retratam muçulmanos como terroristas e assassinos são absorvidas pelo público geral

---

<sup>41</sup> Texto original: [...] Islam has given all my rights to me as a woman and I feel liberated, I feel content and equal in society and all. I explained to them, how both men and women have rights in Islam, given us to in the Qu’raan, (at this point everybody was screwing). I explained to them not everything which a man can do, a woman can also compete with and try do. It’s to do with biology. I explained how this western society has made you think in a certain way, pressurised you to feel weak and always thirsty to make money. Pressurised you to compete with men, when in reality if you knew your place as a woman, if there was Shari’ah implementation, you would not be complaining like you are now. I said all this and basically everybody tried refuting me. These feminists are deluded!

<sup>42</sup> Texto original: For example, my dear sisters the least that you can do is not be *fitnah online* and remove all hotos of yourself (include eyes showing in *niqab*).

<sup>43</sup> Texto original: Hence, they support the Islamic State not despite, but *because of*, its aggressively patriarchal worldview.

como verdadeiras e absolutas em relação a toda uma comunidade. Saltman e Smith (2015, p. 12) afirmam que “representações depreciativas e inexatas, manchetes sensacionalistas atribuídas a minorias invariavelmente levam ao aumento do preconceito para com esses grupos e podem contribuir para o sentimento de confusão e isolamento dessa minoria”. Assim, a mídia contribui para que o indivíduo se identifique mais com a cultura islâmica do que com a que vive, interpretando o ocidente como o “outro”, isto é, o inimigo.

O segundo elemento consiste no sentimento de que a comunidade islâmica é perseguida mundialmente. A fundamentação para essa visão decorre da percepção de que em alguns conflitos históricos tais como o genocídio bósnio, o conflito entre Israel e Palestina e o governo violento de Assad, ocasionaram muitas mortes muçulmanas que poderiam ter sido evitadas se forças internacionais tivessem agido. A negligência internacional para com a comunidade islâmica é reforçada pelo ISIS com vídeos na internet de violência à islâmicos, como crianças sendo machucadas ou mortas, criando uma narrativa de forte conotação emocional, como a Imagem 4 abaixo.

Figura 9: Imagem 4 - Última mensagem de uma criança síria de 3 anos

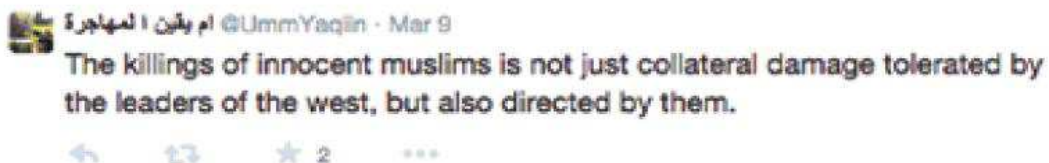


Fonte: Saltman e Smith (2015)

Esse tipo de mensagem apela para o lado humanitário dos indivíduos, que sentem a necessidade de tentar proteger o máximo de inocentes possíveis. Assim, o ISIS utiliza dessa tática afirmando que crianças e famílias estão sendo mortas pelas forças inimigas. Dessa forma, a imposição de que é dever de todos os *ummah* protegerem esses inocentes é muito cativante para as mulheres.

O último fator é a raiva e frustração com a inércia internacional. Nas propagandas do Estado Islâmico há uma narrativa de que o Ocidente é cúmplice dos assassinatos de islâmicos ou até responsável pelos mesmos (SALTMAN; SMITH, 2015), demonstrado pela Imagem 5 abaixo.

Figura 10: Imagem 5 - *Tweet* sobre a morte de muçulmanos inocentes



Fonte: (SALTMAN; SMITH, 2015).

De igual teor, Umm Layth expressa “Sem protesto quando sunitas são assassinados, mas quando infiéis ou xiitas são mortos o mundo todo se une” (UMM LAYTH, 2015a, tradução nossa<sup>44</sup>). As mortes desnecessárias de muçulmanos alheios ao conflito poderiam terem sido poupadas se a comunidade internacional agisse mais cedo para solucionar a caótica situação no Oriente Médio. Os sentimentos de mágoa e desgosto decorrentes desse cenário são tão fortes que levam ao que Saltman e Smith (2015) chamam de desumanização do inimigo, isto é, legitima o uso da violência aos atores que permanecem coniventes com os ataques à comunidade islâmica.

#### 4.3.2 Pull Factors

Os “Pull Factors” consistem em elementos intrínsecos ao ISIS. São os incentivos e as razões motivacionais para as mulheres aderirem ao grupo terrorista. De acordo com (SALTMAN; SMITH, 2015). Esses fatores são semelhantes aos que impulsionam homens a se juntarem ao Estado Islâmico. O diferencial é a propaganda em que esses elementos aparecem, pois, há um conteúdo propagandístico voltado para homens e outro para mulheres, de acordo com os papéis que desempenham na comunidade do ISIS.

O primeiro fator refere-se aos objetivos idealísticos de dever religioso e de construção de um Estado utópico de cunho islâmico. Acreditam ser seu dever como

---

<sup>44</sup> Texto original: No outcry when Sunnis get murdered but when kuffs or shia get killed then the whole moderate world unites.

islâmicos auxiliar na construção dessa sociedade, a qual é dita uma nova era na propagação e proteção do Islã. O Califado seria assim o Estado islâmico tão almejado pelos muçulmanos desde os tempos do Califado de Bagdá, um porto seguro utópico e ideal, onde a cultura islâmica prosperará.

O Califado promete ser um Estado cujo único requisito é compartilhar a fé islâmica do grupo. Nesse sentido, afirma ser um Estado pós-nacional, pós-racial, com uma sociedade perfeitamente justa sob a égide das normas islâmicas (ZAKARIA, 2015). Essa promessa de uma sociedade islâmica ideal é bastante encantadora, principalmente para as pessoas frustradas com suas vidas no Ocidente.

As mulheres migrantes afirmam que a difícil jornada até o território controlado pelo ISIS faz parte do dever religioso, como se fosse um teste que só merecedores passarão. A migração, em conjunto com o dever religioso, são vistos como requisitos para assegurar seu papel na organização e garantir sua posição no céu na vida pós-morte.

Em seguida, há o sentimento de pertencimento e irmandade. As mulheres radicalizadas conversam *online* dos benefícios de fazer parte do ISIS. Compartilham que se identificam mais com a causa islâmica do que com a sociedade ocidental em que viviam, que sentem que agora estão em uma comunidade de verdade, onde há unidade e irmandade. Tal pensamento é demonstrado na Imagem 6.

Figura 11: Imagem 6 - Minha irmã e eu



Fonte: Saltman e Smith (2015).

Uma vez que a principal função dos homens do grupo terrorista é serem soldados nos conflitos, as mulheres migrantes passam bastante tempo sozinhas de seus maridos. Isso em conjunto com a dificuldade de falar árabe ou demais dialetos usados no território do ISIS contribui para que as mulheres migrantes se unam e façam laços de amizade entre si. Essas amizades são vistas como genuínas, em oposição as relações que tinham em seus países natais. Em redes sociais, as mulheres costumemente descrevem os relacionamentos no ocidente como falsos e superficiais (SALTMAN; SMITH, 2015). Em um *tweet* Shams aborda a hipocrisia do Ocidente ao falar

Eu vivi em uma democracia por 25 anos. Vim de uma família com boas condições financeiras e tive uma boa educação. Se o ISIS é o que a mídia diz eu sairia desse lugar e voltaria para minha família. Não somente eu, mas a maioria das *muhajireen* fariam o mesmo. Mas este não é o caso [quando] nós encontramos o verdadeiro significado de 'liberdade' nesta terra. Somos livres de escravidão, hipocrisia e de padrão duplo (NAIDOO, 2015, tradução nossa<sup>45</sup>).

Portanto, o sentimento de pertencimento e de irmandade é um fator importante na decisão das mulheres de migrarem para o Estado Islâmico.

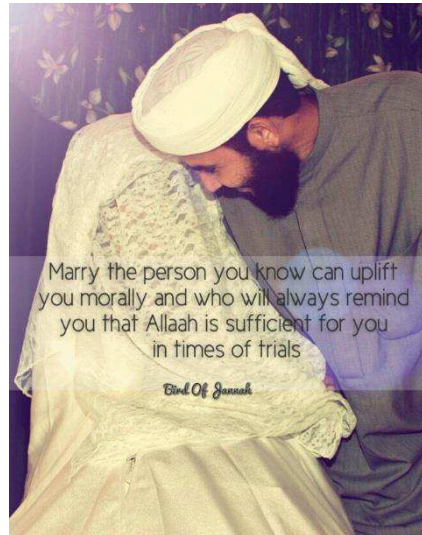
Por fim, há a romanticização da experiência. Esta noção se traduz no sentimento de aventura de deixar seu lar e ir ao Estado Islâmico para encontrar romance na forma de esposa e mãe. Conforme expõe Saltman e Smith (2015), meninas adolescentes mais jovens são cativadas pela aventura de viajar a um lugar novo, enquanto as mais velhas buscam romance a oportunidade de construir uma família.

Napoleoni (2015, p. 74) relata que “os guerreiros do Estado Islâmico precisam agora conquistar o apoio do povo de Alá e o amor de Suas mulheres para produzir a próxima geração”. Dessa forma, o Estado Islâmico produz propagandas específicas para esse público, que mostram os benefícios de casar com um combatente do ISIS, que compartilha a mesma ideologia, como demonstrado na Imagem 7.

---

<sup>45</sup> Texto original: I lived under democracy for 25 years. I came from a family with strong financial support and an educated background. If IS is what media tells you, I would leave this place and go back to my family. Not only me, most of the Muhajireen will do the same. But that's not the case [when] we found the real meaning of "freedom" in this land. We are free from enslavement, hypocrisy and double standard

Figura 12: Imagem 7 - Propaganda de casamento



Fonte: Hall (2014)

Outras imagens com fins semelhantes demonstram cerimônias de casamento ou de um casal de mãos dadas. A mais popular, contudo, é a que ilustra um casal de leões, pois simboliza a união de um homem forte com a mulher escolhida, abençoados por Alá. Essa propaganda também indica que apoiar o jihadismo e se casar com um soldado é uma forma de empoderamento da mulher, naquela cultura (SALTMAN; SMITH, 2015).

Em relação a este tópico, o ISIS propaga uma espécie de feminismo deturpado, aceito pelas mulheres do grupo. Na cultura islâmica, tanto a mulher quanto o homem possuem direitos e deveres, porém suas posições e condutas na sociedade são distintas e regidas pelo Alcorão. Sob este prisma, a mulher não tem menos direitos do que o homem, uma vez que se sente realizada e completa seguindo os mandamentos de sua religião. O ISIS eleva essa mentalidade a um outro patamar ao ensinar que o casamento com um de seus guerreiros empodera a mulher.

Concorre a isso o fato do Estado Islâmico incentivar novos casamentos após a morte do marido. Tal posicionamento parece ser também um fator de atração para algumas mulheres, principalmente as que viviam em países fortemente islâmicos ou são de uma educação islâmica mais rígida. A visão mais tradicional do islamismo prega que mulheres só podem se casar virgens, e se seus maridos morrerem devem permanecer viúvas pelo resto de suas vidas. Tendo isso em mente, o ISIS fornece

uma “nova chance no amor”, em que uma mulher não é considerada pura somente por ser virgem, mas também por ser uma devota à Alá e à *jihad*, o que descarta o requisito da virgindade (ZAKARIA, 2015). A respeito disso, Shams exprime: “eles falam que o ISIS oprime as mulheres. Venham para cá e vejam o oposto. Em muitos casos mulheres tem mais direitos aqui. Nos é dado privilégios em muitos cenários” (NAIDOO, 2015, tradução nossa<sup>46</sup>).

Em síntese, todos esses fatores compõem uma parte do quadro geral para compreender o fenômeno da radicalização feminina para o terrorismo.

#### 4.4 A FUNÇÃO DAS MULHERES NO CONCRETIZAÇÃO DO OBJETIVO DO ESTADO ISLÂMICO

Conforme explanado, o grande objetivo do Estado Islâmico é a construção e expansão do Califado. Para isso, necessitam que o elemento população da teoria dos elementos constitutivos de Estado seja sempre mantido. Assim, investem no recrutamento do gênero feminino para realizar essencialmente três papéis: esposas e mães, papéis femininos e recrutadoras.

##### 4.4.1 Esposas e mães

Durante sua formação, o grupo islâmico adotou o comportamento de tratar as pessoas em seu território como cidadãos e de fazer alianças com as tribos de áreas conquistadas. Tal conduta visou sempre aumentar os adeptos de sua ideologia, e para isso o ISIS deduziu um método que aproximava seus combatentes da população local conquistada, o matrimônio. Conforme relata Napoleoni (2015, p. 75)

[o ISIS] ele espera neutralizar movimentos de oposição interna estabelecendo relações consanguíneas entre conquistados, laços de parentesco na forma de casamentos entre guerreiros do Estado Islâmico e mulheres sunitas locais, quais, com o tempo, ajudarão a consolidar a aprovação do Estado pelo povo e conferirão legitimidade a ele.

---

<sup>46</sup> Texto original: They say IS oppresses women. Come here and see the opposite. Women have more rights in many cases. We are given privilege in many scenario[s]

O casamento de combatentes islâmicos com mulheres de tribos locais cria sensação de unidade para os povos conquistados. Demonstra que o grupo está interessado em criar laços duradouros com aquelas pessoas e que as vê como iguais.

Essa prática foi tão bem-sucedida que foi adotada como método de manutenção da população do ISIS, e implementada para as mulheres migrantes. Tal conduta se tornou popular internacionalmente na expressão “noivas jihadistas”. Sob este prisma, as mulheres que engajam na causa islamista extrema são incumbidas de garantir a continuidade da população do pseudo-Estado. Esta tarefa é um fato notório entre as meninas, que escrevem,

Nós somos criadas para ser mães e esposas – por mais que a sociedade ocidental tenha distorcido nossa visão disso com uma mentalidade feminista escondida. [...] Nosso papel é ainda mais importante como mulheres islâmicas, já que se não temos irmãs com a correta convicção e entendimento, que estão dispostas a sacrificar seus desejos, família e vida no Ocidente para migrarem e agradar Alá, então quem criará a nossa geração de leões? ...irmãs, não abandonem essa linda benção de poder criar as futuras meninas do *Shaam* (UMM-LAYTH, 2014, *apud* MICHAELSON, 2014, tradução nossa<sup>47</sup>).

Dessa forma, a função de esposas e mães também é promovida pelas meninas em redes sociais, a fim de informar as novas *muhajireen*. Shams listou em seu blog “10 fatos de casamento no Estado Islâmico”, expondo que os recém casados recebem sete dias de férias e um presente de US\$ 700 pelo ISIS (MICHAELSON, 2014).

Quando chegam ao território do ISIS as *muhajireen* são alocadas em uma espécie de hostel para mulheres, chamado *maqgar*. Lá residem sem pagar aluguel e recebem alimentação e renda mensal. Ademais, podem receber espólios de guerra, como roupas, sapatos e até eletrodoméstico. A respeito disso, Umm Layth afirma que

Nestas terras nós somos recompensadas por nossos sacrifícios em nossa *hijrah*, por exemplo, alguém recendendo uma *Ghanimah* [bota de guerra]. E eu sei que, honestamente, há algo tão prazeroso em saber que o que você tem foi tirado dos *kuffar* [infiéis] e te entregado pessoalmente por Alá *swf* como um presente. Algumas das muitas coisas incluem aparelhos domésticos de geladeiras, fogões, fornos, micro-ondas, máquinas d milk-shake e etc, aspiradores de pó e produtos de limpeza, ventiladores e mais importante, uma casa com eletricidade e água de graça fornecidas pelo Califa

---

<sup>47</sup> Texto original: We are created to be mothers and wives — as much as the western society has warped your views on this with a hidden feminist mentality. [...] Our role is even more important as women in Islam, since if we don't have sisters with the correct Aqeedah [conviction] and understanding who are willing to sacrifice all their desires and give up their families and lives in the west in order to make Hijrah and please Allah, then who will raise the next generation of Lions? ...Sister's [sic] don't forsake this beautiful blessing being able to raise the future Mujahideen of Shaam.



e sem aluguel (HOYLE; BRADFORT; FRENNET, 2015, p. 21, tradução nossa<sup>48</sup>)

O período no *maqqa* é bastante curto, uma vez que as mulheres são influenciadas a se casarem logo. Ademais, as meninas em si procuram rapidamente por um marido para terem mais liberdade de locomoção. Como solteiras, pelas regras do Alcorão e da *shariah*, essas mulheres não podem sair em público sem estarem acompanhadas de um homem ou de um responsável. Nesse sentido, as meninas que já estão no ISIS, como Umm Ubaydah, avisam em suas contas online “Irmãs *wallah*, ser solteira em *shams* é extremamente difícil, é melhor não estar casada quando vir e se preparar mentalmente (HOYLE; BRADFORT; FRENNET, 2015, p. 23, tradução nossa<sup>49</sup>). Nesse mesmo teor, Umm Layth certifica “ A realidade é que ficar aqui sem um marido é muito difícil...eu já salientei isso no twitter, mas eu realmente preciso que as irmãs parem de sonhar em vir ao Shaam e não se casarem” (MICHAELSON, 2014, tradução nossa<sup>50</sup>).

O casamento costuma ser arranjado por um contato mútuo ou influente na região. Cerca de algumas semanas após a vinda ao ISIS as meninas já estão casadas e morando com seus maridos. Na condição de esposas as mulheres ocupam seu tempo cuidando de afazeres domésticos, como limpar e cozinhar. O tempo restante é gasto em estudos religiosos e em aprender árabe e outros dialetos locais.

Nesse diapasão, Shams descreve seu casamento em seu blog “Bird of Jannah”. Explica que após dois meses no território controlado pelo ISIS decidiu que queria casar para ter mais liberdade, pois a vida sem um marido limitava sua vida social. Relatou isso a uma amiga, cujo marido acordou o matrimônio de Shams com um homem muçulmano conhecido. Ainda tinha dúvidas, mas sua amiga a convenceu

---

<sup>48</sup> Texto original: [I]n these lands we are rewarded for our sacrifices involved in our Hijrah for example one is by receiving Ghanimah [war booty]. And know that honestly there is something so pleasurable to know that what you have has been taken off from the Kuffar [non-believers] and handed to you personally by Allah swt as a gift. Some of the many things include kitchen appliances from fridges, cookers, ovens, microwaves, milkshake machines etc, hoovers and cleaning products, fans and most importantly a house with free electricity and water provided to you due to the Khilafah and no rent included.

<sup>49</sup> Texto original: Sisters *wallah* being single in sham is extremely difficult, it’s best if you’re not married when coming, to mentally prepare yourself.

<sup>50</sup> Texto original: The reality is that to stay without a man here is really difficult. ...I have stressed this before on twitter but I really need sisters to stop dreaming about coming to Shaam and not getting married.

ao traçar uma comparação com seu pai. Shams (MANNWASALWAH, 2014, tradução nossa<sup>51</sup>) relata:

‘Shams, você sempre me conta do seu pai e como você o ama. Você não acha que esse homem parece igual ao seu pai?’ Não consegui dormir naquela noite. Eu olhei para a foto de meu pai e me perguntei se estava pronta para isso. Eu fiz salat ul Istikharah e coloquei toda minha fé em Alá.

Alguns dias depois ambos concordaram em se casar, mesmo não se conhecendo. No dia seguinte é feito o ritual de Nadra-Shar’eeah, em que o noivo vê a noiva pela primeira vez. Shams descreve esse momento como sagrado e de nervosismo, e conta que ao conhecer seu futuro marido, “ele sorriu. E me fez uma pergunta que eu jamais esquecerei pelo resto da minha vida. ‘Podemos nos casar hoje?’ Depois de *Asr*? O fundo do meu coração gritou nãoããã. Mas eu não sei porque eu respondi ‘sim’ (MANNWASALWAH, 2014, tradução nossa<sup>52</sup>). Assim, casaram-se algumas horas depois, em uma cerimônia simples.

Este relato é vivenciado por diversas outras meninas, entre elas Salma e Zahra Halane, as quais foram alocadas no *maqar*, mas dentro de poucas semanas já estavam casadas. O matrimônio fez com que as gêmeas se separassem para viverem com seus maridos em partes diferentes da Síria. Ambos os casamentos não foram duradouros, pois os maridos morreram em conflitos alguns meses depois. Para as mulheres, a morte do marido em combate é um motivo de glória, como denota-se da Imagem 8.

---

<sup>51</sup> Texto original: Shams, you always tell me about your father and how much you love him. Don't you think, this man sounds exactly like your father?"That night, I was unable to sleep. I looked at my father's picture and asking myself am I really ready for this. I made salat ul Istikharah and put my full trust in Allāh.

<sup>52</sup> Texto original: "He smiled. And he asked a question that I shall never forget for the rest of my life. "Can we get married today? After *Asr*?" Deep inside my heart shouted, noooo. But I have no idea why I answered "Yes".

Figura 13: Imagem 8 - *Tweet* de Zahra sobre a morte de seu marido



Fonte: Saltman e Smith (2015)

O chamado martírio consiste na morte em combate, único tipo aceito pelo Estado Islâmico. O combatente é visto como merecedor do paraíso, pois realizou a *jihad* e contribuiu para a causa do grupo. Salma escreve em um *tweet* que se sente honrada de ter sido escolhida, o que Hoyle, Bradford e Frenett (2015, p. 26) traduziram para a percepção de que “é um privilégio seu marido ter sacrificado sua vida em benefício do ISIS”. Por isso, as viúvas glorificam a morte de seus maridos, descrevendo-a em detalhes ou relembrando o tempo junto em postagens nas redes sociais. Assim, a martírio já é algo esperado. Umm Layth escreve que a decisão de se casar com um combatente do ISIS tem como pressuposto a aceitação da realidade, de que em algum momento irão saber do sucesso de seus maridos, ou seja, o martírio (PARASZCZUK, 2015).

Após se tornarem viúvas, as mulheres regressam ao *maqarr* até encontrarem um novo marido (SALTMAN; SMITH, 2015). De fato, espera-se que essas meninas se casem novamente quando o marido morre em batalha (MICHAELSON, 2014). Porém, antes devem passar por um período de luto, chamado de *iddah*, com duração de quatro meses e dez dias (SALTMAN; SMITH, 2015). Durante esse tempo as viúvas devem evitar estarem em público, exceto se extremamente necessário. Contudo, podem receber visitas de outras mulheres no *maqarr*.

Em decorrência da função dos maridos de soldados, e sua rápida morte após o casamento, a maioria das mulheres não seguem para o papel de “mães”. As que conseguem, contudo, devem enfrentar uma gravidez de risco, devido a escassa assistência médica disponível. Apesar do ISIS possuir hospitais e clínicas de saúde em seu território, e uma infraestrutura simples, quedas de energia são frequentes, e

não há equipamento ou equipe médica adequada para um pré-natal. Na prática, a ineficiência de tratamento médico é responsável pelo grande número de abortos espontâneos no grupo terrorista.

Esse cenário é descrito por Shams. Em uma postagem em suas redes sociais conta que o seu filho precisou ficar na UTI de um hospital no ISIS após o nascimento, pois o bebê aspirou líquido amniótico, uma vez que ela, a mãe, estava muito nervosa e temia que o hospital fosse bombardeado, o que dificultou o parto. Apesar da dificuldade, Shams mostra-se realizada como mãe, quando escreve “Quando você sacrifica algo em nome de Alá, Alá sempre te devolve algo igual ou melhor. Uma esposa e uma mãe. É isso que sou hoje” (SALTMAN; SMITH, 2015, p. 41, tradução nossa<sup>53</sup>).

Mensagens semelhantes são divulgadas por outras mulheres migrantes, nas quais afirmam que seus papéis como esposas e mães são importantes para o desenvolvimento pessoal, mas também para o Califado e o ISIS (SALTMAN; SMITH, 2015).

#### **4.4.2 Papéis femininos**

As mulheres migrantes também são recrutadas para desempenharem papéis socialmente femininos, como professoras, enfermeiras e médicas. Essa noção é menos evidente do que as “noivas jihadistas”, mas é igualmente importante para a consolidação do objetivo do grupo. A demanda por profissionais femininas parte de uma necessidade do regime islâmico, em que há forte segregação de gênero. As mulheres têm um papel secundário na ideologia islâmica e sua liberdade, em diversos aspectos, é restrita.

Assim, o Estado Islâmico necessita de mulheres para, essencialmente, tratarem de mulheres. Esta função é descrita no blog de Shams (2014), uma médica no ISIS. Conforme descrito por Saltman e Smith (2015), Shams ocupa um cargo diferenciado, pois a maior parte dos papéis femininos são de professora ou enfermeiras. Apesar disso, é utilizada no presente trabalho como exemplo dos papéis

---

<sup>53</sup> Texto original: When you give up something for the sake of Allah, Allah always gives you something equal or better. A wife & a mother. That's what I'm today.

femininos devido a sua ativa participação *online* em redes sociais como Twitter, Facebook, Ask, e Tumblr, onde descreve em detalhes sua vida no Estado Islâmico.

Shams narra que sua condição de médica no ISIS iniciou quando contou a uma amiga sobre sua qualificação profissional, que a pôs em contato com a autoridade local. O emir local do ISIS lhe ofereceu a uma casa, a qual a médica transformou em uma clínica. A maior dificuldade relatada por Shams em seu emprego é a barreira linguística. Quando chegou ao ISIS não falava árabe ou outro dialeto local e assim, o atendimento a pacientes e seu consequente diagnóstico complicavam a sua atuação profissional. Para ultrapassar essa barreira atende nesta clínica somente casos de ajuda médica primária. Pacientes que demandam diagnósticos complexos são encaminhados ao hospital mais próximo.

Sua rotina consiste em atender pacientes na clínica, onde lhe foi disponibilizado antibióticos básicos, estetoscópio e medidor de pressão. Com essas ferramentas, Shams atende mulheres e crianças com o auxílio de três enfermeiras, que traduzem o relato dos pacientes do dialeto local para árabe, devendo Shams traduzir para inglês sozinha.

Shams e outras *muhajireen* utilizam as redes sociais também para chamar mulheres migrantes a exercerem postos de trabalho na área da saúde. De forma mais subliminar, Umm Layth propõe “Imagine ser uma enfermeira em um hospital do Estado Islâmico [coração] *bi itnillah ta ala*” (UM LAYTH, 2015d, tradução nossa<sup>54</sup>). Já Shams escreve em um de seus *tweets* “Precisamos de mais profissionais *muhajirah* no Estado Islâmico. Atualmente nós temos um hospital só de equipe feminina em Tabqah. Sentindo-me ótima *AlHamdulillah*” (SALTMAN; SMITH, 2015).

A respeito dessa mensagem o Estado Islâmico percebeu a urgência de capacitar mais pessoas em fornecer tratamento médico básico e construiu uma universidade médica em Raqqa. Ademais, cursos básicos estão sendo ministrado no território.

#### 4.4.3 Recrutadoras

A última atividade desempenhada pelas mulheres migrantes é o recrutamento e a propaganda do grupo. O principal método utilizado para isso é a internet. De modo

---

<sup>54</sup> Texto original: Imagine being a nurse at a hospital under Islamic State [heart] *bi itnillah ta ala*.

geral, outros grupos terroristas já utilizaram esta ferramenta como promoção e recrutamento. A grande diferença destes grupos com o Estado Islâmico é que este permite um método descentralizado, mas autopolicionado de propaganda e recrutamento.

As mulheres radicalizadas são altamente ativas online. Por meio de redes sociais como Twitter, Facebook, Ask.fm, Instagram e Tumblr elas relatam suas vidas, desde a radicalização até o presente, e fazem proselitismo. A doutrinação é realizada através de passagens do Alcorão, tais como “O *Sunnah* é como a Arca de Noé, quem embarcar nela alcança salvação e quem recusa é afogado” (UMM LAYTH, 2015b, tradução nossa<sup>55</sup>) e “E o seu Deus é o Clemente, cheio de Misericórdia Mercy [Surah al-Kahf [18:58]]” (UMM LAYTH, 2015c, tradução nossa<sup>56</sup>). Outra forma de proselitismo consiste em mensagens de repressão aos muçulmanos que não realizam a *jihad*, a exemplo de uma postagem de Umm Ubaydah que diz “*Jihad* é a melhor forma de veneração, e por ela os muçulmanos podem atingir os mais altos níveis... a maioria das pessoas não sabem (SALTMAN; SMITH, 2015, p. 24, tradução nossa<sup>57</sup>).

As recrutadoras também estão postam *tweets* que demonstram estarem atualizadas com últimas conquistas do ISIS. Os ataques em Paris e na Bélgica em 2015 e 2016 foram fortemente celebrados nas contas dos membros do ISIS em redes sociais, afirmando que os infiéis foram devidamente mortos e que os atores do ataque serão agraciados por Alá. Semelhantemente, postam mensagens sobre outros ataques islâmicos a países Ocidentais, mesmo que não realizados pelo Estado Islâmico. Em uma postagem de Zahra, das “gêmeas do terror”, celebra o aniversário dos atentados de 11 de setembro, dois meses após se unir ao ISIS (SALTMAN; SMITH, 2015).

Ademais, respondem perguntas de pessoas que mostram interesse pelo islamismo e pelo ISIS. As postagens costumam tratar do que levar ao ISIS, o que esperar da vida lá e como evitar serem pegadas nas fronteiras (ZAVADSKI, 2014). A plataforma mais utilizada para isso é o site ask.fm, que permite o anonimato para

---

<sup>55</sup> Texto original: The Sunnah is like the Ark of Noah, Whoever embarks upon it has reached salvation and whoever refuses is drowned.

<sup>56</sup> Texto original: And your Lord is the Forgiving, full of Mercy [Surah al-Kahf [18:58]]

<sup>57</sup> Texto original: Jihad is the most excellent form of worship, and by means of it the Muslim can reach the highest of ranks...Most people don't know.

ambas as partes. Um exemplo das dúvidas enviadas está na Imagem 9, em que uma pessoa anônima pergunta quando é melhor se casar no Estado Islâmico.

Figura 14: Imagem 9 - Perguntas respondidas pelas recrutadoras

**Is it better to get married straight away and find someone before or stay at the maqar and then get married? What's your opinion?**

Its best if you arrange someone that you want to get married ie through a muhajir sister who is married so her husband can help find you a husband hence you'll have time to know who he is etc It's better that way then staying at a maqar and waiting.

Fonte: Saltman e Smith (2015)

De igual natureza, Umm Ubaydah sugere que as meninas tragam *laptops* com boas lições (ZAVADSKI, 2014). Já Umm-Layth escreve em uma passagem de seu Tumblr os itens e produtos que as novas *mujajirah* devem levar ao território do ISIS,

Você encontra shampoo, sabonete e outros itens de necessidade feminina aqui, então não se estresse se você acha que está vivendo uma vida de mulher de caverna aqui...E por fim, para as mulheres casadas ou que casarão em breve, tragam maquiagem e joias do Ocidente porque, confiem em mim, não há absolutamente nada aqui... a não ser que você queira parecer um palhaço (MICHAELSON, 2014, tradução nossa<sup>58</sup>).

Outras dúvidas recorrentes são se as mulheres migrantes se arrependem da decisão de se unirem ao ISIS e se mantém contato com suas famílias. A resposta padrão para a primeira pergunta é que não há arrependimento algum em fazer parte do grupo islâmico. Contudo, Saltman e Smith (2015) verificaram em sua base de dados que há algumas postagens com tons mais tristes ou arrependidos. Porém, tais mensagens raramente chegam ao público-geral, pois todas as contas das mulheres são vigiadas pelo Estado Islâmico, e assim, postagens negativas são rapidamente deletadas.

Em relação ao contato com a família algumas mulheres continuam a se comunicar com seus parentes, como Shams. Entretanto, verificou-se que estes casos são minoritários e tem como fator comum a família da mulher adotar a religião islâmica, ainda que não em sua forma radical ou com conexão ao ISIS. A comunicação é restrita, devido às quedas frequentes de linhas telefônicas e internet. Assim, Shams

---

<sup>58</sup> Texto original: You can find shampoos soaps and other female necessities here, so do not stress if you think you will be experiencing some cavewomen life here. ...And lastly for the married sisters or soon to be married, bring makeup and jewellery from the West because trust me there is absolutely nothing here. ...Unless you plan on looking like a clown ting

aconselha as mulheres em uma de suas postagens a comprarem chips móveis de celulares na Turquia, país mais utilizada na rota para a Síria e o Iraque pelas mulheres migrantes ocidentais.

Além das chamadas virtuais de líderes do Estado Islâmico, vídeos e revistas virtuais, essa publicização da vida no ISIS é uma forte ferramenta de recrutamento. Meninas indecisas tem a oportunidade de se auto-visualizarem como parte do ISIS, de já saber de antemão como sua vida será e de se prepararem melhor para a jornada até a Síria ou Iraque.

Outrossim, recrutadoras mulheres possuem um discurso mais atrativo para outras meninas, em comparação com as chamadas públicas do Estado Islâmico ou o recrutamento feito por homens. De modo geral, homens utilizam mensagens de violência e *jihad* para atrair jovens ao ISIS, enquanto as mulheres desempenham a mesma tarefa por meio de postagens que retratam o ISIS como uma sociedade normal (MICHAELSON, 2014). As meninas utilizam aspectos como idade e maternidade para se aproximarem de possíveis adeptas do islamismo. Dessa forma, o público alvo, meninas ocidentais, se sentem mais à vontade a se comunicarem com essas migrantes, com pessoas semelhantes a elas e que já passaram pelas mesmas dúvidas e aflições, e assim conseguem indicar o melhor caminho possível a ser seguido.

As mensagens das *muhajireen* em redes sociais contém a mesma linguagem e expressões que as de uma adolescente normal, fazendo com que seja mais fácil a doutrinação e o recrutamento. As postagens costumam ter *emoji* e gírias em inglês, como “lol” e “tbh”, utilizadas nos países ocidentais, combinadas com frases em árabe. Além disso, a condição de mãe das recrutadoras fornece um sentimento de proteção e de família para as meninas ocidentais, com promessas de viverem juntas e de ajudarem uma a outra.

A habilidade das mulheres de ser relacionáveis configura uma parte significativa da máquina de mídia do ISIS (MICHAELSON, 2014). As contas em redes sociais dessas meninas são visualizadas por um grande público. Somente a postagem de Shams sobre seu casamento, repostada em outro Tumblr, tem 668 comentários. Todo este cenário demonstra a força das mulheres migrantes no recrutamento e proselitismo do ISIS e a magnitude de seu alcance.



#### 4.5 A IMPORTÂNCIA DAS *MUHAJIREEN* PARA O GRUPO TERRORISTA ESTADO ISLÂMICO

A participação de mulheres em grupos terroristas é um fenômeno histórico que acontece há vários anos (STEANS, 1998), mesmo que em menor número em comparação com terroristas homens. Assim, o recrutamento de meninas pelo Estado Islâmico não é um fato novo ou singular. O que diferencia o ISIS em relação aos outros grupos terroristas com participação feminina é o papel que essas mulheres exercem na dinâmica do grupo terrorista, como mães, esposas, papéis femininos e recrutadoras.

Costumeiramente, mulheres têm sido utilizadas por essas organizações para papéis de apoio (CUNNINGHAM, 2003). Esses podem variar desde funções domésticas, como limpeza e alimentação dos locais, até trabalhos secundários de uma organização criminosa, como a falsificação de documentos, armazenamento de armas e administração de casas seguras. Tais funções são designadas às mulheres devido a sua maior eficiência em realizar essas tarefas (RUSSELL; MILLER, 1978), ou por questões religiosas. Organizações terroristas islâmicas limitam a participação feminina para atividades secundárias e tradicionais, de acordo com o Alcorão. Consequentemente, a severa interpretação do Islã acerca dos papéis de gênero, via de regra, não permite que mulheres assumam papéis não-tradicionais.

Há alguns casos de terrorismo fundamentalista islâmico em que tal regra é quebrada, como em terroristas suicidas mulheres. Porém, ao contrário do que a mídia faz parecer, são poucos os números de mulheres-bombas (GONZALES-PEREZ, 2008). O gênero feminino continua a ser utilizado principalmente para funções tradicionais de gênero.

Diante deste quadro, as mulheres migrantes do Estado Islâmico têm participação limitada no terrorismo perpetuado pelo grupo, em razão do papel da mulher previsto no Alcorão. Apesar de algumas expressarem desejo de estar em combate, como Umm Ubaydah ao tuítar “eu me pergunto se posso dar uma de Mulan e entrar no campo de batalha” (HOYLE; BRADFORD; FRENETT, 2015, p. 5), a luta é restrita aos homens. Apesar disso, as *muhajireen* são um componente vital para o grupo terrorista. Ao exercerem as funções de esposas e mães, papéis femininos e recrutadoras estão contribuindo para a consolidação do Califado. Nesse sentido, ao

voluntariamente integrarem uma organização terrorista, podem ser consideradas como terroristas também.

Mesmo não praticando atos terroristas em si, no sentido de ações de terror e violência dirigidas para um público maior do que as vítimas imediatas e com fins políticos, algumas mulheres participam de uma espécie de polícia, a qual utiliza a violência para corrigir as transgressoras do Alcorão. Seu nome oficial é Brigada Al-Khanssaa, e corresponde a uma milícia exclusivamente feminina estabelecida pelo ISIS em al-Raqqa (Paraszczuk, 2015). Sua função é fiscalizar as mulheres para que estejam de acordo com o código de vestimenta e de moral estabelecido pelo Estado Islâmico (Zavadski, 2014). As transgressoras são punidas severamente em público, usualmente presas ou agredidas. Uma outra brigada feminina é responsável por fiscalizar pontos de inspeção, a fim de prender homens da oposição que se escondem em vestes femininas (Zavadski, 2014).

Diante do exposto, é evidente que as mulheres migrantes ocidentais são importantes para o grupo Estado Islâmico. O exercício dos papéis de mães e esposas, papéis femininos e recrutadoras constitui um fator significativo na manutenção do Estado Islâmico. Visualizar essas meninas somente como noivas jihadistas é uma concepção bastante reducionista tendo em vista a gama de atividades que desempenham. Mesmo as mulheres que são somente domésticas, isto é, não exercem profissões socialmente femininas, desempenham a tarefa primordial de recrutar novas adeptas à ideologia do ISIS.

Desde o final do ano passado o Estado Islâmico está perdendo território e, conseqüentemente, soldados. Porém tais baixas não significam que o grupo terrorista está perto de ser aniquilado, pois constantemente está recebendo novos membros ou, ainda, sendo usado como justificativa em ações terroristas de lobos solitários. Isso implica na constatação que ataques militares por si só não são suficientes para deter o ISIS. Para este fim deve haver uma combinação das forças militares com a prevenção ao radicalismo, pois este é a grande fonte de poder do ISIS. Sem novos membros e adeptos o Estado Islâmico não tem como expandir seu domínio, e sem mulheres em especial a população das áreas dominadas começará a diminuir, pois faltará assistência médica, esposas para assegurar a continuação das gerações de jihadistas e recrutadoras que saibam como comunicar e atrair o público feminino. Dessa forma, as mulheres migrantes desempenham um papel primordial e contribuem em peso para a consolidação do objetivo-geral do Estado Islâmico.

## 5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar como o papel das mulheres migrantes ocidentais contribui e é importante para a consolidação do Califado, objetivo-maior do grupo terrorista Estado Islâmico. A partir do objetivo geral foram desenvolvidos três objetivos específicos, os quais foram desenvolvidos nos três capítulos que estruturam este trabalho.

As reflexões desenvolvidas partiram do marco teórico do terrorismo. Primeiramente, traçou-se as origens históricas do terrorismo e seus principais acontecimentos ao longo dos anos, desde a Antiguidade até o século XXI. Em seguida foi exposta a problemática de conceituar terrorismo. Ficou verificado que não há uma definição única e consensual de terrorismo, mas sim diversas definições com elementos comuns que permitem traçar um quadro do que é terrorismo. Assim, pode-se afirmar que terrorismo consiste no uso ou ameaça de uso de violência ou terror para causar medo e pânico em público-alvo maior que o das vítimas imediatas, com fins de alcançar um objetivo político.

Ademais, o terrorismo pode ser categorizado em nacional e internacional de acordo com o escopo geográfico de sua atuação. O terrorismo nacional constitui-se em ataque a um público específico em um espaço geográfico restrito, mediante o uso do terror e com finalidade política. Porém, com o passar dos anos o terrorismo adquiriu dimensões globais, surgindo o terrorismo internacional. Tal transformação aconteceu principalmente durante os anos 1970, e designa o terrorismo perpetrado além das fronteiras nacionais do grupo, ou seja, sem delimitação geográfica, podendo ter como vítimas qualquer entidade, local ou pessoa, mas ainda mediante o uso ou ameaça de violência e com finalidade política.

Em seguida, identificou-se as características gerais do terrorismo tais como ação não-estatal, território não-delimitado e sem definição dos inimigos. Isso configura o terrorismo com os elementos de imprevisibilidade e arbitrariedade, além do ataque ser direcionado a um público global maior que as vítimas imediatas. Adicionalmente, há a natureza assimétrica e irregular no conflito e indiscriminada quanto às vítimas humanas, a brutalidade dos atos e o caráter amoral e de anomia das ações do grupo. Outrossim, o objetivo buscado pelo grupo é não-negociável, possui organização e dinâmica complexas, e ainda alguns grupos terroristas têm como característica o uso de novas tecnologias.

Apontou-se as tipologias do terrorismo, quais sejam, terrorismo revolucionário, sub-revolucionário, étnico-nacionalista, internacional, religioso, separatista, criminal, mas deu-se ênfase ao terrorismo fundamentalista islâmico. Este consiste no uso ou ameaça do uso da violência e do terror para empreender a *jihad* contra os infiéis e assim disseminar do islamismo ao redor do mundo.

O segundo capítulo apresenta a organização do grupo terrorista Estado Islâmico e seu objetivo maior, a construção e expansão do Califado. Preliminarmente, explicou-se as terminologias utilizadas para designar o Estado Islâmico e que este trabalho adota os termos Estado Islâmico e ISIS. Em seguida, explanou a história do Estado Islâmico, desde seu pai fundador, al-Zarqawi até o atual Califa al-Baghdadi e como o grupo era uma célula da AlQaeda no Iraque, mas se separou formalmente em 2014 por divergências na interpretação do Islã e dos modos de conduta aceitos por ambas as organizações. Quando al-Baghdadi declarou a atual nomenclatura do grupo e seu objetivo-maior, a construção e expansão do Califado, o ISIS já contava com amplo território e recursos financeiros, decorrentes da guerra por procuração e de outros empreendimentos financeiros.

O Califado é visto como um estado islâmico ideal e utópico, porém para qualquer organização política ser considerada um Estado deve ter os três elementos constituintes: território, governo e população, além de reconhecimento pela comunidade internacional. Esta vê o Estado Islâmico somente pelo que ele verdadeiramente é, uma organização terrorista. Dessa forma, o Califado do grupo é entendido como um Estado-fantasma ou pseudo-Estado, isto é, o resultado de um processo no qual uma organização armada possui infraestrutura socioeconômica de um Estado, mas carece de estrutura política de fato.

Com efeito, o ISIS possui território, uma forma de organização hierárquica que pode ser comparada a um governo, e população, no sentido do conjunto de combatentes, adeptos e migrantes que estão em seu território. A população constitui o aspecto chave na manutenção e expansão do Califado. Por conta disso, o ISIS tem investido fortemente no recrutamento de novos membros estrangeiros, através da mensagem ideológica, radicalização e proselitismo. De fato, estima-se que há cerca de vinte mil combatentes estrangeiros no ISIS, e destes, quinhentos e cinquenta são mulheres.

O elevado número de mulheres migrantes ocidentais no Estado Islâmico, um grupo de ideologia islâmica radical, conhecido por tratar a mulher de forma retrógrada

e misógina, demanda um questionamento acerca das funções e importância dessas mulheres ao grupo.

Dessa forma, o capítulo 3 analisa a contribuição e importância do papel das mulheres migrantes ocidentais na consolidação do objetivo-maior do Estado Islâmico. Para isso foi utilizada uma amostra das mulheres migrantes ocidentais, devido a suas postagens em redes sociais e reportagens acerca de seu recrutamento. Essa amostra constitui os únicos dados disponíveis coletados até o presente momento acerca das mulheres migrantes ocidentais no ISIS. Assim, em que pese tratar de casos particulares as descobertas relatadas podem ser interpretadas por analogia como premissas para mulheres migrantes ocidentais em geral, considerando a disponibilidade de informações até este momento.

Apresenta-se as propagandas do ISIS de recrutamento do gênero feminino, tais como manifestos de comportamento das mulheres islâmicas e a coluna “sisters of the islamic state” da Dabiq, revista oficial do Estado Islâmico. Outrossim, ilustra as imagens utilizadas para atrair mulheres à causa do grupo, as quais mostram cenas de vitimização de muçulmanos, utopia do Estado Islâmico e famílias e crianças felizes.

Outrossim, explica-se as motivações que levam essas mulheres a deixarem suas casas e migrarem para o ISIS. Estas são divididas em “push factors” e “pull factors”. Push Factors são os elementos extrínsecos ao grupo islâmico, mas que impelem a pessoa ao terrorismo da organização. O primeiro é um sentimento de isolamento dentro da cultura ocidental, seguido do sentimento de que a comunidade islâmica é perseguida mundialmente e por fim, raiva e frustração com a inércia internacional em solucionar conflitos com um alto índice de morte de islâmicos.

Os “Push Factors”, por sua vez, são elementos intrínsecos ao ISIS que fornecem incentivos positivos e razões motivacionais para as mulheres aderirem ao grupo terrorista. O primeiro fator são os objetivos idealísticos de dever religioso e de construção de um Estado Califado utópico. Em seguida, há o sentimento de pertencimento e irmandade. Em derradeiro, há a romanticização da experiência, que se traduz no sentimento de aventura de deixar seu lar e ir ao Estado Islâmico e de encontrar romance na forma de esposa e mãe.

Por esse norte, a pergunta de pesquisa é respondida ao se identificarem os papéis das mulheres migrantes ocidentais dentro do grupo. A primeira função é de esposas e mães, o que ficou popularmente conhecido como “noivas jihadistas”. Por este prisma, as mulheres que engajam na causa islâmica extremista são incumbidas

de garantir a continuidade da população do “Estado”, casando logo que chegam ao território e tentando ter filhos para garantir a nova geração de jihadistas.

O segundo papel é menos evidente, mas não menos importante. O Estado Islâmico procura recrutar o gênero feminino para cumprir certos postos de trabalho vistos socialmente como papéis femininos, como de médicas, enfermeiras e professoras. Esta demanda parte de uma necessidade do regime islâmico, em que há forte segregação de gênero. Assim, sucintamente, necessita-se de mulheres para cuidar de outras mulheres.

Já o terceiro papel desempenhado pelas mulheres migrantes ocidentais é o de recrutadoras. Por meio de postagens em redes sociais, essas meninas realizam proselitismo, descrevem suas vidas no ISIS e respondem perguntas de pessoas que mostram interesse pela causa do grupo.

Dessa forma, conclui-se que as mulheres migrantes desempenham um importante papel para a consolidação do objetivo-geral do Estado Islâmico. Através das funções de esposas e mães é assegurado a continuação das gerações de jihadistas e a expansão do grupo. Outrossim, o exercício de papéis femininos garante a educação das crianças e saúde dos “cidadãos” do ISIS, e assim, a manutenção de sua população. Por fim, a função de recrutadoras salvaguarda a manutenção e expansão do grupo, ao saber como se comunicar e atrair o público feminino. Ao se responsabilizar por recrutar novos membros e adeptos o Estado Islâmico, e em especial meninas, está garantindo as demais funções exercidas por mulheres ou novos combatentes para o ISIS.

Por conseguinte, a análise realizada através dos dados disponíveis demonstra que o fenômeno da migração de mulheres ocidentais para participarem do ISIS tem importância para o grupo, pois investe fortemente em propagandas específicas para o gênero feminino e realiza atos que demonstram o valor da mulher. A chamada por muçulmanos para compor o Califado tem como público alvo ambos os sexos, pois o objetivo almejado é a construção de um Estado, e não só de um exército para o grupo armado. Se o ISIS desejasse somente pessoas para lutar em seu nome não estaria recrutando mulheres, que pela lei do grupo não podem entrar no combate. Então, pode-se concluir que a mulher tem importância para o grupo.

Ademais, o número expressivo de *muhajireen* deve ser uma preocupação de segurança para os países ocidentais. Os dados coletados demonstram que essas meninas estão insatisfeitas com o modo pelo qual são retratadas na sociedade e

também pelo tratamento dado aos muçulmanos. Essa raiva e rancor podem se transformar em atos de violência, indiretos ou não. As publicações da amostra incluem mensagens de louvor aos atentados de 11 de setembro e às mortes de soldados americanos. Estas meninas possuem conhecimento sobre seus países que podem ser úteis em ataques, além de instigarem ódio e incentivarem ações de lobo solitários. Outrossim, restou evidente que se tivessem a chance essas meninas participariam ativamente das atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico, aumentando ainda mais o número de mortes causadas por ele. Este cenário não é impossível de acontecer, pois outras organizações armadas já elevaram o papel da mulher para combatente quando estavam com poucos soldados. Assim, as mulheres migrantes não devem ser descartadas como uma ameaça.

Portanto, tendo em vista os pontos expostos, conclui-se que as mulheres migrantes desempenham um conjunto de papéis importantíssimos para a manutenção e expansão do Califado do grupo terrorista Estado Islâmico.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Mariano. **De onde vem o dinheiro que financia o Estado Islâmico?**. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825\\_financiamento\\_estado\\_islamico\\_lgb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140825_financiamento_estado_islamico_lgb)>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- ALI, Mah-Rukh. **ISIS and propaganda: how ISIS exploits women**. Oxford: University of Oxford, 2015.
- ALMUKHTAR, Sarah. **ISIS finances are Strong**. 2015. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/interactive/2015/05/19/world/middleeast/isis-finances.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/interactive/2015/05/19/world/middleeast/isis-finances.html?_r=0)>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- AMORIM, Alexandre Santos de. **A globalização do radicalismo islâmico: um estudo de caso da Al Qaeda sob a luz do choque de civilizações**. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1486/1/2008\\_AlexandreSantosdeAmorim.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1486/1/2008_AlexandreSantosdeAmorim.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2016.
- BBC. **Mapas explicam batalha do 'EI' pela Síria e pelo Iraque**. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015\\_mapas\\_siria\\_lab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015_mapas_siria_lab)>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- BBC. **Os países que mais recebem refugiados sírios**. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150910\\_vizinhos\\_refugiados\\_lk](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150910_vizinhos_refugiados_lk)>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- BBC. **Entenda a 'mini guerra mundial' que ocorre na Síria**. 2016. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216\\_siria\\_nova\\_guerra\\_tg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216_siria_nova_guerra_tg)>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- BERGER, J. M. **How ISIS Games Twitter: The militant group that conquered northern Iraq is deploying a sophisticated social-media strategy**. 2014. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/isis-iraq-twitter-social-media-strategy/372856/#article-comments>>. Acesso em: 01 jun. 2016.
- BERGER, J. M.; STRATHEARN, Bill. Who Matters online: measuring influence, evaluating content and countering violent extremism in online social networks. **The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence**.



Londres. 2013. Disponível em: < [http://icsr.info/wp-content/uploads/2013/03/ICSR\\_Berger-and-Strathearn.pdf](http://icsr.info/wp-content/uploads/2013/03/ICSR_Berger-and-Strathearn.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2016.

BIANCHI, Alvaro. O conceito de estado em Max Weber. **Lua Nova**, São Paulo , n. 92, p. 79-104, Aug. 2014 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452014000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452014000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

BRIEGER, Pedro. **Qué es AlQaeda?**: Terrorismo y violencia. Madrid: Clave Intelectual. 2011.

BUENO, Pedro. **Terrorismo**: algunas cuestiones pendientes. Valencia: Tirant, 2009.

CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud (Ed.). **The history of terrorism**: from antiquity to Al Qaeda. Los Angeles: University Of California Press, 2007. Tradução de: Edward Schneider, Kathryn Pulver e Jesse Browner.

COTTEE, Simon. **What ISIS Women Want**: Western women who join the Islamic State aren't victims who've been groomed or seduced by men. They're committed jihadis in their own right. 2016. Disponível em: < <http://foreignpolicy.com/2016/05/17/what-isis-women-want-gendered-jihad/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

CRENSHAW, Martha. The Organization of Terrorism. In: ELLIS III, James O. (Ed.). **Terrorism**: What's Coming-The Mutated Threat. Oklahoma City: Memorial Institute for the Prevention of Terrorism, 2007. p. 19-27.

CUNNINGHAM, Karla J. Cross-Regional Trends in Female Terrorism. **Studies in Conflict and Terrorism**. [s.l.], n. 26, p. 171–95, 2003.

DINIZ, Eugenio. Compreendendo o fenômeno do terrorismo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABCP, 3., 2002, Niterói. **Anais...** . Niterói: ABCP, 2002. p. 197 - 221.

DEGAUT, Marcos. **O desafio global do terrorismo**: política e segurança internacional em tempos de instabilidade. Brasília: CSI Publishing, 2014.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DUARTE, Felipe Pathé. **Quem são os lobos solitários?**. [2013]. Disponível em: <<http://oscot.pt/quem-sao-os-lobos-solitarios/>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

EUA. DEPARTAMENTO DE ESTADO. **Country Report on Terrorism 2014**. [s.l.]: Publicação do Departamento de Estado, 2014. Disponível em: <<http://www.state.gov/documents/organization/239631.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2016.

EUA. DEPARTMENT OF DEFENSE. **Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms**. [s.l.]: Department Of Defense, 2010. As amended through 15 February 2016. Disponível em: <[http://www.dtic.mil/doctrine/new\\_pubs/jp1\\_02.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp1_02.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2016.

EUROPOL. **European Union Terrorism Situation and Trend Report 2015 (TE-SAT 2015)**. [s.l.]: Europol, 2015. 52 p. Disponível em: <<https://www.europol.europa.eu/content/european-union-terrorism-situation-and-trend-report-2015>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

FBI: ISIS producing videos to target American women. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XMB8gxpc0oc>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

FOLHA DE S. PAULO. **Rússia faz novos ataques na Síria e admite ter alvos além do EI**. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/10/1688807-russia-faz-novos-ataques-na-siria-e-admite-ter-alvos-alem-do-ei.shtml>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

GLOBO. **Espanha lembra 10 anos do maior atentado terrorista de sua história: As homenagens começaram nesta segunda-feira na Ópera em Madri, onde 365 vítimas foram condecoradas durante a cerimônia solene**. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/espanha-lembra-10-anos-do-maior-atentado-terrorista-de-sua-historia-11842357>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

GONZALES-PEREZ, Margaret. **Women and Terrorism: Female activity in domestic and international terror groups**. Nova York: Routledge, 2008.

GUIMARÃES, Marcelo Ovídio L. **Tratamento Penal do Terrorismo**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

HALLIDAY, Fred. **Two hours that shook the world: September 11, 2001 Causes and Consequences**. London: Saqi, 2002.

HOFFMAN, Bruce. **Inside terrorism**. Nova York: Columbia University Press, 2006.

HORGAN, John. **Psicología del terrorismo: cómo y por qué alguien se convierte en terrorista**. Barcelona: Gedisa, 2006.

HOUGH, Peter. **Understanding global security**. 2 ed. London: Routledge, 2008.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recompensa da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IACCINO, Ludovica. **Isis Insurgents Tweet Picture of Beheaded Man: This is our ball. It's made of skin #WorldCup**. 2014. Disponível em: <<http://www.ibtimes.co.uk/isis-insurgents-tweet-picture-beheaded-man-this-our-ball-its-made-skin-worldcup-1452643>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

IBRAHIM, I. A. **Um breve guia ilustrado para compreender o Islã**. Houston: Darussalam Publishers and Distributors, 2002. Tradução de: Maria Christina de S. Moreira. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/ligaarabe/guia\\_ibrahim\\_compreender\\_islam.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/ligaarabe/guia_ibrahim_compreender_islam.pdf)>. Acesso em: 14. Maio 2016.

IHS CONFLICT MONITOR. **Islamic State lost 22 percent of territory in past 15 months, IHS says**. 2016a. Disponível em: <<http://press.ihs.com/press-release/aerospace-defense-security/islamic-state-lost-22-percent-territory-past-15-months-ihs->>. Acesso em: 21 jun. 2016.

IHS CONFLICT MONITOR. **Islamic State territorial gains and losses from 1 Jan 2015 to 15 March 2016**. 2016b. Disponível em: <[http://press.ihs.com/sites/ihs.newshq.businesswire.com/files/islamic\\_State\\_territorial\\_gains\\_and\\_losses\\_15\\_march.jpg](http://press.ihs.com/sites/ihs.newshq.businesswire.com/files/islamic_State_territorial_gains_and_losses_15_march.jpg)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

ISIS used to have another name: al-Qaeda in Iraq (AQI). [24 nov. 2015]. Aplicativo Snapchat

HALL, Ellie. **An ISIS Love Story: "Till Martyrdom Do Us Part"**. 2014. Disponível em: <[https://www.buzzfeed.com/elliievhall/an-isis-love-story-till-martyrdom-do-us-part?utm\\_term=.uf38j7Qlw#.qu9W5qkQo](https://www.buzzfeed.com/elliievhall/an-isis-love-story-till-martyrdom-do-us-part?utm_term=.uf38j7Qlw#.qu9W5qkQo)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Syria**. 2016. Disponível em: <<https://www.hrw.org/middle-east/n-africa/syria>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

JENKINS, Brian. International terrorism. In: **The use of force: military power and international politics**. Nova York: Rowman & Littlefield Publishers INC., 1999.

JENKINS, Brian. **The new age of terrorism**. Santa Monica: RAND, 2006.

JORNAL DE NOTÍCIAS. **Estado Islâmico já perdeu 45% do território no Iraque**. 2016. Disponível em: <<http://www.jn.pt/mundo/interior/estado-islamico-ja-perdeu-45-do-territorio-no-iraque-5177956.html>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

KAMEL, Ali. **Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus, e cristãos e as origens do terrorismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KAREN, Armstrong. **Em nome de Deus: o Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

KEGLEY, Charles (Ed.). **The New Global Terrorism: Characteristics, Causes, Controls**. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

KHADER, Bichara. **El mundo árabe explicado a Europa**. Barcelona: Icaria, 2010.

LAPSKY, Igor. 11-09-2011: um debate sobre terrorismo e política norte-americana. In: CHAVES, Daniel; WINAND, Erica; PINHEIRO, Lucas (Org.). **Perspectivas e debates em segurança, defesa e relações internacionais**. Macapá: Edunifap, 2015. p. 110-123.

LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism**. New York: Oxford University Press, 2000.

LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: fanaticism and the arms of mass destruction**. Oxford: OUP, 1999.

MANNWASALWAH. **Diary-of-a-muhajirah**. 2014. Disponível em: <<http://mannwasalwah.tumblr.com/post/97498993330/diary-of-a-muhajirah-i-would-like-to-narrate>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

MICHAELSON, Ruth. How the brides of ISIS are attracting Western women. 2014. Disponível em: <<http://theweek.com/articles/442680/how-brides-isis-are-attracting-western-women>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

MILMO, Cahal. **Iraq crisis exclusive:** ISIS jihadists using World Cup and Premier League hashtags to promote extremist propaganda on Twitter. 2014. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/iraq-crisis-exclusive-isis-jihadists-using-world-cup-and-premier-league-hashtags-to-promote-9555167.html>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

MORALES, Tania Gabriela Rodríguez. El terrorismo y nuevas formas de terrorismo. **Espacios Públicos**. Toluca, v. 15, n. 33, p. 72-95, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67622579005>>. Acesso em: 3 maio 2016.

MULLEN, Rachel. ISIS Is Recruiting American Women Through Videos... Why It's Working. [2015]. Disponível em: <<http://www.thepoliticalinsider.com/isis-is-recruiting-american-women-in-videos-why-its-working/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

NAIDOO, Nadiyah Kaur. **Women and the Islamic State**. 2015. Disponível em: <<https://www.artefactmagazine.com/2015/03/11/women-and-isis/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

NAPOLEONI, Loretta. **A fênix islamista: O Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. Tradução de: Milton Chaves de Almeida

NEUMANN, Peter R.. **Foreign fighter total in Syria/Iraq now exceeds 20,000; surpasses Afghanistan conflict in the 1980s**. 2015. Disponível em: <<http://icsr.info/2015/01/foreign-fighter-total-syriairaq-now-exceeds-20000-surpasses-afghanistan-conflict-1980s/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

O FIM DOS TEMPOS. (Vídeo) **Estado Islâmico Executa com Colares Explosivos, Decapitações e Tiros na Cabeça / Para Onde Fugir? (Where to Flee)**. 2016. Disponível em: <<https://www.ofimdostempos.com/estado-islamico-ei-isis/2016/04/19/video-estado-islamico-executa-com-colares-explosivos-decapitacoes-e-tiros-na-cabeca-para-onde-fugir-where-to-flee/>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

PAPE, Robert. **Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism**. Nova York: Random House, 2005

PARASZCZUK, Joanna. **What To Do After Your Husband's Martyrdom**. 2015. Disponível em: <<http://www.rferl.org/content/what-to-do-after-your-husband-martyrdom/26821892.html>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

RAFIQ, Haras; MALIK, Nikita. **Caliphettes: Women and the Appeal of the Islamic State**. Portland: Quilliam Foundation, 2015.

REDE ANGOLA. **A situação na Síria**. 2014. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/multimedia/a-situacao-na-siria/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

REINARES, Fernando. Conceptualising International Terrorism. **ARI**. Madri, n. 82, p. 1-6, 2005. Disponível em: <<http://www.realinstitutoelcano.org/analisis/802/Reinares802.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

RUSSELL, Charles A.; MILLER, Bowman H. Profile of a Terrorist. In: Elliott, J. D.; Gibson, L.K. (Ed.). **Contemporary Terrorism: Selected Readings**. Gaithersburg: International Association of Chiefs of Police, 1978, p. 81–96.

R7. **Um dia após ataques em Orlando lobo solitário do Estado Islâmico mata dois policiais franceses**. 2016. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/um-dia-apos-ataques-em-orlando-lobo-solitario-do-estado-islamico-mata-dois-policiais-franceses-15062016>>. Acesso em: 15 jun. 2016

SALTMAN, Erin Marie; SMITH, Melanie. **'Till Martyrdom Do Us Part': Gender and the ISIS Phenomenon**. Londres: Institute For Strategic Dialogue, 2015. Disponível em: <[http://icsr.info/wp-content/uploads/2015/06/Till\\_Martyrdom\\_Do\\_Us\\_Part\\_Gender\\_and\\_the\\_ISIS\\_Phenomenon.pdf](http://icsr.info/wp-content/uploads/2015/06/Till_Martyrdom_Do_Us_Part_Gender_and_the_ISIS_Phenomenon.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2016.

SCHMID, Alex; JONGMAN, Albert. **Political Terrorism**. Piscataway: Transaction Publishers, 2005

SCHMID, Alex; JONGMAN, Albert. **Political Terrorism: A new guide to actors, authors, concepts, databases, theories and literature**. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1988

SIVAN, Emmanuel. **Radical Islam: Medieval Theology and Modern Politics**. [s.l.]: Yale University, 1985.

SMELSER, Neil J., MITCHELL, Faith, (Ed.). **Terrorism: Perspectives from the behavioral and Social Sciences**. Washington: National Academies Press, 2002.

SOUZA, Bruno Mendelski de. **A construção do conceito de inimigo nos discursos de Osama Bin Laden no período de 1996 a 2004**. 2012. 228 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54091/000851264.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

STEANS, Jill. **Gender and international relations: An introduction**. [s.l.]: Rutgers University Press, 1998.

SUAREZ, Marcial A. Garcia. **As guerras de George W. Bush e o terrorismo no século XXI**. 1ed. Curitiba: Appris, 2013.

TAIT, Robert. **ISIS' half-a-billion-dollar bank heist makes it world's richest terror group**: The al-Qaeda splinter grouping made off with £256 million in cash and a large amount of gold bullion from Mosul's central bank during its takeover of the city. 2014. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/iraq/10899995/ISIS-half-a-billion-dollar-bank-heist-makes-it-worlds-richest-terror-group.html>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

THACKER, Purvi. **ISIS propaganda to lure women is dangerous and carefully planned**: New propaganda by ISIS for luring women is targeted and cleverly thought out. 2015. Disponível em: <<http://nytlive.nytimes.com/womenintheworld/2015/03/24/isis-propaganda-to-lure-women-is-dangerous-and-carefully-planned/>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

THE CLARION PROJECT. **The Islamic State's (ISIS, ISIL) Magazine**. 2014. Disponível em: <<https://www.clarionproject.org/news/islamic-state-isis-isil-propaganda-magazine-dabiq>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

THIS IS the promise of Allah. 2014. Disponível em: <[https://ia902505.us.archive.org/28/items/poa\\_25984/EN.pdf](https://ia902505.us.archive.org/28/items/poa_25984/EN.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

TRANSNATIONAL terrorism, security and the rule of law. **Defining Terrorism**. [s.l.]. WP 3, Deliverable 4, 1 Out., 2008.

UMM LAYTH. **No outcry when Sunnis get murdered but when kuffs or shia get killed then the whole moderate world unites**. 2015a. Twitter. Disponível em: <[https://twitter.com/Brooke\\_Ess/status/615031541962424320](https://twitter.com/Brooke_Ess/status/615031541962424320)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

UMM LAYTH. **The Sunnah is like the Ark of Noah, Whoever embarks upon it has reached salvation and whoever refuses is drowned**. 2015b. Twitter. Disponível em: <[https://twitter.com/Brooke\\_Ess/status/598137930591277056](https://twitter.com/Brooke_Ess/status/598137930591277056)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

UMM LAYTH. **And your Lord is the Forgiving, full of Mercy [Surah al-Kahf [18:58]**. 2015c. Twitter. Disponível em: <[https://twitter.com/Brooke\\_Ess/status/614331303522009088](https://twitter.com/Brooke_Ess/status/614331303522009088)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

UMM LAYTH. **Imagine being a nurse at a hospital under Islamic State [heart] bi itnillah ta ala**. 2015d. Twitter. Disponível em: <[https://twitter.com/Brooke\\_Ess/status/612423737766379520](https://twitter.com/Brooke_Ess/status/612423737766379520)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

UNITED NATIONS. Sanctions List, de 13 de maio de 2016. **Consolidated United Nations Security Council Sanctions List**. [s.l.], 13 maio 2016. Disponível em: <<https://www.un.org/sc/suborg/sites/www.un.org.sc.suborg/files/consolidated.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2016. CITAÇÃO: UNITED NATIONS, 2016

VAN OSTAEYEN, Pieter. **The Islamic State Restores the Caliphate**. 2014. Disponível em: <<https://pietervanostaeyen.wordpress.com/2014/06/29/the-islamic-state-restores-the-caliphate/>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico**: desvendando o exército do terror. São Paulo: Seoman, 2015. Tradução de: Jorge Ritter.



ZAKARIA, Rafia. **Women and Islamic Militancy**. 2015. Disponível em: <<https://www.dissentmagazine.org/article/why-women-choose-isis-islamic-militancy>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

ZAVADSKI, Katie. **Meet the Female Recruiters of ISIS**. 2014. Disponível em: <<http://nymag.com/daily/intelligencer/2014/09/meet-the-female-recruiters-of-isis.html>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

WINTER, Charlie. **The Virtual 'Caliphate'**: Understanding Islamic State's Propaganda Strategy. Portland: Quilliam Foundation, 2015a.

WINTER, Charlie. **Women of the Islamic State**: A manifesto on women by the Al-Khanssaa Brigade. Portland: Quilliam Foundation, 2015b.